

2025

**CINE
SESC**

Sesc
CNC Senac



Rio de Janeiro

Sesc | Serviço Social do Comércio

Departamento Nacional

2025

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Sistema

CNC-Sesc-Senac

José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais

Érlei José de Araujo (interino)

Diretoria de Operações Compartilhadas

Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Coordenação de conteúdo

Gerência de Cultura

Coordenação editorial

Assessoria de Comunicação

DEPARTAMENTOS REGIONAIS

ADERENTES AO PROJETO NACIONAL

Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo,

Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato

Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba,

Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro,

Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul,

Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São

Paulo, Tocantins

POLOS DE REFERÊNCIA DO

DEPARTAMENTO NACIONAL

Polo Educacional Sesc

Polo Socioambiental Sesc Pantanal

Polo Sociocultural Sesc Paraty

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Bibliotecária: Renata de Souza Nogueira CRB-7/5853

Sesc. Departamento Nacional.

CineSesc 2025 / Sesc, Departamento Nacional. –

Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2025.

1 recurso eletrônico (14,3 Mb).

Suporte: E-book

Formato: Pdf.

1. CineSesc - Catálogos. 2. Cinema - Brasil. I. Título.

CDD 791.43

©Sesc Departamento Nacional, 2025

Telefone: (21) 2136-5555

sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n.º 9.610 de 9/2/1998.

Os textos são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Sesc.

CURADORIA 2025

José Edgar Ferreira Neto (AC), François
Fernandes Alcântara (CE), Gabriel
Albuquerque (ES), Carolina Breviglieri
(GO), Davi Coelho (MA), Karla Ribeiro G.
Mesquita (MT), Larissa Scarpelli (MG),
Cassia Helena Mazzei de Campos (MS),
Anderson Mueller (RS), Angélica Menezes
(RO), Suelen Cristina Nino Fernandes (PA),
Bruno Pacelly Monteiro (PB), Gabi Saegesser
(PE), Edson Ferreira Godinho Filho (PR),
Leandro Luz (RJ), Cecília de Nichile (SP),
Gabriel Dias (TO), Kamila Debortoli (SC),
Lorran Dias (Departamento Nacional),
Wagner Bettero (Departamento Nacional)

***SESC E A
CULTURA
AUDIOVISUAL
NO BRASIL***

Há quase 80 anos, o Sesc contribui para a qualidade de vida de milhões de pessoas por meio de ações em Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência. A partir de sua política cultural, tem a multiplicidade como uma de suas principais características de atuação no Brasil, sobretudo com trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo.

Tecendo pontes e diálogos entre diversos extratos sociais e várias manifestações artísticas e culturais, o Sesc cria espaços de socialização que funcionam como verdadeiras plataformas para que as diversas culturas se encontrem e, a partir do encontro, se transformem, atualizando e fortalecendo valores essenciais para uma sociedade plural e democrática.

Enquanto projeto nacional, o CineSesc é uma expressão fundamental dessa atuação plural e multifacetada do Serviço Social do Comércio. Ele constrói uma rede nacional de exibição de cinema, estruturada por meio das unidades operacionais do Sesc e dos profissionais de Cultura de todas as regiões do país. Essa rede promove a pluralidade ao conectar os olhares de diversas audiências brasileiras com os pontos de vista dos mais variados filmes exibidos, sejam estes brasileiros ou estrangeiros.

Possibilitar que trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, seus familiares e a população em geral possam criar identidade e comunidade por meio do audiovisual é uma das diversas iniciativas culturais nas quais o Sesc reafirma seu papel como agente de democratização do acesso à cultura e da socialização que emerge dessa experiência.

Departamento Nacional do Sesc



SUMÁRIO

Apresentação	10
Introdução	12
Filmes e cineastas	15
Panoramas e mostra	21
Panorama Infantojuvenil	23
Panorama Nacional	25
Panorama Longevidade	27
Panorama Internacional	29
Mostra Filme-Monumento: cinema biográfico brasileiro	31
Ensaaios Críticos	33
Retrospectiva Brasil	53
Cineastas	71
Sinopse e ficha técnica	93

APRESENTAÇÃO

CINESESC – CONECTANDO O BRASIL PELO CINEMA

Criação de uma rede nacional de exibição cinematográfica pelo Serviço Social do Comércio, atuante em todas as regiões do Brasil por meio das seguintes ações:

Curadoria e contratação de acervo, com longas-metragens licenciados por um ano para exibições presenciais e gratuitas.

Programação dos filmes em espaços próprios do Sesc, incluindo unidades, salas de cinema, projeções itinerantes e parceiros externos, como festivais de cinema.

Atividades formativas para capacitação do público no campo audiovisual.

Programas públicos voltados à mediação cultural e à mobilização de espectadores, com foco nos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes.

Com alcance nacional, o CineSesc contribui para a transformação social ao democratizar o acesso a produções cinematográficas diversas, sobretudo brasileiras, além de promover experiências coletivas a partir dos filmes exibidos em todos os estados que participam do projeto.

Atualmente, um dos principais desafios da indústria audiovisual brasileira é a dificuldade de distribuição dos filmes nacionais. Segundo o site exibidor, em 2023, os filmes nacionais representaram apenas 1,43% do público nos cinemas brasileiros, o pior índice desde 2012. Muitas produções reconhecidas internacionalmente permanecem restritas a públicos específicos, principalmente aqueles com formação superior. Quando atingem o grande público, na maioria das vezes isso ocorre devido à projeção de seus realizadores na televisão ou na internet.

Nesse contexto, o Sesc desempenha um papel fundamental ao ampliar o acesso ao cinema e garante que a diversidade da produção nacional alcance diferentes públicos, além de possibilitar aos realizadores uma circulação presencial possível após a carreira de festivais e bilheterias.

O CineSesc se estabelece como uma janela estratégica para o cinema brasileiro, considerando que as produções nacionais ainda não ocupam os maiores números de bilheteria nas salas comerciais do país. Além disso, muitas cidades ainda carecem de espaços adequados para a exibição cinematográfica. Conforme os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 9% dos municípios brasileiros possuem salas de cinema. Isso significa que 91% das cidades do país não contam com esse tipo de equipamento cultural. Consequentemente, cerca de 40% da população brasileira vive em municípios sem acesso a salas de cinema.

Desse modo, o Sesc se torna uma das maiores redes de exibição do Brasil, ampliando o alcance do cinema nacional e trazendo gratuitamente títulos internacionais pouco acessíveis. Ao atender públicos diversos, incluindo crianças e pessoas idosas, o CineSesc contribui para a formação do repertório cinematográfico dos brasileiros, valorizando a história do cinema e estimulando a imaginação das diversas famílias do país, especialmente dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo.

INTRODUÇÃO

A curadoria do acervo nacional CineSesc 2025 foi construída de forma coletiva e dialógica, reunindo profissionais do Sesc de todos os estados em um processo formativo, de troca de experiências e olhares diversos sobre o cinema brasileiro contemporâneo.

Os valores e a missão do Sesc sempre nortearam o processo de curadoria e contratação desse projeto nacional, alinhados com: a *Política Cultural do Sesc*, o *Plano Estratégico do Sesc 2022-2026* e com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) 3, 4, 5, 10 e 13 da ONU. Na sequência: saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, redução das desigualdades e ação contra a mudança global do clima.

O projeto pensa a difusão cinematográfica como instrumento para o desenvolvimento social, sobretudo o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e do público em geral. O CineSesc também colabora com outras Atividades do Programa Cultura, tais como Música, Literatura, Artes Cênicas e Artes Visuais, ao abordar conteúdos, temas, personalidades destes outros campos da Cultura, demonstrando a força interdisciplinar da linguagem cinematográfica. Além disso,

os filmes selecionados integram as programações de outros Programas Sociais do Sesc como Educação, Saúde, Lazer e Assistência.

Para o ano de 2025, estão licenciados 44 longas-metragens e 4 curtas-metragens premiados e selecionados em festivais nacionais e internacionais, disponibilizados gratuitamente em 23 estados: Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. Os filmes deste catálogo são programados conforme a realidade de cada unidade operacional do Sesc, preservando as particularidades e identidades das regiões, mas conectando todos pelo mesmo núcleo conceitual, por um acervo comum.

Como o Sesc possui um trabalho direcionado a vários públicos por todo o Brasil, a curadoria dedicou 20% do catálogo a obras infantojuvenis, como resposta ao desejo de regiões que apontaram, por meio de hábitos culturais locais, a importância de mediações culturais e ações formativas. Outra atenção às gerações presentes nas unidades operacionais do Sesc se manifesta na forma do

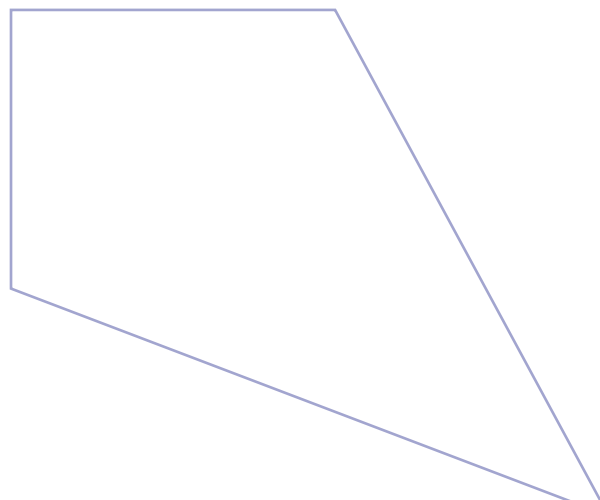
Panorama Longevidade, com filmes cujos protagonistas são representações de pessoas com mais de 60 anos de idade. A curadoria se debruçou sobre a diversidade de regiões produtoras de filmes, mas também nas paisagens representadas nas telas. Há também a preocupação de que a pluralidade territorial esteja representada, tanto a do próprio Brasil quanto a de outros continentes que tecem relações históricas com nosso país, como o continente africano, em destaque no Panorama Internacional deste ano.

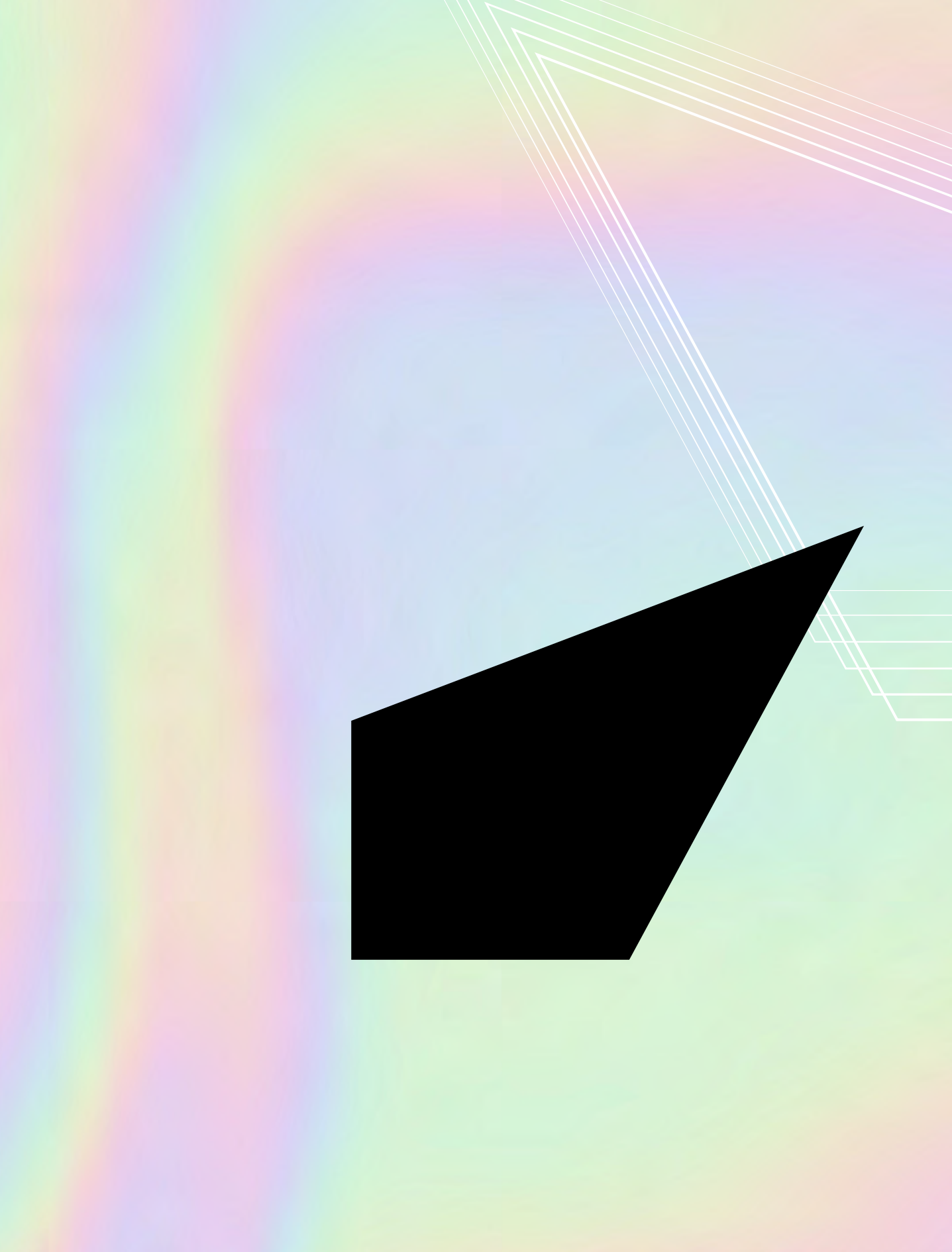
Além disso, algumas mostras foram desenhadas pensando em circulações itinerantes pelos estados do Brasil, sendo estas: Panorama Longevidade, apresentando o perfil de público com mais de 60 anos no cinema contemporâneo, a Mostra Filme-Monumento voltada para cinema biográfico brasileiro e a Retrospectiva Brasil, que inaugura ciclos de homenagens anuais a cineastas brasileiros importantes que possam circular junto com os filmes.

Na edição de 2025, o CineSesc homenageia o diretor mineiro André Novais Oliveira, por meio do licenciamento da retrospectiva de

sua filmografia. Ele é cofundador da produtora audiovisual Filmes de Plástico e a história de sua carreira se confunde com a desta produtora mineira, que possui diversos títulos produzidos no município de Contagem. Participam desta edição do acervo seus três longas-metragens, *Ela volta na quinta* (2014), *Temporada* (2018) e seu último lançamento *O dia em que te conheci* (2023), além de quatro dos seus curtas-metragens. Em celebração, textos inéditos de Maria Bogado, Gabriel Martins, Grace Passô e Renato Novaes são publicados neste catálogo, versando sobre o percurso e os efeitos do cinema de André Novais Oliveira, que, por meio do afeto, convoca seu território, seus familiares e amigos para povoarem a imaginação dos seus espectadores.

Curadoria CineSesc 2025





A series of white, parallel, slightly offset rectangular lines in the top-left corner, creating a sense of depth and architectural structure.

FILMES

E

CINEASTAS

Historietas assombradas

_2017, São Paulo

Victor-Hugo Borges

A hora da estrela

_1985, São Paulo

Suzana Amaral

A Ilha dos Ilús

_2022, Goiás

Paulo G. C. Miranda

Hienas

_1994, Senegal

Djibril Diop Mambéty

***Bizarros peixes
das fossas abissais***

_2023, Rio de Janeiro

Marcelo Marão

Black Rio! Black power!

_2023, Rio de Janeiro

Emílio Domingos

Los silencios

_2018, Brasil/Colômbia/França

Beatriz Seigner

Correndo atrás

_2018, Rio de Janeiro

Jeferson De

Um dia com Jerusa

_2021, Rio de Janeiro

Viviane Ferreira

A luta do século

_2018, Bahia/Rio de Janeiro/São Paulo

Sérgio Machado

***Estou me guardando para
quando o carnaval chegar***

_2019, Pernambuco

Marcelo Gomes

Mami Wata

_2022, Nigéria

C.J. “Fiery” Obasi

Mais pesado é o céu

_2023, Ceará

Petrus Cariry

Meu amigãoZão

_2022, Rio de Janeiro

Andrés Lieban

Bacurau

_2019, Pernambuco

Kleber Mendonça Filho e Juliano Dorneles

Estranho caminho

_2023, Ceará

Guto Parente

O dia que te conheci

_2023, Minas Gerais

André Novais Oliveira

A felicidade das coisas

_2021, São Paulo

Thais Fujinaga

A famosa invasão dos ursos na Sicília

_2019, Itália/França

Lorenzo Mattotti

Fantasma

_2020, Minas Gerais

André Novais Oliveira

Ela volta na quinta

_2014, Minas Gerais

André Novais

Elis & Tom – Só tinha de ser com você

_2022, Rio de Janeiro

Roberto de Oliveira

O Franco

_1994, Senegal

Djibril Diop Mambéty

Golias

_2021, França

Frédéric Tellier

Greice

_2023, Portugal/Brasil

Leonardo Mouramateus

Meu amigo robô

_2023, Espanha

Pablo Berger

Nossa mãe era atriz

_2023, Minas Gerais

André Novais Oliveira e Renato Novaes

Meu nome é Daniel

_2019, Rio de Janeiro

Daniel Gonçalves

***Meu sangue
ferve por você***

_2023, São Paulo

Paulo Machline

Nosso sonho

_2023, Rio de Janeiro

Eduardo Albergaria

Othelo, o grande

_2023, Rio de Janeiro

Lucas H. Rossi

Monster

_2023, Japão

Hirokazu Kore-eda

Not dead

_2024, Bahia

Isaac Donato

Mussum, um filme do cacildis

_2019, Rio de Janeiro

Susanna Lira

Nauel e o livro mágico

_2023, Chile/Brasil

German Acuña

Pacarrete

_2019, Ceará

Allan Deberton

A pequena vendedora de Sol

_1999, Senegal

Djibril Diop Mambéty

Pouco mais de um mês

_2013, Minas Gerais

André Novais Oliveira

Temporada

_2018, Minas Gerais

André Novais Oliveira

Pequenos guerreiros

_2021, Ceará

Bárbara Cariry

Tia Virginia

_2023, Rio de Janeiro

Fabio Meira

***Princesa
adormecida***

_2024, São Paulo

Claudio Boeckel

Três verões

_2019, São Paulo

Sandra Kogut

Quintal

_2015, Minas Gerais

André Novais Oliveira

Rafiki

_2018, Quênia

Wanuri Kahiu

Tromba trem

_2022, Minas Gerais

Zé Brandão

Tarsilinha

_2021, São Paulo

Celia Catunda, Kiko Mistrorigo

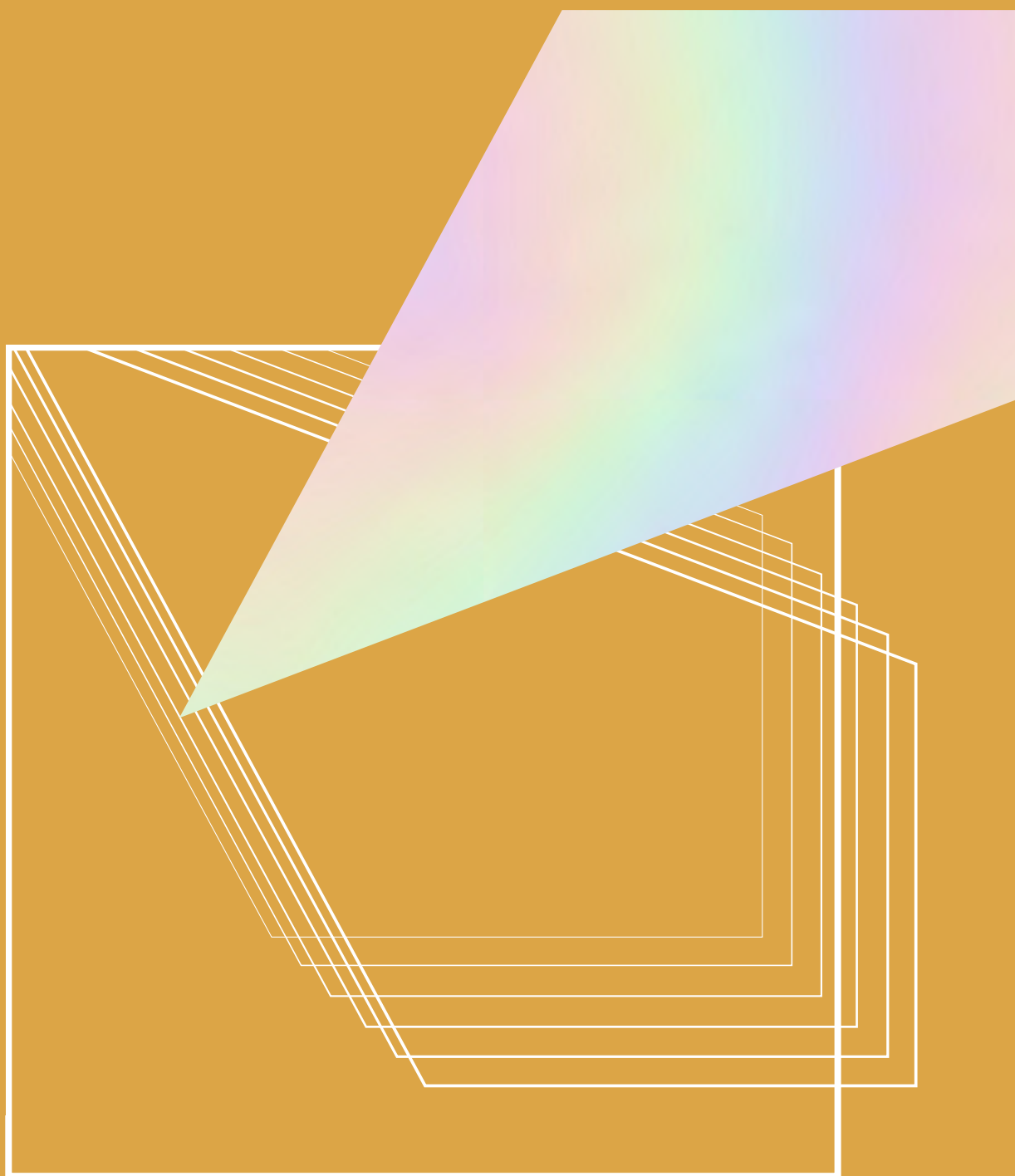
A viagem de Ernest e Celestine

_2022, França

Jean-Christophe Roger e Julien Chheng



***PANORAMAS
E
MOSTRA***



PANORAMA INFANTOJUVENIL

São 11 títulos de longas-metragens de ficção e animação voltados ao público infante e juvenil em todas as suas faixas etárias. Filmes para a primeira infância (0 a 6 anos), crianças (7 a 12 anos) e adolescentes (13 a 18 anos). Este ano, o Panorama Infantojuvenil conta com quatro títulos internacionais e todos têm versão dublada.

Entre os internacionais, destaca-se o filme *Meu amigo robô*, indicado ao Oscar de Melhor Filme de Animação em 2024.



PANORAMA NACIONAL

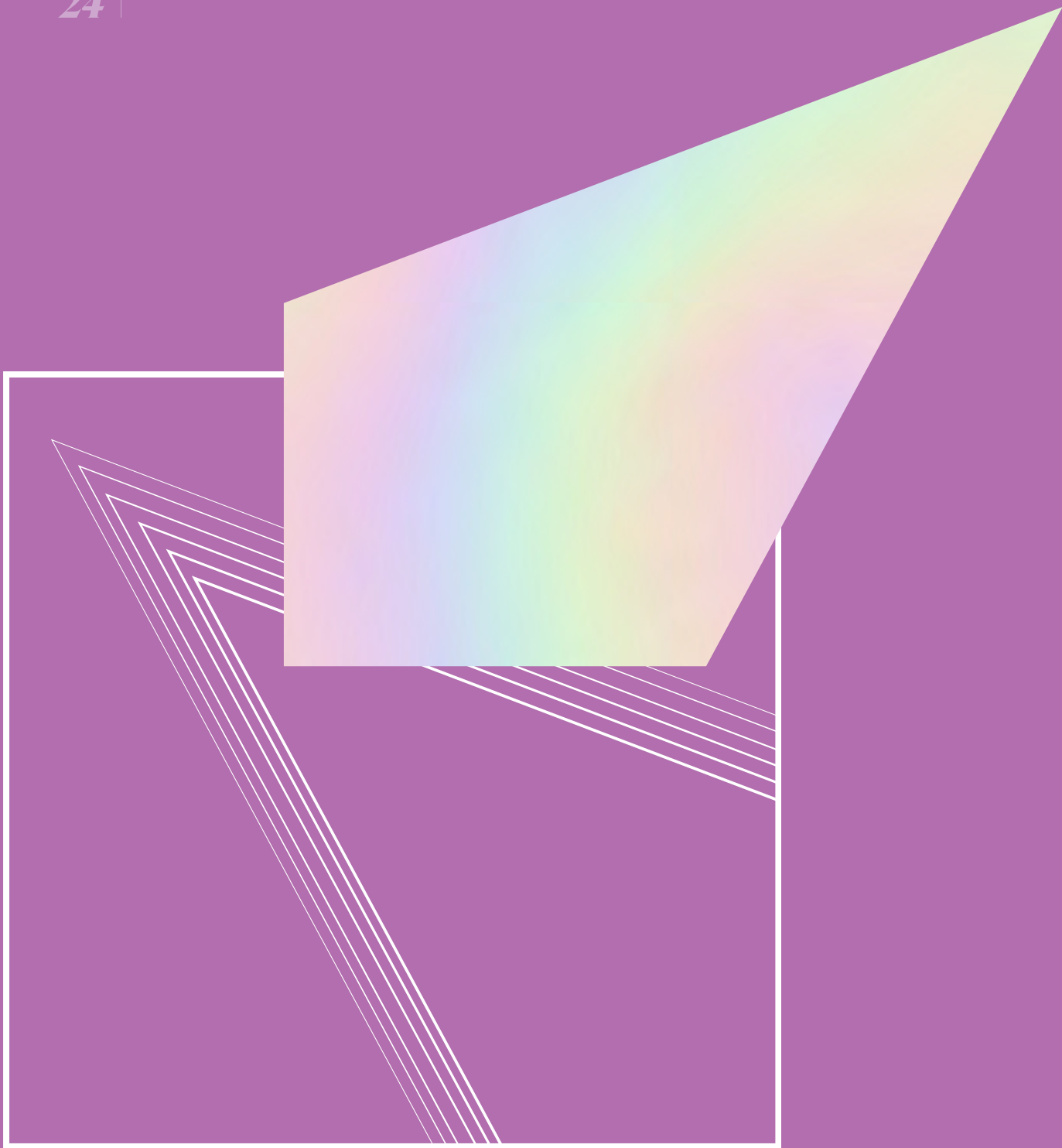
O CineSesc está alinhado com o que há de mais atual nas programações culturais em cinema do mundo. Todos os filmes do catálogo foram premiados ou selecionados em festivais de cinema nacionais e internacionais, e apresentam aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo uma pluralidade territorial imensa por meio da diversidade de paisagens brasileiras representadas.

Destacam-se os filmes:

Bacurau, (2019) que recebeu o Prêmio Especial do Juri no Festival de Cannes em 2019.

A cópia restaurada em 4K e recém-lançada do filme *A hora da estrela* (1985), protagonizado por Marcélia Cartaxo, baseado no livro de Clarice Lispector.

O recém-lançado *Estranho caminho* (2023) é o 10º longa-metragem de Guto e o 11º longa da Tardo Filmes, produtora independente de Fortaleza, que recentemente completou dez anos de existência. Em sua estreia mundial no Festival de Tribeca, em 2023, *Estranho caminho* conquistou todos os prêmios da Competição Internacional de Dramas, incluindo Melhor Filme, Melhor Roteiro (Guto Parente), Melhor Fotografia (Linga Acácio) e Melhor Performance (Carlos Francisco). Em 2024, foi escolhido Melhor Filme da Mostra Autorias da 27ª Mostra de Cinema de Tiradentes.



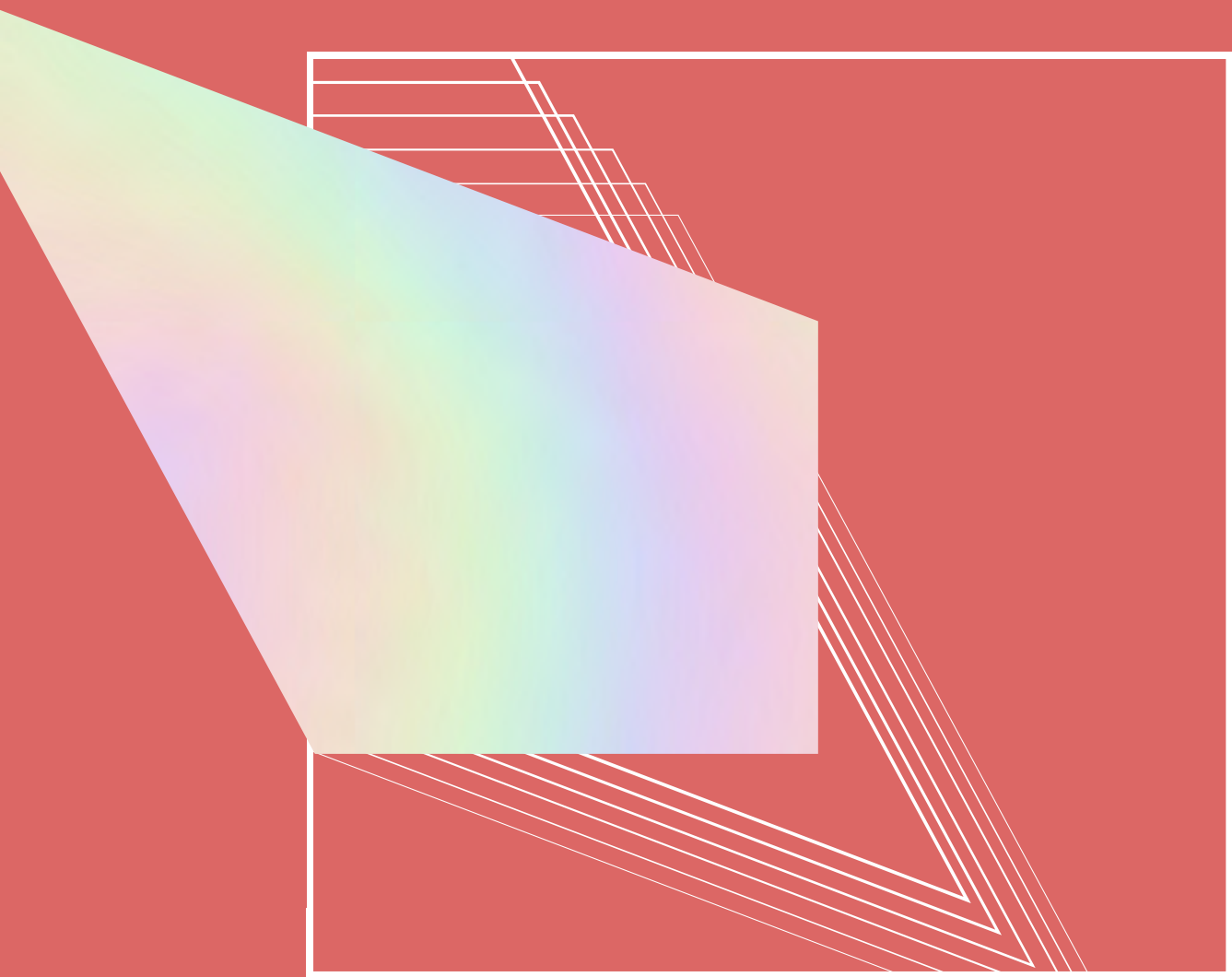
PANORAMA LONGEVIDADE

Aborda múltiplas e diferentes representações sobre as pessoas idosas no Brasil, ampliando o debate sobre o envelhecimento no país para todos os públicos.

Destacam-se os filmes:

Tia Virginia (2023), Melhor filme júri da crítica do Festival de Cinema de Gramado, com protagonismo da atriz Vera Holtz.

Um dia com Jerusa (2021), que aborda um encontro espontâneo de uma amizade intergeracional, com protagonismo da atriz Léa Garcia.



PANORAMA INTERNACIONAL

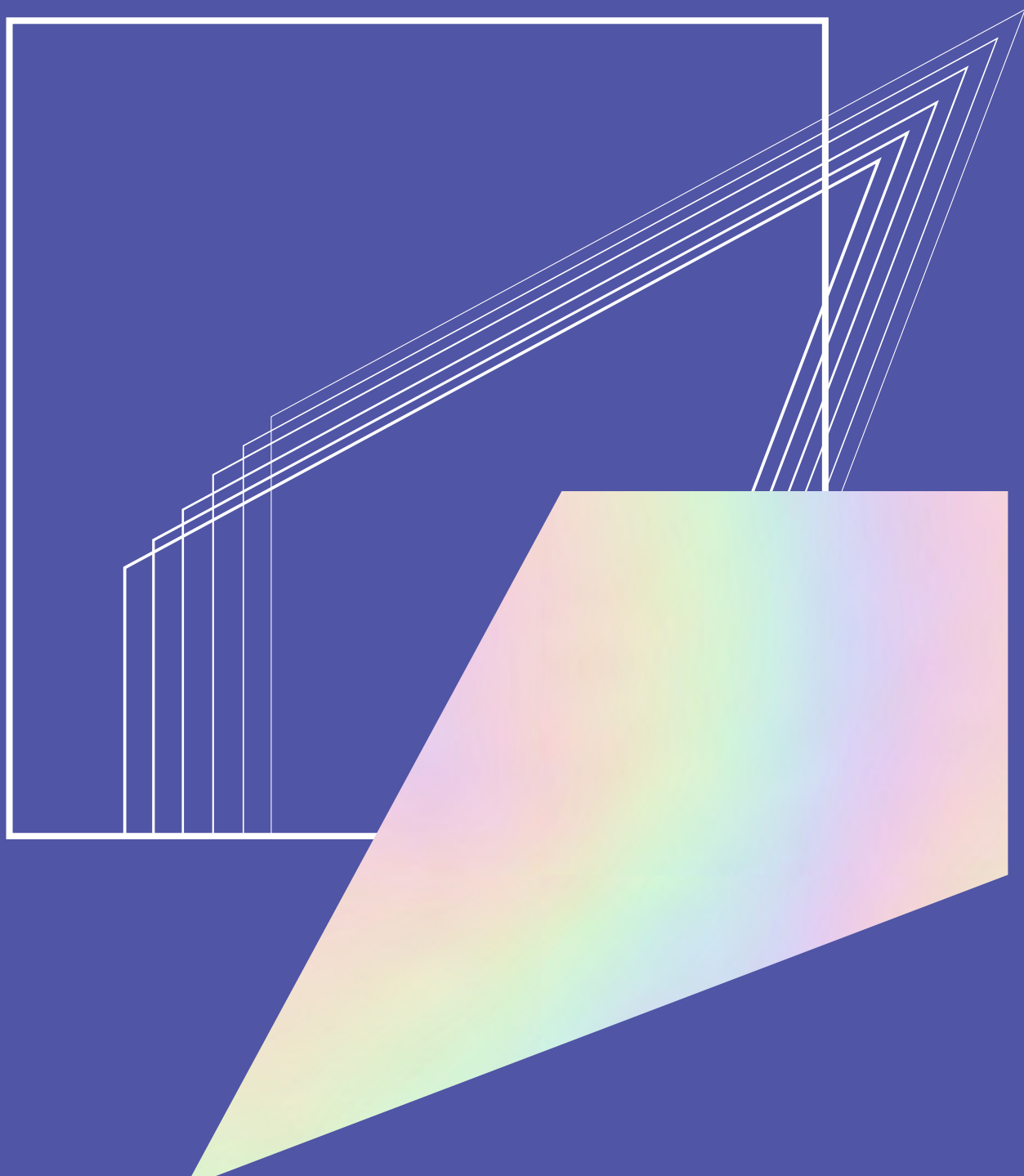
Filmes estrangeiros com grande repercussão internacional, sejam lançamentos ou clássicos, sobretudo de países do continente africano, que têm uma relação histórica com o Brasil, como Senegal, Nigéria e Quênia.

Destacam-se os filmes:

Mami Wata (2022), filme nigeriano dirigido por C.J. “Fiery” Obasi, estreou no renomado Festival de Sundance em 2023 e recebeu o prêmio Especial do Júri para a Direção de Fotografia. Quem assina a direção de fotografia de *Mami Wata* é a brasileira Lílís Soares.

O Franco (1994), *Hienas* (1994) e *A pequena vendedora de Sol* (1999), do cineasta, ator e poeta senegalês Djibril Diop Mambéty. O filme *A pequena vendedora de Sol* conta com versão dublada disponível para as unidades do Sesc, confira a programação de seu estado.

Monster (2023), longa-metragem japonês de Hirokazu Kore-eda que recebeu o prestigiado prêmio Palma de Ouro de Melhor Roteiro do Festival de Cannes em 2023.



MOSTRA

FILME-MONUMENTO: CINEMA BIOGRÁFICO BRASILEIRO

Filmes de ficção e documentário que abordam a necessidade de se memorizar vidas brasileiras. Pensando as obras como verdadeiros monumentos aos brasileiros, a mostra exhibe desde celebridades da música, televisão e cinema até comunidades suburbanas, movimentos artísticos e a autobiografia de um cineasta.

Destacam-se os filmes:

Black Rio! Black power! (2023), lançamento de Emílio Domingos sobre o movimento Black Rio e a importância dos bailes soul para a música, a cultura e a luta por justiça racial no Rio de Janeiro.

Meu sangue ferve por você (2023), sobre o encontro amoroso de Sidney Magal e sua companheira Magali.

Othelo, o Grande (2023), lançamento de Lucas H. Rossi sobre a vida e a obra do grandioso ator brasileiro Grande Othelo.

Nosso sonho (2023), lançamento biográfico sobre a dupla Claudinho e Buchecha e o seu sucesso com funk melody.



A decorative graphic on the left side of the page consisting of several nested, slightly offset rectangles. The rectangles are outlined in white and their fill colors transition from light purple at the top to light blue, then light green, and finally light yellow at the bottom, matching the background gradient.

ENSAIOS CRÍTICOS

UMA VIAGEM AO PLANETA DA LINDEZA NEGRA

Black Rio! Black Power!

Emílio Domingos, 2023

Por Kênia Freitas*

Em suas primeiras cenas, o documentário *Black Rio! Black Power!*, dirigido por Emílio Domingos, nos mostra a construção de um portal espaço-temporal. Nelas acompanhamos alguns trabalhadores carregando grandes caixas de som brancas para montar um paredão de som na quadra do clube Grêmio Rocha Miranda. O que poderia ser visto somente como a construção do cenário para as entrevistas dos personagens do filme se torna uma

espécie de nave espacial e temporal: por meio dela somos levados para outro planeta, de música, de luz, de vibração. O planeta dos bailes de soul music no Rio de Janeiro da década de 1970, onde por algumas horas a cada noite de domingo, a juventude negra e periférica da cidade podia se encontrar com os seus cabelos black power, sapatos com grandes plataformas personalizados e um recém-descoberto orgulho de ser jovem, bonito e negro.



Nossos guias de viagem são os protagonistas desse momento: organizadores dos bailes, DJs, dançarinos, frequentadores e agitadores. Com Dom Filó no comando, adentramos nas lembranças de Agenor Neto, Carlos Dafé, Carlos Alberto Medeiros, DJ Neném, José Reinaldo Marques, Marquinhos de Oswaldo Cruz, Nea Souza, Rômulo Costa, Salvador Gomes e Virgilane Dutra. Suas memórias são o combustível que faz a viagem funcionar, seus corpos gingando ao final da viagem são o movimento que consagram a alegria e a leveza da jornada percorrida. Pouco lembrado e até desconhecido por parte de novas gerações, o movimento Black Rio – construído e vivido pelas pessoas que agora nos contam essa história – marcou um momento ímpar das possibilidades de resistência, dignidade e alegria negra em um país que politicamente vivia um período de regime autoritário, sob comando militar. Do lado de fora, as prisões

por vadiagem e os enquadramentos violentos da polícia; do lado de dentro, a possibilidade dos encontros e da alegria em um ambiente majoritariamente negro.

E, quem pegou a nave andando, pode ainda se perguntar: o que afinal há de político em um monte de jovem preto periférico dançando Ray Charles, sendo feliz e fazendo passinho? O que a nossa viagem fílmica responde com gestos graciosos mostrando o impacto dos bailes nos processos de construção de uma identidade negra e nos movimentos por justiça racial, no Brasil e fora dele.

Aliás, falar desse momento, como nos avisam nossos guias, é falar também de movimentos africanos e afrodiaspóricos culturais e políticos que davam contorno a uma comunidade negra global. Em África, as muitas lutas políticas por independência revolucionavam a geopolítica mundial: Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe conquistam a sua independência em 1975, um ano antes Guiné-Bissau venceu a sua batalha por autonomia e, em 1968, tinha sido a vitória da Guiné-Equatorial (isso para ficarmos apenas nos países colonizados por Portugal). O movimento pan-africanista angariava uma solidariedade mundial pelas lutas anticoloniais dessas nações, destacando também o valor cultural de cada país. Nossos guias estavam de olho.



Os EUA passavam por um momento de transformação nas lutas por justiça racial. As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pelas grandes marchas, manifestações, lutas políticas e coletivas pelos direitos civis da comunidade afro-americana, assassinato de líderes como Martin Luther King Jr. e Malcolm X e a fundação do Partido dos Panteras Negras. A década de 1970 presenciou esse desdobramento com movimentos mais ligados ao campo da cultura e com o empoderamento por meio de slogans como o *Black is Beautiful* – Negro é Lindo, o sucesso da soul music e a explosão dos filmes de *blaxploitation* (filmes protagonizados e dirigidos por afro-americanos, abordando temas como violência, crime e exploração). A influência desse cinema negro, certamente, chegou aos bailes. Uma das primeiras festas chamava-se justamente A noite do shaft, fazendo referência ao filme *Shaft*, dirigido por Gordon Parks em 1971, um dos primeiros títulos do movimento *blaxploitation*. A escolha não foi ao acaso, o apelo estético desses filmes com personagens estilosos, durões, mas charmosos e com forte sensualidade vibrava muito em sintonia com o ambiente de empoderamento proposto nos bailes.

Em nosso planeta Black Rio, o som do soul aliava-se à projeção de slides com imagens de celebridades afrodescendentes, pessoas negras felizes e em momentos cotidianos de afeto – imagens que naquele momento precisavam ser importadas de revistas

negras dos EUA, pois não faziam parte da visualidade da imprensa brasileira. Junto com cenas e frases que transmitiam mensagens positivas, aos poucos foram se somando a projeção de fotos dos bailes anteriores. Assim, nesse planeta dos bailes, espectadores e estrelas se juntavam como modelos de beleza e força negra. Por algumas horas, um cinema ao vivo, coparticipativo e todo negro se fazia. Anos depois o comandante Dom Filó entraria em outra nave, a Cultne – primeiro canal de tv brasileiro 100% dedicado à cultura negra, com a missão de registrar em áudio e vídeo os atos de resistência do movimento negro para resgate da memória e cultura negra ancestral. Mas essa já é uma outra viagem, para outro planeta e texto...

De volta ao passado, nossos guias também contam que nem só de celebração dos bailes se vivia na comunidade negra. Se o movimento Black Rio foi visto com desconfiança e vigiado com proximidade pela ditadura militar, também foi visto com bastante desconfiança por parte dos movimentos negros brasileiro e da esquerda. Era a ameaça do imperialismo cultural estadunidense, querendo mais uma vez colocar o *bebop* (agora do soul) no nosso samba. Enfim, por mais que a mídia tenha tentado reforçar a disputa, o fato é que nesses breves anos da década de 1970 o portal espaço-temporal esteve aberto. Os que se aventuraram a explorar esse planeta, como nossos guias, foram descobrindo ainda



mais passagens secretas por meio dele: os encontros do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Candido Mendes, os encontros do movimento negro, o entendimento das questões raciais brasileiras, além do mito da democracia racial. Caminhos que se encruzilhavam com os de tantos outros movimentos culturais e políticos brasileiros (do passado, do presente e do futuro), na construção positiva de uma identidade negra nacional. Negro é lindo! E dança muito bem, como nossos guias nos mostram ao fim da jornada.

*Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no curso de Cinema e Audiovisual. Fez estágios de pós-doutorado (CAPES/PNPD) no programa de pós-graduação em Comunicação na UCB (2015-2018) e no programa de pós-graduação em Comunicação da Unesp (2018-2020). Doutora pela Escola da Comunicação da UFRJ (2015). Mestre em Multimeios pela Unicamp (2010). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Ufes (2007). Foi curadora do Cinema do Dragão (2022-2023) e realizou a curadoria de diversas mostras e festivais de cinema, como: Cines Afro-Femininos: Reimaginando Mundos (Cinemateca de Bogotá/Colômbia), Mostra Afrofuturismo (Centro Cultural São Paulo), e Mostra Especial Nós somos a guerra (20^a Goiânia Mostra Curtas). Integrou as equipes curatoriais do IX CachoeiraDoc (2020) e Festival de Cinema de Vitória (2018). Possui pesquisa e textos publicados sobre Afrofuturismo, Cinema Negro e Crítica de Cinema. Integra o Fórum Itinerante de Cinema Negro (Ficine).



COM O PÉ NA ESTRADA

Por Janaina Damaceno*

Road movies, aqueles filmes que se passam em uma viagem na estrada, são clássicos recorrentes na história do cinema. Principalmente, os *road movies* de família no estilo *férias frustradas* do cinema norte-americano. Esse gênero é um sucesso também no cinema infantil como no caso do filme *A Família Mitchell e a*

Revolta das Máquinas (2021) e de *Pequenos Guerreiros* (2021) – filme nacional, dirigido por Bárbara Cariry. No *road movie* cearense, uma família inter-racial, composta pelos pais Cosme e Maria e o filho Benedito e seus primos Matheuzinho e Bruna, precisa cair na estrada até a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha para cumprir uma promessa de Cosme.

Barbalha é uma cidade da região do Cariri – sul do Ceará, onde há uma das mais tradicionais, emocionantes e bonitas festas devocionais a Santo Antônio de todo o Brasil: a Festa do Pau da Bandeira que faz parte do patrimônio imaterial brasileiro e integra o Livro de Registro das



Celebrações, no qual somente 14 festejos fazem parte. Cariri é também o sobrenome da diretora do filme, filha do cineasta Rosemberg Cariry, que se autoatribuiu o pseudônimo da região onde nasceu. O Cariri é uma das regiões mais bonitas e de maior riqueza cultural do país, mas durante muito tempo também foi um local de migração do nordeste para o sudeste brasileiro. Uma das músicas mais conhecidas sobre esse fenômeno migratório se refere justamente ao Cariri e à relutância do narrador da música em deixar a sua terra natal: “...só deixo o meu Cariri no último pau de arara”. É preciso ter a história do Brasil na cabeça para entender a importância de *Pequenos Guerreiros*,

que faz agora a viagem inversa a do migrante... e de jipe! Na sua história, o Cariri é o centro das fantasias, das descobertas e das emoções. É onde se quer chegar e não um lugar que se deve abandonar. É o lugar da abundância e não o da escassez.

Santo Antônio, padroeiro da Festa do Pau da Bandeira, é também o padroeiro dos viajantes, então é poético ver que, ao partir para a festa de Santo Antônio, os viajantes já estão sendo protegidos por ele e que, de certo modo, a promessa já se cumpre no próprio percurso da viagem.

A vida das personagens também é abundante. Num cinema que, muitas vezes, costuma pensar a experiência das crianças negras e nordestinas, sobretudo, sob o prisma da dor ou da violência (que existem, mas não a sua única maneira de estar no mundo), ver a experiência familiar de Mateus, Bruna e Benedito marcada pelo afeto e pelo bem-querer é um modo de mostrar que elas não estão sozinhas no mundo. Que alguém preza pela sua existência enquanto criança. No filme, elas são alvo do cuidado familiar, da janta bem-feita, das roupas arrumadas, são incluídas no plano de viagem que passa por pontos turísticos pelos quais elas podem se interessar, porque elas são vistas como pessoas que estão no mundo e que fabulam mundos.

Cinematograficamente, dar o poder de fabular e fantasiar a crianças negras é deixar que elas partilhem daquilo que chamamos de cultura da infância, que propõe que é pela brincadeira, pela fantasia, mas também pelo contato com a natureza, que a criança encontra meios para compreender o mundo e a si mesma. E isso é importante, pois vivemos numa sociedade que cerceia o direito à infância para as crianças negras.

É muito bom ver um filme onde as crianças, em especial as crianças negras, podem ser elas mesmas. Podem ser inventivas, inteligentes e curiosas. Onde um menino negro como Matheuzinho pode ser aventureiro e peralta. É muito bom também ouvir outros sotaques da infância, pois no audiovisual, seja da produção nacional ou nas dublagens de filmes estrangeiros, estamos acostumados a ouvir, principalmente, o sotaque paulista ou carioca.

Toda a história de *Pequenos Guerreiros* se constrói a partir da viagem ao território físico e existencial que é o Cariri, como filme de formação e como todo bom *road movie*, as crianças, ao percorrerem a estrada até lá, conhecem novos trajetos, novas paisagens, enfrentam as dificuldades do percurso, mas também encontram a si mesmas. Mas, para encontrar a si mesmas, precisam se encontrar com o patrimônio cultural material e imaterial e com o patrimônio natural legado a elas pelo povo do Ceará. Elas descobrem, por exemplo, que o Ceará tem história, mas, também,

pré-história, tem cinema, mas, também, história do cinema. E nisso, o filme é notável. Sua diretora mostra que é possível construir uma boa história para crianças, em que as personagens principais fantasiam a partir deste patrimônio. Mas para este tipo de conexão com o mundo é necessário que se desfrute de um tempo lento, como é o tempo do filme, como é o tempo das viagens infantis, quase atemporais. É preciso de espaço, porque a infância precisa de espaço para suas peraltices.

E aí, há algo de bonito em *Pequenos Guerreiros* que é sua relação com o tempo lento... quase atemporal da fantasia. O filme acaba se tornando um respiro em uma produção para a infância que atualmente é marcada por obras com alto estímulo, aceleradas, com muitos cortes e cenas curtas.



Num momento em que se discute hiperconectividade da infância, *Pequenos Guerreiros* nos lembra que há outros modos de conexão, que talvez estejamos deixando para trás porque como pais, nós também estamos hiperconectados. Por isso, ele é um filme não apenas infantil, mas para toda a família, é um filme intergeracional, que nos responsabiliza pelas escolhas que fazemos para os nossos mais novos e nos orienta a nos conectarmos com eles. É um filme que nos convoca à conexão com um legado cultural que pode nos ajudar a construir mais solidamente nossa experiência enquanto seres humanos.

Bora fazer as malas com a criançada?

*Doutora em Antropologia pela USP (2013).
Mestra em Educação e bacharel em Filosofia pela Unicamp. Professora do Curso de Cinema da FEBF/Uerj. Coordenadora do grupo de Pesquisas Afrovisualidades: estéticas e políticas da imagem negra. Nos últimos anos tem contribuído com instituições como o Instituto Moreira Salles (IMS), CCBB, Caixa Cultural, Casa Ema Klabin, Casa Museu Eva Klabin, Museu Sesc, Flip e Flup, realizando curadorias e debates sobre a presença negra na fotografia. É uma das fundadoras do Fórum Itinerante de Cinema Negro (Ficine).

DO SONHO AO COTIDIANO, O CINEMA DE DJIBRIL DIOP MAMBÉTY

*Por Janaína Olivera (Ficine)**

Djibril Diop Mambéty (1945-1998) nasceu em Colobane, na periferia de Dakar, capital do Senegal. Seu primeiro encontro com o mundo das artes foi no teatro, estudou atuação e foi ator da principal companhia de teatro do país, a Companhia de Teatro Nacional Daniel Sorano. Diferentemente da maior parte de seus contemporâneos, ele não frequentou nenhum tipo de escola de cinema. Começou a fazer filmes após ser expulso da Companhia de Teatro no início dos anos 1960. Não se tratava de falta de opção; compreendeu que era no cinema que encontraria a forma adequada para se expressar. “Depois de um tempo o teatro se tornou pequeno para mim”, dizia ele:

***eu pensava nessas imagens que eu recortava quando era criança. E eis o que me faltava. Era este o meu futuro. Estava claro que não era disciplinado o suficiente para me dobrar aos rigores do Teatro Nacional. Eles me mostraram a porta e esta porta se tornou para mim a do cinema.*¹ (ANNY WYNCHANK, 2009)**

1 Anny Wynchank, Le Franc de Djibril Diop Mambéty, une ré-invention du cinema africain, *Revue de l'Université de Moncton*, v.40, n.1, 2009, p. 17.

Djibril forjou uma escola para si mesmo, conta seu irmão, músico e parceiro nos filmes, Wasis Diop, ao relembrar a infância do cineasta. E desde muito cedo o cinema esteve presente em sua vida. Em uma entrevista concedida em 1995 à curadora e arquivista June Givanni, ele relembra esses momentos, sua experiência como criança de periferia e o encontro com as imagens em movimento.

Eu cresci em um lugar chamado Colobane, onde havia um cinema ao ar livre, chamado ABC. Nós éramos muito jovens – 8 anos – e não tínhamos permissão para sair à noite porque o bairro era perigoso. Apesar disso, fugíamos de casa para ir ao cinema. Como nós não tínhamos dinheiro para comprar o ingresso, nós ficávamos ouvindo os filmes do lado de fora. Eram principalmente filmes ocidentais e hindus. Meus filmes favoritos eram os westerns.²

Mas, por vezes, ele, juntamente com outras crianças, conseguia entrar no cinema e assistir aos filmes graças a uma figura que serviria de fonte de inspiração para Mambéty – *Yaadikoone Ndiaye* – uma espécie de Robin Hood senegalês, uma verdadeira lenda urbana. Segundo se propagava, ele roubaria dos ricos para dar aos pobres e, com seu banditismo, Yaadikoone obrigava os donos de cinema de Dakar a deixar entrar todos que estavam do lado de fora das sessões por não terem dinheiro para pagar. “Ele abria todas as portas da alegria”, dizia Mambéty.³

Inspirado pelo rebelde Yaadikoone, dos filmes de *western*, pelas comédias silenciosas de Charles Chaplin, pelos filmes de vanguarda de Jean Luc Godard e por outros clássicos do cinema ocidental – todos vistos na época em que participava de um cineclube em Dakar – Mambéty foi se formando como cineasta.

² Idem, p. 36-37.

³ Idem, p. 15.

Cinema como vida, como afetos, como música ou ritmo para a existência, cinema como sonho. São essas as dimensões que saltam aos olhos nos filmes de Mambéty. As experiências de vida do diretor no Senegal constituem elementos fundantes para as narrativas trazidas por ele para a tela. “Para mim filmar é lembrar”, afirmou certa vez.⁴ Daí entendemos o fato de o Senegal ser sempre o cenário de seus filmes⁵ e as pessoas que passaram por sua vida serem inspiração para seus personagens. Sua filmografia não é extensa, realizou no total sete filmes (veja lista completa ao final) e com um hiato de dezesseis anos entre 1973 e 1998, para o qual ele nunca deu muita explicação. O CineSesc traz para seu catálogo a última parte da produção de Mambéty, com longa-metragem *Hienas* (1990) e os médias-metragens *O Franco* (1994) e *A pequena vendedora de Sol* (1998).

É interessante perceber que, mesmo reduzidos em quantidade, a maioria de seus filmes era pensada em diálogo (ao menos enquanto projeto). *Hienas*, filme surgido de um gesto um tanto quanto singular de adaptar a peça de teatro *A visita*, do escritor suíço-

-alemão de Friedrich Dürrenmatt, para a realidade de sua cidade natal, Colobane, foi pensado como a segunda parte de uma trilogia inacabada, que começava em seu primeiro longa-metragem, *A viagem da Hiena* (*Touki Bouki*), filme de 1973 que o consagrou internacionalmente. Linguère Ramatou, a protagonista de *Hienas* que retorna à sua cidade para se vingar de todos que a humilharam na juventude, seria para Mambéty, uma espécie de continuação da personagem Anta, protagonista de *Touki Bouki* empenhada em migrar para França. Já a promissora Dakar de *Touki Bouki*, dos anos após a independência do domínio colonial francês, tem seu paralelo na pobreza de Colobane dos anos 1990, devastada pela crise econômica.

O que se destaca em *Hienas*, é o jogo entre uma espécie de realismo fantástico e a crueza da condição humana, que traz para a história do diretor senegalês uma oscilação entre o sonho e a dura realidade. Como em um sonho, o dia a dia é atravessado por coisas que não se explicam ou que não são nada plausíveis, assim nos provoca uma reflexão sobre a fragilidade dos valores humanos diante da escassez.

4 Nwachukwu Frank Ukadike. *Questioning Africa. Conversations with filmmakers*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2002, p.126.

5 A exceção é *Parlons grand-mère*, uma espécie de *making off* que marca a retomada de sua produção. Rodado em Burkina Faso, acompanhando as filmagens de *Yaaba*, longa-metragem de ficção dirigido por seu amigo, o cineasta Burkinabé Idrissa Ouedraogo.

Um outro projeto de continuidade existe entre *O Franco* e *A pequena vendedora de Sol*, dessa vez, não ligados por tramas de personagens e sim pelo que Mambety chamava de “história de gente comum”. Se sonho e realidade coexistem na obra de Mambety e, se por um lado, a realidade aparece duramente criticada, por outro, ela é mostrada generosamente na beleza das pessoas comuns. Pessoas cuja delicadeza e alegria nós podemos reconhecer se olharmos para o lado, no dia a dia de nossas vidas. São assim Marigot e Sili Lamm, protagonistas de *O Franco* e de *A pequena vendedora de Sol*, respectivamente.

O Franco se passa durante a crise econômica que acontece na África do Oeste com a retirada do suporte da França para a moeda regional, o Franco do Centro Oeste Africano (CFA). Marigot é um músico que joga na loteria e ganha. Contudo, ele cola o bilhete que seria premiado na porta de seu armário. *O Franco* é a saga tragicômica de Marigot, cruzando a cidade, com a porta em punho para receber o prêmio. Já em *A pequena vendedora de Sol*, vemos a luta pela sobrevivência de Sili Laam, jovem periférica que trabalha para ajudar sua mãe vendendo um jornal local, em sua sorridente resiliência e determinação para lidar com os obstáculos da vida. Em ambas as histórias, um tributo de Mambéty a todos que vivem às margens da sociedade sem renunciar ao sonho.

Filmografia de Djibril Diop Mambéty:

Contras' city (1968)
Djibril Diop Mambéty (Senegal)
21 min.

Badou Boy (1970)
Films Kankourama (Senegal) 56 min.

Touki Bouki (1973)
Cinegrit (Senegal) 85 min.

Parlons grand-mère (1989)
Maag Daan Films (Senegal), Thelma Films (França) 34 min.

Hienas (1990)
Maag Daan Films (Senegal), Pierre Alain Meier e Alain Rozanes (Suíça)
113 min.

O Franco (1994)
Waka Films (Suíça), Scolopendra (França), Maag Daan (Senegal)
45 min.

A pequena vendedora de Sol (1998)
Waka Films (Suíça), Céphéide Productions (França), Maag Daan Films (Senegal) 45 min.

*Janaína Oliveira é pesquisadora e curadora de cinema. Professora do IFRJ e consultora da JustFilms - Fundação Ford, é doutora em História e Fulbright Visiting Scholar na Universidade Howard, nos EUA. Desde 2009, desenvolve pesquisas e curadorias em cinema, foi consultora, júri e conferencista em vários festivais de cinema no Brasil e no exterior. Em 2013, junto com Janaína Damaceno criou o Fórum Itinerante de Cinema Negro (Ficine). Mais informações sobre seu trabalho podem ser encontradas em linktr.ee/jana_oliveiraa.

MAMI WATA: DUALIDADE E COMPLEMENTARIEDADE EM UM MONUMENTO À NEGRURA

*Por Tatiana Carvalho Costa**

“É por termos uma história quebrada que faço filmes como Mami Wata. Não temos um patrimônio de nossas histórias que possa ser consultado e referenciado, embora ele exista. Se eu não me desse ao trabalho de aprender sobre essa história, eu não saberia.”

Em entrevista ao canal Nollywire,⁶ C.J. “Fiery” Obasi fala de um senso de responsabilidade frente ao que ele considera uma falha no sistema nigeriano em informar, educar e promover a memória sobre a própria cultura de seu povo e da África do Oeste. O diretor também expressa, nessa e em outras falas públicas, um incômodo com a redução – tanto na Nigéria quanto internacionalmente – da rica produção cinematográfica de seu país à Nollywood.

Obasi é um dos fundadores do Surreal 16 Collective. Desde seus primeiros filmes, desenvolveu um olhar atento e crítico a partir da complexa realidade nigeriana e da África do Oeste, com suas questões

6 NOLLYWIRE. C.J. Obasi on ‘Mami Wata:’ Why it Took 7 Years to Make a Great Nigerian Film in Black and White. 3 set. 2023. Disponível em youtube.com/watch?v=pv6fzf6ilno. Acesso em: 2 abril de 2025.

sociais e econômicas e sua rica e mítica história. O movimento, inspirado no dinamarquês Dogma 95, apresentou um manifesto de 16 regras que se opunham ao que Janaína Oliveira⁷ ressalta como uma pasteurização, com estereótipos e situações fílmicas clichês de Nollywood.

Entre os apontamentos, a perspectiva africana para a construção dos filmes, o estímulo ao cinema de gênero, a utilização de línguas locais e a adoção de elementos do surrealismo. Os sistemas de crença, especialmente nas tradições Igbo e Iorubá, a experimentação artística com terror e fantasia e a abordagem dos contrastes da sociedade nigeriana em relação a uma ideia de progresso ocidental foram abordados desde os primeiros filmes de Obasi e seguem evidenciados em *Mami Wata*.

Dividido em pequenos capítulos, numa estrutura que funde características de provérbio, fábula e oriki,⁸ *Mami Wata* se define como *A west African folklore*. O filme conta um episódio turbulento no vilarejo matriarcal de Iyi, cujo cotidiano é organizado a partir

7 OLIVEIRA, Janaína. Um olhar sobre o cinema nigeriano contemporâneo. In: BRAZ, Layla; OLIVEIRA, Janaína; VALE, Glaucia Cardoso (org.). *Catálogo da Semana de Cinema Negro de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2021. p. 241-246.

8 *Oríkì* é uma forma de poesia oral, com versos sobre a ancestralidade, as virtudes e os feitos notáveis de indivíduos, famílias e divindades. No âmbito religioso, os *oríkì* servem como invocações aos orixás, fortalecendo sua influência espiritual.



da crença dos moradores na divindade Mami Wata. Somos apresentadas à matriarca, Mama Efe (Rita Edochie), guardiã da tradição. Uma mulher do vilarejo perdeu a filha para as águas, mas Mami Efe afirma que ela não está morta, apenas retornou ao lugar de onde ela veio. A criança foi para Mami Wata. A cena, composta como um *tableau*, é entrecortada por detalhes das pinturas e esculturas que fazem referência à deidade e que habitam aquele espaço; de maneira reiterada, vemos um quadro de uma figura feminina, negra e com o rosto encoberto por um ornamento de contas e conchas – um chorão semelhante ao que temos no Brasil em imagens de Iemanjá e outras Yabás.

A matriarca que precisa manter a comunidade unida em torno daquele sistema de crenças é questionada pelas próprias filhas – Zinwe (Uzoamaka Aniunoh), a escolhida para sucedê-la, e Prisca (Evelyn Ily). Ambas amplificam dúvidas que ecoam dilemas da própria comunidade. Os habitantes de Iyi se questionam sobre a falta de progresso do lugar. A chegada de um forasteiro desestrutura a frágil harmonia local e o sistema de crenças – junto da própria existência de Mami Wata – são colocados à prova.

O choque entre a fé e o ceticismo, o destino e a vontade, a tradição e a modernidade é apresentado numa dualidade didática que não delimita as fronteiras exatas. A coexistência entre as dimensões material e espiritual guia a narrativa, que entrelaça um desenvolvimento de personagens rumo a uma redenção e os elementos que evidenciam a persistência do que constitui a própria ideia de resistência daquele povo.

O diretor e roteirista C.J. “Fiery” Obasi conta que *Mami Wata* demorou sete anos para ser feito. Na fase de roteiro, ele passou por um laboratório em Burkina Faso, o Ouaga Film Lab, onde conseguiu amadurecer a ideia de uma narrativa a partir do mito Iorubá que respeitasse as lógicas próprias da tradição. Ele conta que foi acolhido pela perspectiva africana e compreendeu melhor os caminhos que ele próprio deveria percorrer para que seu filme pudesse se desenvolver melhor. Depois de um mergulho na história e nas tradições locais, ele e a produtora Oge Obasi passaram por laboratórios e outras atividades para ampliar o mercado para o filme na Europa. O longa coleciona mais de cinquenta indicações e quase duas dezenas de prêmios em quatro continentes. Fespaco (Burkina Faso), African Movie Academy Awards, Sundance (EUA), Dublin Internacional Film Festival (Irlanda) e Silk Road (China) foram alguns dos festivais que o reconheceram, dando destaque também para o trabalho primoroso na direção de fotografia realizado pela brasileira Lílís Soares.

Mais que um filme em preto e branco, *Mami Wata* tem sua atmosfera estruturalmente organizada pelo contraste e pela amplitude do espectro da luz. O escuro profundo da noite e do mar, a pele preta pintada com desenhos ritualísticos... a coexistência radiante entre o preto intenso e o branco reluzente é tomada como quase impossível na cinematografia ocidental. No longa de Obasi, isso materializa as dualidades conflitantes e complementares que constituem o universo de *Mami Wata*. Fruto de anos de pesquisa, a fotografia de Lílís Soares nesse filme é um monumento à negrura e às modulações do visível e do invisível com e no cinema.

Na entrevista ao canal Nollywire, C.J. falou também da importância de saber sobre a história do cinema, de olhar para as suas grandes referências e compreender o seu papel, enquanto cineasta, nesse contexto mais amplo porque, para ele, há tanta coisa para saber. “Por trás disso, há mais de 150 anos de cinema e você é apenas uma pequena parte dessa história”, afirmou. Ao forjarem, com artesanía e sagacidade, uma história em perspectiva africana que confronta enquanto dialoga criticamente com os parâmetros de uma universalidade ocidental, C.J., Oge, Lílís e toda equipe e elenco fizeram de *Mami Wata* uma pequena parte de imensa importância para a história do cinema mundial.

*Professora nas áreas de Comunicação Social e Artes desde 2001. Atual presidenta da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (Apan) (mandato 2023-2025). Trabalha com pesquisa, elaboração/gestão de projetos culturais e nas áreas de diversidade e inclusão e é curadora na área de cinema e audiovisual. Acredita na importância da coletividade para o fortalecimento da atuação de lideranças negras, mulheres, LGBTQIAPN+ e de outros grupos minoritários. Pesquisa sobre os saberes que nos ajudam a compreender o mundo para além das lógicas de dominação. Aprendemos com Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e tantas outras intelectuais negras maravilhosas que nosso conceito de poder não pode reproduzir opressões que tentam nos diminuir. Não é sobre ser melhor que os outros – é sobre melhorar para todos.

ATMOSFERAS DA IMAGINAÇÃO

Por Lorrann Dias*



Estar de frente para o longa-metragem nigeriano *Mami Wata* (2023), de C.J. “Fiery” Obasi, na incrível projeção da unidade CineSesc São Paulo, durante a Mostra de Cinemas Africanos, nos convoca a sentir e pensar sobre as arquiteturas do cinema e da memória, seus escuros imersivos e a presença espacial dos sons e silêncios, porque essas monumentalidades também estão presentes na linguagem do próprio filme e no estilo de C.J. “Fiery” Obasi.

Antes que o drama se estabeleça como informação, o pictórico se mostra atmosférico. A direção de fotografia em preto e branco, assinada pela

brasileira Lílís Soares, vencedora do Prêmio Especial do Júri de Fotografia no Festival de Sundance em 2023, desafia o imaginário estereotipado sobre uma África hipercolorida e se manifesta na encruzilhada entre um desejo filosófico e uma técnica que abstrai o espaço.

Devido às escolhas de enquadramento e conjunto de lentes, temos poucas informações visuais sobre os espaços das cenas. Como vestígios e relances, vemos imagens da beira do mar, algumas árvores ou grafismos nas paredes próximas. Com o excesso de escuridão e desfoque, os lugares pouco se diferenciam, e não temos absoluta



certeza de onde a profundidade de campo nos levará, criando a sensação de que a paisagem é preenchida pelos conflitos sociais, pelas transformações políticas e espirituais da própria comunidade.

Tendo em vista que as câmeras de hoje em dia fotografam em cores, um filme contemporâneo sem cor nos diz que algo está propositalmente ausente, oculto. *Mami Wata* utiliza esse recurso preto e branco para despertar no espectador uma atenção ativa e que percorre cada segundo do filme, fazendo-nos fantasiar sobre aquilo que não vemos, mas sentimos: o poder transformador do invisível.

*Diretor, produtor de cinema, curador e gestor cultural, nascido na Favela da Maré (Rio de Janeiro). É analista na Gerência de Cultura do Departamento Nacional do Sesc, onde integra a Rede Sesc de Audiovisual, colaborando na curadoria, contratação e programação anual do projeto CineSesc, além de desenvolver estratégias nacionais de mediação cultural, formação e mobilização de públicos em todas as regiões do país. Dirigiu filmes exibidos em festivais e plataformas nacionais e internacionais, como *Entre a Colônia e as Estrelas* (BlackStar Film Festival, Festival do Rio 2022, Canal Brasil, Globoplay+) e *Perpétuo* (Festival de Rotterdam, 2019). Participou de programas internacionais como Locarno Film Industry: Latin America (2024), American Film Showcase (Los Angeles, 2023), Apichatpong Weerasethakul's Creators Lab (Amazônia Peruana, 2022), Talents Buenos Aires (2022) e Gotebörg Film Fund (Suécia, 2021).



The background features a soft rainbow gradient transitioning from purple at the top to yellow and green at the bottom. A solid black triangle is positioned in the top-left corner. A series of white, concentric rectangular outlines are stacked and offset to create a 3D perspective effect, appearing to recede into the distance from the center-right towards the bottom-left.

***RETROSPECTIVA
BRASIL***

O CINEMA DE ANDRÉ NOVAIS OLIVEIRA

Retrospectiva Brasil é uma mostra focada em um cineasta brasileiro com relevância para o cinema nacional, e que tem representado o Brasil nos festivais internacionais de cinema. Este ano homenageamos o cineasta mineiro André Novais Oliveira, sócio-fundador da produtora Filmes de Plástico.

O cinema de André Novais Oliveira sugere o afeto como elemento substancial para a estética e a política por onde suas imagens e sons tomam vida. É pelo afeto aos lugares e às pessoas que equipe e elenco são mobilizados, e é também por ele que as cenas são construídas. Não o afeto como algo romântico ou monotemático, mas como dispositivo

– uma ferramenta para se chegar aos objetivos. Para além de um aspecto da sensibilidade individual ou coletiva, nesta filmografia, o afeto é um aspecto do modo de produção.

André Novais Oliveira fez cinema com amigos e familiares, e são eles, sua equipe, os primeiros espectadores, que imaginam os filmes antes mesmo de eles estarem prontos. Suas obras registram seus afetos, e por meio deles vivem para além do limite entre o real e o ficcional. Vivem no sensível, inspirando vários cineastas no Brasil, mostrando que seus universos, seus amigos, seu bairro, seus familiares, são fontes abundantes de criação de cinema e de vida.

André Novais Oliveira

Nasceu em Belo Horizonte. É formado em História pela PUC-Minas e em Cinema pela Escola Livre de Cinema/BH. Atua como diretor e roteirista. *Temporada*, o segundo longa-metragem que dirigiu, estreou na mostra Cineastas do Presente do 71º Festival de Locarno e ganhou o prêmio de Melhor Filme no 51º Festival de Cinema de Brasília. Dirigiu também o longa *Ela volta na quinta* e os curtas *Fantasma*, *Domingo*, *Quando aqui*, *Rua Ataleia*, *Nossa mãe era atriz* (codireção com Renato Novaes), *Pouco mais de um mês* e *Quintal* – os dois últimos selecionados para a Quinzena dos Realizadores em Cannes. Em 2023, dirigiu seu terceiro longa-metragem, *O dia que te conheci*, selecionado para a competição latino-americana do Festival de Mar del Plata, vencedor do Prêmio da Crítica na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo e do prêmio de melhor filme no Festival de Belfort, na França. Em 2024, foi um dos homenageados da Mostra de Cinema de Tiradentes, e recebeu uma retrospectiva do seu trabalho no FIC Valdivia (Chile). Junto com Gabriel Martins, Maurilio Martins e Thiago Macêdo Correia, é sócio da produtora mineira Filmes de Plástico, desde 2009. Publicou em 2021, pela Editora Javali, o livro *Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada*, que narra o processo de feitura do seu segundo longa. Está finalizando seu quarto longa como diretor: *Se eu fosse vivo... vivia*.



TEMPORADAS COM ANDRÉ

*Por Grace Passô**

Um dia estava num bar paulista com Wilssa, e André estaciona num Uber. Desce com uma sacola de supermercado, senta conosco, não fala muita coisa e tira um presente de dentro da sacola. Era um toca-discos antigo. Para variar, me lembrou o que tinha na casa da minha infância. Estava conservado, pronto pra usar, só precisava das caixas. Há muito tempo Wilssa procurava por um daqueles, assim como eu. E aquele jeito de dar um presente me lembrou como muita coisa começou pra mim em relação ao André.

Um dia, ele me ligou marcando um encontro: era sobre seu primeiro longa. Já havíamos conversado durante as filmagens de *No coração do mundo*, mas trocamos menos palavras ali. O fato é que, depois de sua ligação, marcamos o tal encontro. Cheguei na sede da Filmes de Plástico, ele falou uma coisa ou outra e me apresentou o roteiro do *Temporada*, encadernado. O presente era Juliana, uma personagem recém-chegada na capital, diante dos desafios de recomeçar sua vida.

Juliana e o toca-discos. Juliana veio embrulhada com situações muito familiares. Assim como o toca-discos. Para mim, aquele dia foi um pouco o dia que conheci André.

Gostava muito do elenco de *Temporada*. A cena do grupo de agentes carregando um armário no meio da rua é quase um segredo

brasileiro. O pai em frente a uma fogueirinha no quintal de sua casa, um pai de poucas palavras no meio da noite, diz tanto... O modo como as amizades acontecem, como o novo mundo se apresenta à Juliana, o vermelho do carro que sempre esteve ali no roteiro, a prima que empresta dinheiro escondido, a senhora que obrigava Juliana a provar de sua broa, dizendo: “senta, você deve estar cansada...” Convidar uma trabalhadora para descansar em sua casa no meio do expediente também é um segredo brasileiro. Diz de nossas comunidades. Adoro essa cena.

E eis que um dia, descendo a rua em direção à locação da casa da personagem, vejo dona Zezé no portão de sua casa. Ela diz: “entra aqui, vem comer um docinho...” Entrei, atravessei sua casa até a cozinha e lá ela me ofereceu uns quadradinhos de doce de leite. Era tudo pretexto para a gente conversar. Provavelmente ela devia estar me ajudando a descansar do trabalho de atuar. Papo vai, papo vem, deu a hora de voltar para a locação, aquilo foi um descanso no expediente...

Acho que alguns dias depois ensaiamos juntas, dona Zezé e eu. De qualquer forma, não foi muito tempo depois do encontro dos doces. Tenho uma foto do ensaio. Nele, ela está com uma jaqueta jeans. Guardo essa foto como se vivesse no século passado: salvo repetidas vezes, como se buscasse alguma certeza de que essa imagem nunca vai se perder no tempo, pelas nuvens. As imagens...

que paradoxo... são eternamente intocáveis!

Tempos depois, perto da estreia do filme, estavam lá as imagens, organizadas em histórias, registro de um tempo ficcional e real, tudo misturado. No Festival de Brasília, estava passando meio mal no dia da premiação, talvez tenha me esquecido de dizer todos os nomes que queria quando estava no palco. Mas outros prêmios e mostras vieram, uma fatura danada, neles li e ouvi muitas análises sobre o trabalho do André.

Anos depois, estava em algum lugar escuro, talvez dentro de um teatro, e André me liga convidando pra fazer *O dia que te conheci*. Enviou o roteiro por e-mail e amei o que li. Gostei de poder acompanhar aqueles dois personagens se deslocando pelos espaços. Saí da leitura com uma sensação de muitos planos-sequência, aquela sensação de viver o tempo presente junto dos personagens.

Ensaíamos na casa em que Esther e André moravam: a locação do filme, a casa de Zeca. Nato e eu sempre papeando entre uma cena e outra. Era época de eleição presidencial e os nervos estavam à flor da pele do país. Nato também é professor, e entre bibliotecários e professores, tentávamos refletir sobre a situação do Brasil naquele momento.

Sobre as filmagens, tinha a cena da conversa no carro, que filmamos na garagem de Norberto. Projetaram o caminho, pré-filmado, na parede da garagem e ficamos ali fingindo

dirigir na avenida. André nos mostrou no visor o que andava filmando e a artificialidade do modo de filmar aquela cena transformava-se em linguagem pura, uma beleza do real exaltando sua artificialidade, que massa!

Já não me lembro quando vi *O dia que te conheci* pela primeira vez. Mas vi muitas vezes. Viajar com André e Nato apresentando o filme por aí foi uma grande experiência. Era como se estivéssemos, os três e mais algumas gentes, carregando um armário. Todos juntos, no meio da avenida.

*Atriz, diretora e dramaturga. Cria do Teatro e do Cinema. Atualmente, é diretora das peças teatrais *Herança* e *O fim é uma outra coisa*. Circula com o solo *Vaga carne* e desenvolve o projeto teatral *Ficções sônicas*. Como dramaturga, recebeu vários prêmios, entre eles o Shell SP/RJ, APCA, o Cesgranrio e o Prêmio Leda Maria Martins. No cinema, alguns dos filmes em que trabalhou como atriz são: *Praça Paris*, *Temporada*, *No coração do mundo*, *Levante* e *O dia que te conheci*. Recebeu prêmios de melhor atriz no cinema, como o Festival do Rio, Festival de Brasília, Festival de Turim, entre vários outros. Dirigiu *República* e *Vaga carne*, este último uma adaptação audiovisual da peça teatral de sua autoria. Atualmente, finaliza seu primeiro longa-metragem, *Amores*.

TERCEIRA MARGEM DO FILME

Por Maria Bogado*

André Novais Oliveira é um cineasta formado em História, mas que surpreende ao apresentar pleno interesse pelo presente. Vários nomes de filmes de André referenciam o tempo, mas nunca uma data exata, localizada no interior de uma ordem cronológica objetiva. Títulos como *Domingo* (2011), *Pouco mais de um mês* (2013), *Ela volta na quinta* (2014), *Temporada* (2018), *O dia que te conheci* (2023) fazem todos alusão a algum marco temporal, mas é como se fosse um marco afetivo, único e pessoal: esse dia, essa quinta, esse mês, essa temporada. É como se expressassem um presente dilatado, um tempo que, por conter algo de especial, nunca passa de vez. A sensação de que ela volta na quinta talvez dure uma vida inteira, assim como o dia que te conheci talvez seja sempre o dia que te conheci.

Segundo a montadora Cristina Amaral, os filmes de André são um rio de água aparentemente parada, mas “quando se percebe, você já está na outra margem, num outro lugar, com um outro tempo interior”. Mas,

afinal, o que é que nos desloca e assombra nesses filmes compostos majoritariamente por experiências tão comuns, calmas e sutis? O cinema de André Novais Oliveira se dedica ao cotidiano de modo tão íntimo e denso que parece mudar a escala dos acontecimentos. André escolhe filmar paisagens que frequenta e conhece bem, como casas que habitou e cidades onde morou, além de trabalhar com pessoas com quem convive de perto, tendo vários filmes com amigos e familiares não profissionais compondo a maior parte do elenco. André ama escrever roteiros, e por mais que muitas das suas narrativas sejam ancoradas no seu cotidiano, nunca opta por um registro totalmente documental. Apesar desse grande interesse pela realidade concreta que o cerca, há uma opção declarada pelas potências de invenção e rearranjos próprias da ficção.

Um dos primeiros curtas-metragens de André Novais Oliveira, *Fantasma* (2010), apresenta um único plano no qual vemos um posto de gasolina e uma rua a partir do ponto de vista de uma janela um pouco alta. Dois amigos, dos quais só ouvimos as vozes, conversam. Na rua, nem tão vazia, nem tão cheia, nada surpreende. Já na conversa dos amigos, sob o sotaque mineiro, os assuntos são igualmente corriqueiros. Comentam com leveza sobre vizinhos e conhecidos enquanto deixam o tempo passar – mas há, também, fantasmas que rasgam a naturalidade da imagem e não deixam o tempo passar. Sob todo



esse marasmo há algo terrível e maravilhoso. Maurílio percebe que Gabriel deixou uma câmera ligada sobre um tripé e nós descobrimos que não estamos vendo o ponto de vista dos personagens, mas a imagem filmada por essa câmera. Gabriel resolveu filmar sua esquina porque queria registrar a passagem de sua ex-namorada, Camila. Resolveu filmar porque não suportava a sua ausência, porque acreditava que, pelo menos nos filmes, podemos criar presenças e manipular o tempo. De fato, enquanto os amigos conversam, Camila passa pela esquina. Essa imagem, capturada pela câmera de Gabriel, reaparece várias vezes, como se o filme rodasse feito um disco arranhado ou como se o personagem estivesse revendo infinitamente a imagem da amada que já não encontra mais. Nessa esquina tão comum havia – e ainda há, porque

continuamos assistindo – algo de insuportável, a ausência de um amor, e algo de mágico, a possibilidade de fazer o tempo ir e vir. Se na vida real Camila foi embora, na ficção ela pode sempre retornar.

Já no longa *Ela volta na quinta*, acompanhamos o cotidiano de uma família que encara um processo de separação dos pais. A mãe decide viajar para pensar melhor, mas sua presença se torna cada vez mais forte com a partida. No último plano do filme, quase nada acontece, os corpos pouco se movem, os filhos se reúnem junto ao pai e assistem futebol diante de um espaço vazio entre o sofá e a televisão. É nesse espaço vazio que a ausência da mãe soa mais vívida do que qualquer presença. Às vezes, os fantasmas são tão fortes que podem permanecer invisíveis.

Uma das estratégias importantes da sua filmografia é a duração dos planos. Com longas tomadas, que nos deixam ver ações inteiras com pouquíssimos cortes, micromovimentos e pequenos detalhes saltam aos olhos como grandes ápices dramáticos, e, a qualquer momento, o que é o ultrafamiliar pode soar como o extremo estrangeiro. No filme *Ela volta na quinta*, acompanhamos Norberto indo pegar uma geladeira para consertar. Ele e seu companheiro de trabalho precisam descer a escada com o enorme eletrodoméstico. Essa situação, corriqueira para Norberto, ganha grande dramaticidade, pois, pela duração dos planos, acompanhamos cada passo e pequeno desequilíbrio da dupla em plena luta para a pesada geladeira não desabar. No mesmo longa, em um plano longuíssimo filmado com câmera fixa, vemos a mãe de André sentada diante de um laptop procurando músicas, enquanto o pai, mais à frente, assiste televisão. Ela coloca uma música de Roberto Carlos e Norberto a chama para dançar. Zezé hesita muito, mas acaba cedendo. Os dois dançam lembrando do passado, Zezé acaba rindo e decide parar. Não fosse o fato de acompanharmos todo o jogo de sedução, brincadeira e memórias indo e vindo, essa dança de um casal que se conhece há décadas na sala de casa jamais teria a densidade que a torna memorável.

No cinema de André, a ficção é calculada para que o máximo de emoção se expresse com o mínimo de sinais. Se o real é esse grande rio que nos levaria vulneráveis em suas correntezas – todos vamos amar e morrer – a ficção produz contornos, recortes precisos, que nos permitem atravessar de uma margem à outra, brincar de ir e vir por caminhos inesperados.

*Defendeu tese de doutorado sobre cinema brasileiro contemporâneo pela UFRJ em 2022. É redatora da Enciclopédia Itaú Cultural desde 2020. Atua como crítica de cinema com publicações em catálogos, como o da Mostra de Tiradentes, e revistas *Zagaia* e *Cinética*. *Fazemos da memória nossas roupas* (2020), exibido no Cine Esquema Novo, Semana de Cinema e Pivô Arte e Pesquisa, é seu primeiro filme. Realizou pesquisa sobre epistemologias feministas, com publicações no livro *Explosão feminista* (Companhia das Letras, 2018) e coorganização do dossiê da *Revista Eco-Pós* (2020) dedicado ao tema. Como professora de cinema, já lecionou no curso Cinemas do real (em parceria com Anita Leandro, na UFRJ), Cinema Brasileiro Anos 2010 (Revista *Cinética*), Práticas da crítica: a imagem como um outro (em parceria com Juliano Gomes, no Sesc). Integrou a curadoria do evento de poesia, performance e música experimental Subcena, realizado no Audio Rebel (RJ). Apresentou o trabalho de performance e som *Mobilização* no programa Um berro, um sussurro, realizado na biblioteca do Parque Lage, em 2019. Criou e coeditou a revista *Beira* até 2016. No Linktree é possível acessar algumas publicações recentes: linktr.ee/mariabogado

MEU IRMÃO É CINEASTA

*Por Renato Novaes**

Neste exercício de escrita, relembro como o cinema chegou em nossas vidas e como ele mudou tudo. Escrevo com o forte desejo de que essas palavras cheguem na mente e no coração de pessoas como nós, uma família preta da periferia.

Rememoro a importância que meus pais têm nessa revolução familiar. Lembro do dia em que meu irmão decidiu se inscrever em um curso na Escola Livre de Cinema. A cinefilia já fazia parte do nosso cotidiano. Todos gostávamos de assistir a filmes e eu já frequentava algumas mostras e festivais em Minas. Meus pais não sabiam como o cinema era feito, mas, em breve, começariam a fazer cinema.

Meu pai, metalúrgico aposentado, esperava que os filhos trabalhassem na mesma empresa para a qual ele dedicou seu tempo e saúde por 29 anos. A busca do André pela profissionalização no cinema não causou entusiasmo no senhor Norberto. Sua apreensão era genuína. Se tornar cineasta parecia um sonho muito distante da nossa realidade, dona Maria José teve outra reação. Era uma mãe diferente de outras que conheci. Apaixonada por arte, ela se interessava ativamente pelas nossas descobertas e apoiava com entusiasmo nossos projetos. Com seu jeito todo especial de encarar a vida, ela abraçou a escolha do meu irmão.

Eu, o mais velho, trabalhava e contribuía com o orçamento da casa. Soube com alegria dos planos do meu irmão, mesmo sem entender o que sua escolha implicaria. Como meu pai, eu me preocupava com o futuro dele. Em nosso bairro, convivi com gente muito criativa que infelizmente não teve a oportunidade de fazer da arte um ofício. A urgência guia as nossas

escolhas profissionais na periferia, e a grande maioria das pessoas que eu via nos bastidores dos filmes, nas mostras e festivais de cinema que frequentei eram pessoas brancas e ricas. André rompeu fronteiras.

Na Escola Livre de Cinema se deu um daqueles encontros que mudam o curso de uma vida. André conheceu Gabito, que conhecia Maurílio, e em breve eles conheceriam o Thiago. A Filmes de Plástico é um fenômeno orgânico, nascido em meio a inúmeras adversidades. Tenho muito orgulho e sou privilegiado de poder acompanhar essa trajetória. Torço e me benefício desse sonho sonhado por esses quatro camaradas geniais. Eles me deram uma carreira.

Mas, antes de a produtora nascer, André estreou com *Uma homenagem a Aluizio Netto*, curta de conclusão de curso da Escola Livre de Cinema. Depois gravou *150 mg*, também com recursos da Escola Livre. Nele, a casa da minha tia Cleida foi usada como cenário, escolha que se tornou uma tradição da produtora, que faria de locações e elencos familiares uma marca estética.

André começou, então, a trabalhar com aqueles que se tornariam seus sócios. Entre alguns trabalhos institucionais e autorais, nasceu *Fantasma*. É um prazer relembra o dia em que esse filme foi feito. Uma única noite, um único plano, oito takes, uma única esquina, poucos movimentos na câmera e um zoom. Reza a lenda que o maior custo de produção foi a compra dos ingredientes da macarronada que minha mãe fez para o jantar da equipe.

Contagem, de Maurílio e Gabito, se tornou um marco para a Filmes de Plástico, conquistando o primeiro prêmio de expressão nacional, o Candango de Melhor Direção. Em 2011, André grava e produz *Domingo*, curta experimental com cenas que compõem um mosaico interessantíssimo. *Pouco mais de um mês*, gravado em 2012 e lançado em 2013, consolida outro importante passo da caminhada da produtora. O filme é selecionado para o Festival de Cannes, na França. É a primeira das três participações que a Filmes de Plástico terá no festival.

O ano de 2013 foi marcante para a nossa família. Minha mãe, meu pai, minha futura esposa Carla Patrícia e eu gravávamos nossas primeiras participações em um filme, o *Ela volta na quinta*. Desde a leitura do roteiro até o último dia de gravação, aqueles foram os melhores momentos que vivemos juntos. Me emociono muito a cada vez que penso em tudo o que passamos para fazer esse filme. No mesmo ano, André grava *Quintal*, que também chega ao Festival de Cannes. A trupe voa acompanhada dos dois protagonistas dessa obra premiadíssima, dona Maria José e seu Norberto, nossos pais. É a primeira viagem internacional desse casal que

se conheceu na capital mineira, na década de 1970.

Em 2017, meu irmão grava o seu segundo longa-metragem, *Temporada*, que marca seu último trabalho com nossa mãe. Infelizmente, ela não viu o filme pronto. Em 2018, ano do lançamento, Maria José falece, no dia do seu aniversário de 71 anos. Foi um choque muito grande para todos nós.

Em 2021, André lança *Rua Ataleia*, trazendo imagens da nossa casa, num experimento que ele gravou 15 anos antes, mostrando um momento de queda de energia no bairro. Estreia em 2023 o documentário *Nossa mãe era*



atriz, no qual dividimos a direção e contamos com a brilhante montagem de Higor Gomes. É um filme lindo. No mesmo ano, André estreia seu terceiro longa, *O dia que te conheci*, gravado em Belo Horizonte, Contagem e Betim.

Foram 12 dias de gravação com uma equipe de sete pessoas, e uma das melhores experiências que vivi no cinema. Tive a sorte de ser o protagonista dessa pérola, que conta com a atuação da talentosíssima Grace Passô, uma querida amiga que o cinema me deu.

Ainda em 2023, André foi o homenageado na Mostra de Cinema de Tiradentes, com a grande atriz Bárbara Colen, outra amizade que o cinema criou. Ele estreia, então, *Roubar um plano*, dividindo a direção com outro amigo, Lincoln Péricles, e o sensível *Quando aqui*, fazendo da nossa casa um personagem, mais uma vez.

O cinema mudou a história da minha família e, graças ao nosso caçula, nossa família tem feito história no cinema brasileiro. Além de representarmos uma considerável parte da população que raramente se reconhece no cinema, nossa presença nesse ambiente ainda tão elitista e branco colabora com a celebração da memória e embeleza as telas com a poesia presente na vida das famílias pretas periféricas.

*Ator, diretor e professor de Geografia. *O dia que te conheci* e *Engole o choro* estrearam no 25º Festival do Rio, e no 56º Festival de Brasília, em 2023, recebeu o seu terceiro Candango na carreira, de Melhor Ator de Longa por *O dia que te conheci*. Atuou em alguns dos longas-metragens mais aclamados pela crítica especializada: *Arábia*, *No coração do mundo*, *Solange*, *Temporada*, *Marte um* e *Ela volta na quinta* (com esse, ganhou seu primeiro prêmio Candango de Melhor Ator Coadjuvante de Longa-metragem, no 47º Festival de Brasília, em 2014). Também atuou em diversos curtas: *Super estrela prateada*, *A mulher que sou*, *Constelações* (com esse ganhou o segundo prêmio Candango de Melhor Ator de Curta e Média-metragem, no 49º Festival de Brasília, em 2016). Em 2023, estreou como diretor no curta *Nossa mãe era atriz*, na 26ª Mostra de Cinema de Tiradentes, recebendo prêmio do Júri Popular. Com os três Candangos, entra, provavelmente, numa seleta lista de atores que receberam o prêmio em todas as categorias de atuação do Festival de Brasília. Tem ainda diversos trabalhos em processo de finalização.

OS VAZIOS DA HISTÓRIA – O CINEMA DE ANDRÉ NOVAIS OLIVEIRA

*Por Gabriel Martins**

Já escrevi pelo menos em duas ocasiões recentes sobre o cinema do André Novais Oliveira, o Andrezera. Mas nunca canso de enaltecer a peculiaridade e a força desse trabalho único na nossa cinematografia. Acredito que exista, também, muito ainda a se pensar sobre o André e suas escolhas cinematográficas. Em cinema brasileiro, talvez seja a obra que eu tenha mais intimidade tanto como espectador como parceiro de trabalho, nas funções, principalmente, de sócio e produtor, diretor de fotografia e montador.

Sempre achei que no cinema do Andrezera tem uma espécie de tratado sobre o invisível. Um dos seus primeiros filmes, aliás, vem com o nome *Fantasma* não à toa. Tem uma cena de *Se meu apartamento falasse*, de Billy Wilder, em que o personagem principal, Bud, prepara um macarrão e o escorre usando uma raquete de tênis. Um momento simples, mas cheio desses fortes elementos, digamos, “invisíveis”. A cena revela não só a situação do cara, que é um quebrado, como também revela sua maneira de olhar a vida, com um bom humor que se cruza com alguma melancolia. É um cara sozinho, com um modo muito especial de ser sozinho em uma Nova York fria, de escritórios frios, em busca do amor. Esse é um dos filmes e um dos diretores favoritos do Andrezera, um dos que mais o influenciou lá atrás.

Sinto que o cinema do Andrezera, quase em sua totalidade, é um dos que mais reflete a poesia pulsante da classe trabalhadora brasileira. Assim como no filme de Wilder, Andrezera faz, em todos os longas, algum tipo de reflexão sobre esta classe média, em muitas instâncias observando o personagem em seu ambiente de trabalho ou criando situações a partir do que o trabalho proporciona. Isso começa ali no Norberto em *Ela volta na quinta* dobrando um papelão para que o cochilo do almoço exista com alguns milímetros a mais de conforto, cena que remete também ao *Matador de ovelhas*, de Charles Burnett, outro belo canto aos trabalhadores. Segue para o *Temporada*, que é sobre achar um novo emprego e, com isso, sua perspectiva sobre o nós e o eu mudar completamente. E termina no trabalho mais recente em longa, *O dia que te conheci*, em que uma demissão leva ao encontro de um possível amor – nada mais Billy Wilder que isso.

Mas o que torna o cinema do André mais especial não é só a dança com este universo. A maior parte do cinema de brasileiro de ficção gira em torno disso. Sinto, e não só eu, que o André foi quem mais conseguiu exprimir alguma angústia com o ritmo da vida de maneira mais completa, não só na trama como também na forma. As forças motivadoras da história estão sempre conectadas com um sentimento que vai triunfar diante da operacionalidade insensível do mundo. Seja a coletividade ao fim de *Temporada* ou a superação de um

sono muito muito pesado em *O dia que te conheci*. Pensa só, no caso deste último. É um filme sobre um cara que não consegue chegar no horário no trabalho, pois está tomando o remédio errado. A culpa é do Zeca, mas também é do trabalho, que é ruim, que o oprime, que não o abraça, que tem pessoas escrotas. Ele não acorda também porque não quer estar ali. Mas ele precisa trabalhar. Mas daí vem a vida, e atravessa o momento. O cinema captura o dia em que alguém muda o horário do Zeca acordar. O cinema, ou o amor, por fim, vence o trabalho.

Mas o André não quer te empurrar um discurso a partir dessas evidências. Ele as apresenta para que as simbologias se construam na inteligência e na generosidade de quem vê. Nisso, o seu cinema é muito diferente de grande parte do cinema brasileiro que frequentemente filma o seu povo com culpa, medo, falta de humor ou mesmo um distanciamento aburguesado que tenta objetificar o protagonista, torná-lo instrumento de um discurso em vez de mergulhar com ele nas situações, nas dores, nos amores, nos vazios da vida.

Os vazios da vida. Vazios de tempo e de espaço. Mas um vazio que cabe muita coisa. Em uma leitura mais óbvia, o tempo dilatado de planos e o campo amplo de espaços, planos abertos. Um cinema que dá muito tempo para a gente ver as coisas, passear pelos planos. Frequentemente, um cinema chamado de simples. Mas a simplicidade está, ironicamente, em descompasso com um cinema tradicional ou com o primeiro pensamento de como se contar uma história.

Pensamos, por exemplo, no *Fantasma*, um filme muito exibido em faculdades, mas uma obra única e que praticamente não provocou muitos gestos parecidos ou equivalentes. Não provocou porque aquilo ali não é fácil. Para fazer um filme como aquele você precisa ter duas coisas: uma narrativa muito redonda e uma coragem de entender como jogar com o foco de atenção do espectador. *Fantasma* é um truque de mágica em que você nunca sabe para onde o filme está te levando. Ele se apresenta inicialmente como um falso filme contemplativo para se tornar uma grande narrativa clássica sobre decepções amorosas. Faz isso, também, sendo uma espécie de filme dispositivo em que o tempo da história são vários. O filme é o filme ou é apenas uma fita que está sendo assistida? O protagonista está assistindo ou existindo? Como ele está se sentindo assistindo aquilo, voltando várias vezes? Mas, acima de tudo, um filme que mostra que não precisamos ver os protagonistas para

ver a história. Existe, no vazio, tudo. Nada de novo, mas algo sempre muito genial quando executado com maestria como aqui.

André se formou em História pela PUC e este fato, também não muito conhecido, não passa batido no seu cinema. Ele é obviamente interessado pela imagem. Diria que, na verdade, a história das imagens o persegue a ponto de obsessão. É uma obsessão saudável que faz com que, no meu modo de ver, ele seja um tanto imune a um cinema contemporâneo de miragens, que se nutre muito de primeiras impressões. André aposta nos significados presentes em pequenos gestos, um texto sutil, uma ação que pode até ser grandiosa – como um portal em *Quintal* – mas a sua apresentação será no geral bastante intimista, menos megaespetacular ou antecipando uma reação nossa. Existe o cara ali te apresentando o mundo, deixando esse mundo correr e, a partir dali, trabalhando os nossos sentimentos na mocada, à la mineira, com seu jeito de ser tímido, introspectivo, mas muito profundo.

Um grande exemplo disso é seu trabalho mais recente, *Quando aqui*, em que André especula sobre o espaço de uma casa em muitas épocas. O caminho do texto é até básico e direto: por um mesmo metro quadrado se passam muitas histórias. As escolhas do que mostrar nos revelam identidades brasileiras distintas, ações muito simples e memórias do cotidiano que, ali, como sempre no

cinema do André, tomam a grandeza de cenas espetaculares de ação.

Mas o que fica, pelo menos para mim, é também uma sensação de vazio. Não uma sensação de vazio ruim, mas uma percepção sobre os vazios da história. Buracos do que entendemos como humanidade, cotidiano, vida, existência. Vazios que são até inomináveis, mas que parecem ser a cola necessária para a gente viver mais feliz ou, pelo menos, sem ser levado pelo ritmo frenético de uma vida pouco aberta à sensibilidade do humano.

Quando o André me mostra o que mostra, me faz pensar também sobre tudo que não está na tela, sobre o que não estou vendo. Essa característica, para mim, é reveladora da grandeza das artes. Isso pertence a criadores que conseguem flexionar o seu artesanato para mexer com a imaginação e o sentimento do espectador. Isso também faz parte de quem cria sem medo de deixar sua própria tormenta, o seu coração partido, se revelar nas entrelinhas dos personagens. Em um mundo em que o mercado de cinema caminha cada vez mais para que as lacunas estejam preenchidas, é uma salvação termos cineasta como o André, alguém apaixonado pelos desafios do mundo e tudo aquilo que, pode ter certeza, está lá, mesmo que nem sempre a gente consiga ver.

*Diretor, roteirista, diretor de fotografia e montador. Trabalhou em mais de 20 filmes exibidos em festivais de cinema ao redor do mundo. É sócio-fundador da produtora Filmes de Plástico, companhia responsável pelos curtas *Fantasma*, *Contagem*, *Pouco mais de um mês*, *Quintal* e *Dona Sônia pediu uma arma para seu vizinho Alcides* e os longas *Temporada* e *No coração do mundo*. Seu último lançamento é o filme *Marte um*, indicado para representar o Brasil na Competição de Filmes Estrangeiros do Oscar 2022.



The background features a soft, multi-colored gradient transitioning from purple at the top to green at the bottom. Overlaid on this are several thin, white, parallel lines that form a series of nested, elongated triangular shapes pointing towards the bottom right.

CINEASTAS

ALLAN DEBERTON

Produtor, diretor e roteirista, formado em Cinema pela UFRJ (Universidade Federal Fluminense). Dirigiu os premiados *Doce de coco* (2010), *O melhor amigo* (2013) e *Os olhos de Arthur* (2016), que juntos participaram de mais de 100 festivais nacionais e internacionais e conquistaram 49 prêmios. Em 2015, produziu o longa documentário *Do outro lado do Atlântico*, de Márcio Câmara e Daniele Ellery, com estreia no Festival de Havana. Em 2017, coproduziu para a EBC a série de TV *Lana & Carol*, de Samuel Brasileiro e Natalia Maia. Em 2018, produziu o longa *Se arrependimento matasse*, de Lília Moema; produziu o curta *Aqueles dois*, de Emerson Maranhão, e coproduziu com a Globo Filmes o telefilme *Baião de dois*. Em 2019, lançou seu primeiro longa-metragem como diretor, *Pacarrete*, que estreou no 22th Shanghai International Film Festival e foi o grande premiado no 47^o Festival de Cinema de Gramado, com 8 Kikitos. Atualmente produz os próximos projetos *O melhor amigo*, *Feito pipa* e *Marcélia*.

ANDRÉS LIEBAN

É profissional na área de desenho animado atuante no Brasil. Foi diretor da Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA) e possui diversos trabalhos premiados em festivais nacionais e internacionais. É o criador da série de desenho animado: *Meu AmigãoZão*, uma coprodução Brasil/Canadá, exibida em toda a América Latina pela Discovery Kids.

ANDRÉ NOVAIS OLIVEIRA

Nasceu em Belo Horizonte. É formado em História pela PUC-Minas e em Cinema pela Escola Livre de Cinema/BH. Atua como diretor e roteirista. *Temporada*, o segundo longa-metragem que dirigiu, teve estreia na mostra Cineastas do Presente do 71^o Festival de Locarno e ganhou o prêmio de Melhor Filme no 51^o Festival de Cinema de Brasília. Dirigiu também o longa *Ela volta na quinta* e os curtas *Fantasma*, *Domingo*, *Quando aqui*, *Rua Ataleia*, *Nossa*

mãe era atriz (codireção com Renato Novaes), *Pouco mais de um mês e Quintal* – os dois últimos selecionados para a Quinzena dos Realizadores em Cannes. Em 2023, dirigiu seu terceiro longa-metragem, *O dia que te conheci*, selecionado para a competição latino-americana do Festival de Mar del Plata, vencedor do Prêmio da Crítica na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, e do prêmio de melhor filme no Festival de Belfort, na França. Em 2024, foi um dos homenageados da Mostra de Cinema de Tiradentes e recebeu uma retrospectiva do seu trabalho no FIC Valdivia (Chile). Junto com Gabriel Martins, Maurilio Martins e Thiago Macêdo Correia, é sócio da produtora mineira Filmes de Plástico, desde 2009. Publicou em 2021, pela Editora Javali, o livro *Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada*, que narra o processo de feitura do seu segundo longa. Está finalizando seu quarto longa como diretor: *Se eu fosse vivo... vivia*.

BÁRBARA CARIRY

Cineasta, roteirista e produtora nascida em Fortaleza, em 1988. É graduada em Audiovisual e Novas Mídias pela Universidade de Fortaleza e mestra em Estudos Curatoriais pela Universidade de Coimbra (Portugal).

Como produtora executiva, trabalhou em diversos filmes como *Mãe e filha* (longa-metragem/Petrus Cariry/2011), *Os pobres diabos* (longa-metragem/Rosemberg Cariry/2013), *Abissal* (curta-metragem/Arthur Leite/2016), *A balada do Sr. Watson* (curta-metragem/Firmino Holanda/2017), *Pop ritual* (curta-metragem/Mozart Freire/2019) e *Sertânia* (longa-metragem/Geraldo Sarno/2019). Como diretora, realizou os curtas-metragens *Verão* (2009), *O silêncio do mundo* (2011) e *Os cabelos de Letícia* (2016). Os filmes que produziu e dirigiu circularam em mostras e festivais no Brasil e no exterior, tendo ganhado diversos prêmios. Como roteirista, já ganhou prêmios em editais no Ministério da Cultura do Brasil (MinC), na Agência Nacional do Cinema (Ancine) e na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE). Já fez trabalhos como produtora e assistente de direção para projetos do Canal Brasil e TV Sesc. Em 2021, estreou em festivais seu primeiro longa-metragem como diretora e roteirista, o filme *Pequenos guerreiros*.

BEATRIZ SEIGNER

É diretora, roteirista e produtora do filme *Los silencios* (Brasil, Colômbia,

França), rodado na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, que estreou na Quinzaine des Realizateurs do Festival de Cannes em 2018. A obra, aclamada pelas revistas Hollywood Reporter, Variety e Screen International como um dos melhores filmes no festival aquele ano, venceu o Impact Award by Ai Weiwei no Stockholm Film Festival, e ganhou os prêmios de Melhor Direção e Prêmio da Crítica no Festival de Brasília em 2018, Melhor Roteiro e Prêmio Especial do Juri no Festival de Lima, Peru, Melhor Contribuição Artística de Obra Prima no Festival de Havana, Cuba, Spanish Cooperation Prize no Festival de San Sebastian, Cícar Prize, dado pela Confederação Internacional de Cinemas de Arte e Ensaio no festival Cinelatino em Toulouse. Também recebeu Menção Honrosa da Unesco no Festival International de Cinema da Índia, em Goa.

É diretora, roteirista e produtora do longa-metragem de ficção *Bollywood dream*, a primeira coprodução entre o Brasil e a Índia, que estreou nos cinemas comerciais em 2011. O filme passou pela Mostra Internacional de Cinema de São Paulo em 2009 e foi um dos mais votados pelo público daquele ano. Também participou dos Festivais de Pusan, na Coreia, Paris, Tóquio e Los Angeles, entre outros.

É também diretora dos curtas-metragens feitos nas Oficinas Kinoforum: *Uma menina como outras mil* (São Paulo Int. Short Film Festival 2001), *Roda real* (São Paulo Int. Short Film Festival 2004) e *Índias* (2005).

Como roteirista, trabalhou com diretores como Walter Salles e Sérgio Machado, tendo também escrito séries documentais para a HBO, GNT, Canal Brasil e SescTV dirigidas por Heloisa Passos, Katia Lund, Maria Rocha, Vinícius Reis, João Vargas Penna e Carlos Alberto Jr.

C.J. “FIERY” OBASI

Cresceu assistindo filmes de terror na Hammer House e lendo romances de Stephen King. Muito mais tarde na vida, C.J. deixaria de lado seu diploma em Ciência da Computação da Universidade da Nigéria (UNN) para se lançar no cinema em tempo integral. Sua estreia no longa-metragem foi com *Ojuju*, e no curta-metragem com *Hello, Rain*, baseado em *Hello, Moto*, da autora de renome mundial Nnedi Okorafor – ambos exibidos em mais de 30 festivais de cinema. *Mami Wata*, seu terceiro longa, foi premiado no Festival de Sundance e representou a Nigéria no Oscar de Melhor Filme Internacional.

CÉLIA CATUNDA

Formada em Comunicações na ECA-USP, Celia é uma das fundadoras da Pinguim Content. Célia é criadora de séries de animação e de personagens como Peixonauta, Luna e Tarsilinha. Juntamente com Kiko Mistrorigo, criou e dirigiu as premiadas séries *De onde vem?*, *Peixonauta*, *Charlie – o entrevistador de coisas* e a série nomeada para o Emmy Kids 2018 *O show da Luna!*, atualmente em sua sétima temporada, e o longa-metragem *Tarsilinha*, entre outros.

No cinema, realizou o documentário fábula *Cirandeiro*, os curtas *Zona sin guarda-vidas* e *Escravidão contemporânea – esperança de regresso*, além dos longas-metragens *Gaby Estrella – o filme*, spin-off do seriado homônimo, em que foi diretor-geral (série do Canal Gloob, indicada ao International Emmy Awards/2014), *As aventuras de Poliana – o filme* (o longa concorreu ao Prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro em 2024, na categoria Melhor Longa-metragem Infantil) e *Princesa adormecida*, adaptação da obra homônima de Paula Pimenta, lançado em 2024.

CLAUDIO BOECKEL

Possui vasta experiência na área de criação artística, iniciou sua carreira há cerca de 30 anos. Ator, com formação na CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), em 1990, é músico, professor de interpretação e diretor teatral. De 1997 a 2021, integrou o quadro de diretores da Rede Globo, realizando diversos trabalhos relevantes na dramaturgia nacional, como *Senhora do destino*, *Cobras e lagartos*, *A força do querer* e *Império* (vencedor do Emmy Awards/2015).

DANIEL GONÇALVES

Formado em jornalismo pela PUC-Rio e pós-graduado em cinema documentário pela Fundação Getúlio Vargas, trabalhou durante três anos na TV Globo e hoje é sócio da produtora SeuFilme. Dirigiu os documentários *Tem bala aí?* (2008), *Luz guia* (2012), *Como seria?* (2014) e *Pela estrada afora* (2015) – documentário para o programa Sala de Notícias do Canal Futura. Para o mesmo programa, codirigiu e editou o curta *Cine Rolândia* (2014), foi roteirista e editor dos curtas *Os olhos das ruas* e *Ouvir com o coração*. Editou 23 episódios da série *Damas da TV*,

13 de *Grandes atores* e 10 de *Donos da história*, para o Canal Viva. Editou um episódio da série *Eu sou assim*, para o GNT. *Meu nome é Daniel* é seu primeiro longa-metragem.

DJIBRIL DIOP MAMBÉTY

Nasceu em Colobane, nos arredores de Dacar (Senegal), em 1945. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos na África, começou a fazer filmes sem nenhum treinamento formal em produção cinematográfica. Entre seus filmes, destacam-se *Touki Bouki*, onde realiza um retrato amargamente poético de seu país e suas relações com a antiga potência colonial, *Hienas*, uma alegoria da corrupção em curso na sociedade africana que foi apresentada na seleção oficial do Festival de Cannes, e os médias *O Franco* e *A pequena vendedora de Sol*, que compõem a trilogia incompleta intitulada *Histórias de pessoas comuns*. Mambéty faleceu em 1998 aos 53 anos, deixando um legado imenso com a singularidade marcante de seus filmes.

EDUARDO ALBERGARIA

É um diretor, roteirista e produtor brasileiro. Desde que dirigiu o seu primeiro curta-metragem *Achados e perdidos* e fundou a Urca Filmes, já criou e dirigiu mais de 300 episódios de séries de ficção e documentários para a TV a cabo nacional, assim como produziu filmes de diretores renomados como Walter Lima Jr., Paula Gaitáns e Vladimir Carvalho. Ganhou os seguintes prêmios: dois Monet de melhor série cômica, um Melhor Série Transmídia pela RioFilme, Novos dramaturgos do CCB, um Ibermedia para desenvolvimento e produção de seu primeiro filme, o prêmio INCAA-Ancine, entre outros. É atualmente o líder criativo do Núcleo Criativo Urca Filmes, laureado em edital da Ancine e em processo de renovação. *Happy hour* é o seu primeiro longa-metragem.

EMÍLIO DOMINGOS

É cineasta, antropólogo, pesquisador, roteirista e produtor. Atua na área de documentários. É membro da Academy of Motion Pictures Arts and

Sciences e da Academia Brasileira de Cinema (ABC). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com ênfase em Antropologia Visual, Cultura Urbana e Juventude. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Atualmente, é professor na Pós-graduação em Documentário da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e pesquisador associado ao Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (Grua), da UFRJ.

Como diretor, realizou os longas: *Chic show* (2023) para a Globoplay; *Favela é moda* (2019), vencedor do prêmio Melhor Longa-metragem Documentário de Voto Popular no Festival do Rio e melhor longa no Festival Guarnicê, ANPOCS e XIII Prêmio Pierre Verger/ABA; *Deixa na régua* (2016), vencedor do Prêmio Especial do Júri do Festival do Rio; *A batalha do passinho* (2012), vencedor da Mostra Novos Rumos do Festival do Rio; *L.A.P.A.* (2008), Melhor Filme no Festival Câmera Mundo, na Holanda. Para a TV, foi diretor-geral da série *Enigma da energia escura*, com Emicida (GNT), na qual também dirigiu o episódio “Eu falei faraó (cultura e resistência).”

Como roteirista, além dos seus filmes, escreveu *Gilberto Gil antologia vol. 1* para o Canal Curta; a série *Anitta: made in Honório* para a Netflix; o longa *Viva São João*, de Andrucha Waddington; a série *Viajando com os*

Gil – temporada 2 para a Prime Video; o podcast *No passinho do funk* para a Kondzilla/Spotify; a série *Abre alas*, com Agnes Nunes para o YouTube Originals; o vídeo *Visita guiada* para a campanha do mês da consciência negra do Google e a série *Romário, o cara* para a HBO.

Foi curador da Mostra Internacional do Filme Etnográfico e do Festival Visões Periféricas. Recebeu da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro a Moção de Louvor e Congratulação pela Militância em Defesa da Cultura Negra do Estado do Rio de Janeiro (2017), e da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro a Moção de Louvor pela contribuição ao Movimento Cultural Hip Hop (2017).

FABIO MEIRA

Diretor, roteirista e produtor, estudou na Escola Internacional de Cinema de Cuba. Foi assistente de Ruy Guerra em 2004, em *Veneno da madrugada*. Seu filme de estreia *As duas Irenes* teve a première mundial no Festival de Berlim, circulou e foi premiado em diversos festivais importantes do mundo. O projeto *Tia Virginia* recebeu o apoio para desenvolvimento do prestigiado Programa Ibermedia.

FRÉDÉRIC TELLIER

Iniciou sua carreira no cinema como assistente de direção. Permaneceu nessa posição por cerca de dez anos, trabalhando em comerciais, filmes corporativos, longas-metragens, entre outros. Em 1996, escreveu, dirigiu e produziu seu primeiro curta-metragem, *L'Enfermé*, e deu início a sua carreira como diretor. Em 2015, Frédéric Tellier escreveu e dirigiu seu primeiro longa-metragem, *O caso SK1*, que retrata o caso Guy George, assassino do leste parisiense. No elenco, Raphaël Personnaz, Nathalie Baye e Olivier Gourmet. O filme lhe rendeu duas indicações ao César: Melhor Adaptação e Melhor Primeiro Filme. Em 2018, dirigiu o drama *Através do fogo*, seu segundo longa-metragem. Apresentado no Festival Varilux 2019, teve mais de 700 mil espectadores na França.

GERMAN ACUÑA

Diretor e animador chileno. Em 2007, criou a produtora Carburadores, que realiza trabalhos audiovisuais em

diferentes técnicas de animação, além de spots televisivos animados para diversas marcas. Também dirigiu diversos videoclipes. *Nahuel e o livro mágico* é seu primeiro longa-metragem de animação.

GUTO PARENTE

Diretor, roteirista e montador, Guto Parente (Fortaleza, 1983) formou-se em cinema na primeira turma da Escola de Audiovisual de Fortaleza, foi membro do coletivo de artistas Alumbramento (2008-2016) e é sócio da produtora Tardo Filmes desde 2012. Realizou sete curtas – entre eles *Flash happy society* (2009) e *Dizem que os cães veem coisas* (2012), exibido no Festival de Locarno (Suíça) – e nove longas – entre eles *Estrada para Ythaca* (2010) e *Os monstros* (2011), ambos competindo no Bafici (Argentina), onde *Os monstros* recebeu uma menção especial do júri; *A misteriosa morte de Pérola* (2014), *Inferninho* (2018) e *O clube dos canibais* (2018), os três lançados no Festival de Roterdã (Holanda) e exibidos em diversos festivais ao redor do mundo. Seu décimo longa-metragem, *Estranho caminho*, foi lançado no Festival de Tribeca (Estados Unidos), em 2023.

HIROKAZU KORE-EDA

Diretor, produtor, roteirista e montador japonês. Conhecido, entre outros, pelos filmes *Ninguém pode saber* (2004), *Pais e filhos* (2013), vencedor do Prêmio do Júri no Festival de Cannes, *Depois da tempestade* (2016), *Assunto de família* (2018), vencedor da Palma de Ouro e indicado ao Oscar, e *Broker – uma nova chance* (2022).

ISAAC DONATO

É diretor e roteirista. Seu primeiro longa-metragem, *Açucena*, estreou em 2021 na Mostra Aurora da 24ª Mostra de Cinema de Tiradentes, e ganhou o prêmio de Melhor Filme. A obra teve estreia internacional no True/False Film Festival (EUA). *Açucena* ainda recebeu os prêmios de melhor filme no Cinefantasy – Festival Internacional de Cinema Fantástico – e no Panorama Internacional Coisa de Cinema. A obra também passou em importantes festivais internacionais, como FIDBA, DocsBarcelona, IDFA, entre outros. *Not dead* é seu segundo longa, com première brasileira

na Mostra de Tiradentes 2024. Atualmente, o cineasta está em fase de pós-produção da ficção *O sino*.

JEFERSON DE

Cineasta paulista nascido em 1969 e formado em cinema pela ECA/USP, é militante da causa negra no cinema brasileiro. Roteirista e diretor dos premiados curtas *Distraída pra morte* (2001), *Carolina* (2003) e *Narciso RAP* (2005), Jeferson também foi editor e finalizador em projetos na MTV e SBT. Em 2003, produziu os programas Brasil Total e Central da Periferia, exibidos na TV Globo, e, dois anos depois, lançou o livro *Dogma feijoada e o cinema negro brasileiro*, dentro da coleção Aplauso. Seu primeiro longa-metragem, *Bróder*, foi selecionado para o 60º Festival de Berlim e recebeu o prêmio de Melhor Filme pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), além de 11 indicações no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Em 2009, fundou a produtora Buda Filmes, e, em 2015, estreou o seu segundo longa, *O amuleto*. *Correndo atrás* é seu terceiro longa-metragem.

JEAN- -CHRISTOPHE ROGER

É diretor e roteirista de diversos filmes de animação, trabalhando desde a década de 1980, em inúmeras séries animadas. Em 2010, dirigiu o longa-metragem *Os contadores de história*, que foi indicado no Festival de Annecy. Hoje, desenvolve projetos de animação de filmes e séries e ministra master classes e workshops sobre adaptações de temas para animação e relações entre roteiro, storyboard e direção.

JOM TOB AZULAY

É cineasta e ex-diplomata. Ele lecionou cinema na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. De 1971 a 1974, atuou como cônsul adjunto do Brasil em Los Angeles enquanto frequentava cursos de cinema na Universidade do Sul da Califórnia, Universidade da Califórnia, Los Angeles e Instituto de Artes da Califórnia. Em 1972, fez um curso sobre Cinema como Arte Visual, ministrado por Slavko Vorkapich na

USC. Em 1973, a experiência de documentar a gravação em estúdio do álbum de bossa nova Elis & Tom com o diretor de fotografia brasileiro Fernando Duarte foi influente na determinação de seus futuros projetos de documentários musicais no Brasil.

JULIANO DORNELES

É realizador, diretor de arte e roteirista. No início dos anos 2000, formou, com outros realizadores, o grupo criativo Símio Filmes, atuou como cineclubista, dirigiu ficções e videocliques em formato digital Hi8. Desde 2004 atua como diretor de arte em projetos de realizadores como Kleber Mendonça Filho, Daniel Bandeira, Marcelo Pedroso e Leonardo Lacca. Como diretor, em 2011 lançou o curta *Mens sana in corpore sano* no 64º Festival de Cinema de Locarno, onde ganhou prêmio especial do júri e vários outros prêmios em festivais no Brasil. Em janeiro de 2015, rodou seu primeiro longa, *O ateliê da rua do Brum*.

JULIEN CHHENG

É conhecido por suas colaborações em longas-metragens como *Titeuf - o filme* (2011), *O gato rabino* (2011) e *Ernest e Celestine* (2011). Em 2009, realizou seu primeiro curta-metragem autoral, *Dududindon*. Cofundador do estúdio de animação la Cachette, é também codiretor da série animada adaptada de Ernest e Celestine. Em 2021, ele ganhou o Primetime Emmy Award por seu trabalho na série animada *Primal* (2019-2022).

sonora. Suas obras foram ao ar no Cartoon Network, Discovery Kids, Disney Channel e Sprout entre outros. Com Celia Catunda, Kiko criou e produziu mais de 20 séries animadas, como *Peixonauta*, *Gemini 8*, *De onde vem?*, Charlie, o entrevistador de coisas e a série nomeada para o Emmy Kids (2018) *O show da Luna!*

KLEBER MENDONÇA FILHO

Nasceu no Recife, em 1968. Formado em jornalismo, tem trabalho abrangente como crítico de cinema e programador. Há 11 anos dirige o festival Janela Internacional de Cinema do Recife. Os curtas-metragens de Kleber Mendonça Filho, *Enjaulado* (1997), *A menina do algodão* (2003), *Vinil verde* (2004), *Eletrodoméstica* (2005), *Noite de sexta, manhã de sábado* (2006) e *Recife frio* (2009) ganharam mais de 100 prêmios nacionais e internacionais, com passagens por festivais como Brasília, Roterdã (Holanda), Clermont-Ferrand (França) e a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes. Sua primeira experiência no longa-metragem é o documentário *Crítico*, realizado ao longo de nove anos e selecionado para

KIKO MISTRORIGO

Um dos fundadores da Pinguim Content, é arquiteto, designer, diretor de criação, animação e de efeitos especiais. Trabalha em estreita colaboração com todas as etapas da produção, desde a criação e desenvolvimento com roteiristas e artistas de storyboard até a finalização, participando mais ativamente nas aprovações de direção e pós-produção. Tem grande envolvimento na direção de áudio, acompanhando de perto a gravação das locuções e toda a conceituação e criação da trilha

festivais no Brasil e exterior. *O som ao redor* é seu primeiro longa-metragem de ficção. Foi selecionado em mais de 100 festivais, ganhou 32 prêmios e foi escolhido um dos 10 melhores filmes do ano pelo *New York Times*. *O som ao redor* foi a escolha brasileira para representar o país no Oscar de 2014. *Aquarius*, seu segundo longa de ficção, concorreu à Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2016 e figura nas listas de melhores filmes de 2016-2017 das publicações mais importantes do mundo. Teve distribuição em mais de 100 países.

LEONARDO MOURAMA- TEUS

É um realizador, dramaturgo e roteirista brasileiro baseado em Lisboa desde 2014. Doutorando em Artes Performativas e da Imagem em Movimento pela Universidade de Lisboa/Instituto Politécnico, Mestre em Arte Multimédia pela FBAUL (onde recebeu o Prêmio Faculdade de Belas-Artes/Caixa Geral de Depósitos), trabalha em permanente contato com as Artes Performativas e a Dramaturgia em Dança, desde 2010, dirigiu filmes exibidos em festivais em todo o mundo, incluindo Locarno,

Viennale, IDFA, Cinéma du Réel e Bafici. Retrospectivas de seu trabalho foram exibidas na França (Cinemateca Francesa), Colômbia e Holanda (Festival de Roterdã). *António um dois três* (2017), uma coprodução luso-brasileira e seu primeiro longa-metragem, estreou no Festival de Roterdã. *A vida são dois dias* (2022), seu segundo longa-metragem, estreou na competição internacional do FIDMarseille, onde recebeu uma menção honrosa. *Greice*, seu terceiro longa, estreou em 2024, também no Festival de Roterdã, ganhando posteriormente o prêmio de melhor realização no IndieLisboa.

LORENZO MATTOTTI

Publicou suas primeiras histórias em quadrinhos no fanzine francês *Bibliipop* e, em seguida, na revista *Circus*. Em 1977, lançou seu primeiro livro, *Alice no País das Maravilhas*. Se num primeiro momento seu trabalho é marcado pela influência dos quadrinhos underground norte-americanos, ele evoluiu, a partir de 1982, com *II Signor Spartaco*, rumo a um universo bastante pictórico, apoiado no uso de tinta a óleo e pastéis. A partir de 1984, publica na revista *Alter Alter* a HQ *Fouchi* (Fogos), que o consagra como “um dos desenhistas mais marcantes da nova

geração italiana”. Cria ainda algumas histórias em quadrinhos até o início da década de 1990, ainda que nessa época viesse a se dedicar cada vez mais a seu trabalho como ilustrador, iniciando em 1984 na revista *Vanity*, e reunido em várias coletâneas. Recebeu diversos prêmios por seus desenhos, entre os quais o Grande Prêmios da Bienal da Ilustração de Brastislava (BIB), em 1993, por *Eugenio* e o Yellow Kid de melhor ilustrador de 1997, em Roma. Trabalhos como *Stigmates*, em 1994; *Anonymes*, em 2000, ou sua adaptação de *O estranho caso do Doutor Jekyll e Mr. Hyde*, em 2002, além de participações, em 2007 e 2008, em obras coletivas publicadas pela editora Delcourt, mostram, contudo, que ele não deixa inteiramente de lado a atuação como quadrinista, ainda que confesse sua preferência pela ilustração a partir da década de 1990.

LUCAS H. ROSSI

Realizador e produtor negro radicado no Rio de Janeiro. *O vestido de Myriam* foi seu primeiro curta-metragem de ficção como diretor em 2017, pelo qual ganhou o prêmio de Melhor Diretor no Curta Cinema – Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro e Melhor Curta

nos festivais Cine Ceará e 41º Festival Internacional de Cinema Independente de Elche, além do prêmio aquisição do Canal Brasil.

Em 2020, dirigiu o curta documentário *Atordado, eu permaneço atento*, participando dos festivais Reencontres de Toulouse, Huesca, Vienna Shorts, Shorts Mexico, Kortfilmfestivalen, Ethnocineca, Binisaya, Girona, Encontros de Cinema de Viana, Poitiers, Uruguay International Film Festival e DocuDays UA, entre outras 80 seleções. Em 2021, lançou o filme-ensaio *Ser feliz no vão*, produzido durante a quarentena, selecionado para o festival É tudo verdade (prêmio melhor montagem), FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul), Curta Cinema, Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, Exground Filmfest, Festival de Cinema de Vitória, Dobra – Festival Internacional de Cinema Experimental, Africa in Motion Short Film Competition, Curta Santos, Rencontres de Toulouse e Ann Arbour Film Festival, entre outras 70 seleções.

Como produtor, trabalhou em séries e em longas como *Canastra suja*, de Caio Sóh, *Mão na cabeça*, de Milton Alencar Jr., e *A morte habita à noite* (Festival de Roterdã 2020), de Eduardo Morotó, *Eu sou Maria*, de Clara Linhart, *Herança*, de João Candido (Sony), *Candelária* (Netflix), *Vizinhos*, de José Eduardo Belmonte e Leticia Prisco, *Body by Beth* (Warner), entre outros filmes.

Produziu também curtas-metragens premiados, como *Ao final da conversa, eles se despedem com um abraço*, de Renan Brandão, *Repulsa*, de Eduardo Morotó, *Último domingo*, de Renan Brandão e Joana Claude, e *Auto falo*, de Caio Dornelas.

Em 2024, chegou aos cinemas o seu primeiro longa-metragem como diretor, *Othelo, o Grande*, um documentário de imagens de arquivo sobre o famoso ator e comediante negro brasileiro Grande Othelo, que atuou em filmes de mestres do cinema como Orson Welles, Werner Herzog, Julio Bressane, Nelson Pereira dos Santos, Marcel Camus e Joaquim Pedro de Andrade. O filme foi premiado como Melhor Documentário no Festival do Rio e recebeu o troféu Gordon Parks Award for Black Excellence in Filmmaking no Tallgrass Film Festival (EUA), além de ter passagens pela Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Panorama Internacional Coisa de Cinema, BlackStar Film Festival (EUA), Agenda Brasil Milão (Itália), International Documentary and Short Film Festival of Kerala (Índia), Balinale (Indonésia), Saratov Sufferings International Film Festival of Documentary Drama (Rússia), Silicon Valley African Film Festival (EUA), Los Angeles Brazilian Film Festival (EUA), Toronto Black Film Festival (Canadá), Villa de Leyva International Film Festival (Colômbia), além de Fest Aruanda, Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, CineOP e PirenópolisDoc – Festival de Cinema Documentário.

MARCELO GOMES

O primeiro filme de Marcelo Gomes, *Cinema, aspirinas e urubus*, teve sua estreia no festival de Cannes em 2005, onde ganhou o prêmio da Educação Nacional da França. O filme participou de 80 festivais ao redor do mundo e recebeu 52 prêmios, entre eles melhor filme nos festivais de Guadalajara, no México, e na Mostra Internacional de São Paulo. Em codireção com Karim Aïnouz, dirigiu o filme *Viajo porque preciso, volto porque te amo*. Vencedor de diversos prêmios, entre eles o de melhor direção e fotografia no festival de cinema do Rio de Janeiro em 2009 e o de melhor filme segundo a crítica no festival latino-americano de Havana, também em 2009. Em 2012, lançou o filme *Era uma vez eu, Verônica*, que participou, entre outros, dos seguintes festivais: Festival de San Sebastián (Espanha, 2012), 48th Chicago International Film Festival (2012), Toronto International Film Festival – TIFF (2012). Em 2014, finalizou o filme *O homem das multidões*, em codireção com Cao Guimarães. O projeto foi concebido por Gomes e Guimarães durante uma residência artística na Alemanha oferecida a Gomes pelo DAAD (Berlin Artists-in-Residence Programme). O filme participou da sessão Panorama do Festival de Berlim de 2014 e recebeu prêmios em festivais como Rio de Janeiro, Guadalajara, México

e Toulouse. Em 2017, lançou o filme *Joaquim*, que participou da Mostra Competitiva do Festival de Berlim de 2017 e recebeu prêmios em festivais como o festival latino-americano de Havana, México (Fénix), e Nova York (HFFNY).

MARCELO MARÃO

É formado na Escola de Belas Artes da UFRJ e diretor de animação, realizou 14 curtas-metragens (*Eu queria ser um monstro*, *O anão que virou gigante*, *Até a China* e outros) e participou de mais de 300 animações para publicidade, internet, TV e cinema.

Foi presidente-fundador da ABCA (Associação Brasileira de Cinema de Animação), professor no curso de pós-graduação em animação da PUC durante sete anos e, desde 2003, é um dos coordenadores do Dia Internacional da Animação e sócio-gerente da produtora Marão Desenhos Animados. Marão foi homenageado no 20º Anima Mundi e recebeu retrospectivas nos festivais Baixada Animada, Iguacine, Animanima (Sérvia), ReAnimania (Armênia), Anima BR (Angola) e Anime (PE). *Bizarros peixes das fossas abissais* é seu primeiro longa-metragem de animação.

PABLO BERGER

Nasceu em Bilbao, Espanha, em 1963. Dirigiu o curta-metragem *Mama* (1988) e os longas *Da cama para a fama* (2003), vencedor dos prêmios de Melhor Filme e Melhor Direção no Festival de Málaga, *Branca de Neve* (2012), ganhador do Prêmio Especial do Júri no Festival de San Sebastián, e *Abracadabra* (2017).

PAULO G. C. MIRANDA

É um dos sócios-diretores da Mandra Filmes. Criou, dirigiu e roteirizou a série de animação *Muralzinho*, transmitido pela TV Cultura e pela TV Brasil. Foi também criador e roteirista da série *Ada e Rói*, transmitida igualmente pela TV Brasil e pela TV Cultura. Participou, como um dos criadores, da série *Júlio e Verne*, transmitida pela TV Cultura, pela TV Brasil, pela NetGeo Kids e com retransmissão atualmente pela TV Ra-Tim-Bum.

Criou, roteirizou e dirigiu também a série *O parque de Adelin*, em exibição na TV Cultura. Roteirizou e dirigiu o

primeiro longa-metragem de animação de Goiás, *A Ilha dos Ilús*, estreado em 2023.

PAULO MACHLINE

Indicado ao Oscar em 2001 pelo curta-metragem *Uma história de futebol*, o paulista Paulo Machline é formado em roteiro pela Universidade de Artes Visuais de Amsterdã. Para o cinema dirigiu *Natimorto* em 2009, *Trinta* em 2014 e *Filho eterno* em 2016. Para a TV, dirigiu episódios da série *Urban Myths* para Universal Studios, *PSI* e *O hipnotizador* para a HBO. Atualmente vive nos Estados Unidos, onde desenvolve projetos de audiovisual.

PETRUS CARIRY

Nascido em 1977 no Brasil, dirigiu seu primeiro longa-metragem em 2007, o premiado filme *O grão*, que deu início à Trilogia da Morte, seguido de *Mãe e filha* (2011) e *Clarisse ou alguma coisa sobre nós dois* (2015), que em conjunto ganharam mais de

100 prêmios em festivais de cinemas nacionais e internacionais. Em 2018, lançou o filme *O barco*, seu primeiro longa após a Trilogia da Morte. Em 2021, lançou o filme *A praia do fim do mundo*. Petrus Cariry teve seus filmes exibidos em importantes festivais de cinema, como Nantes (3 Continentes), Índia (IFFI), Toulouse, Mar Del Plata, Havana, Miami e Oldenburg.

RENATO NOVAES

Nascido em São Paulo e morador da cidade de Juatuba, Minas Gerais. Formado em Geografia e Análise Ambiental pela Uni-BH. É ator, diretor e professor de Geografia. Atuou nos longas-metragens *Arábia*, *No coração do mundo*, *Temporada*, *Breves miragens de sol*, *Dia de Reis*, *Marte um* e *Ela volta na quinta* (com este último, ganhou seu primeiro prêmio de Melhor Ator Coadjuvante de Longa-metragem, no 47º Festival de Brasília, em 2014), *Solange*, *O dia que te conheci* (com esse recebeu seu terceiro prêmio de Melhor Ator de Longa-metragem, no 56º Festival de Brasília, em 2023). Também atuou nos curtas *Quando é lá fora*, *Nada*, *Plano controle*, *Super estrela prateada*, *A mulher que sou*, *Ditadura roxa*, *Levantar de um golpe*, *Constelações* (com esse ganhou seu segundo prêmio

de Melhor Ator de Curta e Média-metragem, no 49º Festival de Brasília, em 2016). Em 2023, estreou como diretor no curta *Nossa mãe era atriz*, que foi lançado na 26ª Mostra de Cinema de Tiradentes, recebendo o prêmio do Júri Popular de Melhor Curta. Em 2024, estreou mais dois curtas com sua participação: *Quando aqui* e *Roubar um plano*, na 27ª Mostra de Cinema de Tiradentes.

ROBERTO DE OLIVEIRA

Diretor e produtor audiovisual. Roberto está, há mais de 50 anos, por trás de momentos emblemáticos da música popular brasileira audiovisual. Seu acervo inclui a série *Chico*, sobre Chico Buarque, a série *Maestro Soberano*, sobre Tom Jobim, a série *Biograffiti*, sobre Rita Lee, e *Falso Brilhante*, sobre Elis Regina. *Elis & Tom, só tinha de ser com você* é seu primeiro longa-metragem.

SANDRA KOGUT

Fez seus primeiros trabalhos em 1984, desde então vem utilizando diferentes mídias e formatos: ficções, documentários, filmes experimentais, instalações. Participou de exposições no Brasil e no exterior. Em 1996, foi uma das criadoras do programa Brasil Legal, na TV Globo, do qual foi a diretora-geral. Realizou a série experimental *Parabolic People* (rodada em Paris, Nova York, Moscou, Tóquio, Dakar e Rio), produzida pelo CICV Pierre Schaeffer (França), o curta *Lá e cá* (com a atriz Regina Casé, coproduzido pela TV francesa Canal Plus e pela Fundação McArthur, nos Estados Unidos), os premiados documentários *Adieu monde* e *Passagers d'Orsay* (produzido pelo Museu d'Orsay junto com a televisão francesa). Seu documentário *Um passaporte húngaro* (França/Bélgica/Hungria/Brasil) foi lançado nos cinemas brasileiros em 2003, recebendo prêmios internacionais e sendo objeto de estudos e teses em vários países. Seus trabalhos foram premiados em diversos festivais internacionais (Rio, Berlim, Oberhausen, Kiev, Leipzig, Locarno, Havana, Roterdã e muitos outros) e exibidos no MoMA e no Guggenheim Museum, em Nova York, no Forum des Images, em Paris, no Harvard Film Archives, em Cambridge,

nos Estados Unidos (onde foi realizada uma retrospectiva completa), entre outros. *Mutum*, seu primeiro longa-metragem de ficção – baseado no livro *Campo geral*, de João Guimarães Rosa – teve sua estreia mundial no Festival de Cannes, em 2007, na Quinzena dos Realizadores, recebendo mais de 20 prêmios nacionais e internacionais, e foi lançado comercialmente em uma dezena de países. *Campo Grande*, seu segundo longa-metragem de ficção, uma coprodução Brasil/França, teve estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Toronto e foi premiado nos festivais do Rio, Mar del Plata, Havana e Málaga entre outros. Seu último longa de ficção, *Três verões*, teve sua estreia mundial no Festival Internacional de Toronto e, desde então, participou de diversos festivais internacionais, sendo premiado em Havana, no Festival do Rio e no Antalya Film Festival. Em 2011/2012, Sandra passou um ano em Berlim como convidada da DAAD Berliner Künstlerprogramm. Foi professora na Escola Superior de Belas Artes em Strasbourg (França) e nas universidades americanas de Princeton, Columbia (Film Program) e University of California San Diego/UDSD. Foi Visiting Scholar na New York University entre 2008 e 2011. Há quatro anos é comentarista do programa Estudio i, na GloboNews.

SÉRGIO MACHADO

Foi assistente de direção de *Central do Brasil* e roteirista de *Abril despedaçado*, de Walter Salles. Dirigiu o documentário *Onde a terra acaba*, vencedor de 16 prêmios, incluindo melhor filme nos Festivais de Biarritz, Rio e Mostra de SP. *Cidade Baixa*, seu primeiro longa de ficção, foi vencedor de 30 prêmios, entre eles o da Juventude no Festival de Cannes e melhor filme nos festivais do Rio e Huelva. Junto com Karim Aïnouz, dirigiu a série *Alice*, para a HBO. Um de seus filmes, *Tudo que aprendemos juntos*, foi eleito o melhor longa da 39 Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e vendido para mais de 20 países.

SUZANA AMARAL

Foi uma grande cineasta e roteirista brasileira. Conhecida por seu trabalho em *A hora da estrela*, pelo qual venceu dois prêmios no Festival de Berlim, ela acumulou duas indicações ao Grande Otelo, ambas na categoria de melhor roteiro adaptado, por *Uma vida em segredo* e *Hotel Atlântico*. A diretora faleceu em junho de 2020.

SUZANNA LIRA

É uma cineasta brasileira premiada, com mais de 18 longas-metragens e diversas séries no currículo. Vencedora do prêmio de Melhor Direção no 20º Festival do Rio por *Torre das donzelas*, também foi laureada em Brasília e na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Entre seus trabalhos recentes estão *Fernanda Young, foge-me ao controle* (2024) e *Para os que ficam* (2023). Suas obras exploram temas sociais e políticos, destacando-se pela sensibilidade e pelo impacto. Também dirigiu séries para Globoplay e Star+, consolidando-se como uma das vozes mais relevantes no cinema documental brasileiro.

THAIS FUJINAGA

Nasceu em São Paulo. Seus curtas-metragens receberam mais de 60 prêmios e menções em festivais ao redor do mundo, incluindo uma Menção Especial na Berlinale, por *L* (2011). Além de seu trabalho em projetos pessoais, também desenvolveu parcerias com importantes realizadores e

realizadoras do Brasil, como no filme *A cidade onde envelheço* (2016), dirigido por Marília Rocha e escrito por Thais. Também trabalha como roteirista em séries da HBO e da Netflix. *A felicidade das coisas* é seu longa-metragem de estreia na direção.

VICTOR HUGO BORGES

Com formação em artes plásticas, Victor-Hugo Borges acidentalmente se envolveu com animação 18 anos atrás, e desde então ganhou mais de 100 prêmios nacionais e internacionais. O diretor e animador tem no currículo vários curtas de animação que foram exibidos mundo afora, como *Icarus* e *O menino que plantava invernos*. Também é criador da série *Historietas Assombradas* (para crianças malcriadas), exibida em toda a América Latina pelo Cartoon Network e distribuída no sudeste asiático pela Disney. *Historietas...* foi o programa infantil mais assistido na TV paga entre abril e julho de 2013 e vencedor do prêmio APCA de melhor série infantojuvenil de 2013, tendo 40 episódios e um longa-metragem já produzidos. É sócio, diretor criativo e diretor de desenvolvimento do Grupo Naoz, composto pelas empresas Glaz Entretenimento e Copa Studio.

Além de audiovisual, já trabalhou com ilustração, e direção de arte (Coleção Zé do Caixão, Contracampo, Projeto Frame a Frame Cinemark, CineFantasy entre outros), curadoria (Curta Santos, Fantascópio Sesc, entre outros), palestras (Sesc, Senac, Oswald de Andrade, entre outros), oficinas (Kinoforum, Festival de Goiânia, Festival de Brasília, entre outros) e vinhetas (TVE, MTV, DocTV, entre outros). Seus filmes tiveram retrospectivas no Festival de Santa Maria da Feira (Portugal), em 2007, e no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, em 2008. Em 2011, lançou seu primeiro livro *Historietas assombradas*, pela editora LeYa.

VIVIANE FERREIRA

É cineasta, ativista e advogada. Nascida e criada no Coqueiro Grande (Salvador), em seus trabalhos mais recentes, assina a codireção do longa-metragem documentário *Pessoas: viver para contar* (2019); e a direção e roteiro do longa-metragem de ficção *Um dia com Jerusa* (2020), vencedor de prêmios em festivais como Gary International Black Film Festival, Festival de Cinema de Caruaru e Festival de Cinema de Vitória, e selecionado para janelas como o Blackstar Film Festival, African Movie

Academy Awards e New York African Film Festival. Professora da cadeira de direção do curso de cinema e audiovisual da ESPM-SP, é mestra em Políticas de Comunicação e Cultura pela Universidade de Brasília, e presidiu a Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (Apan) de 2016 a março de 2021. Fundou as plataformas Raio Agency e o streaming Todesplay.

WANURI KAHIU

Foi criada numa família conservadora. Filha de uma médica e um empresário, escolheu seguir carreira no mundo das artes, tornando-se cineasta. Hoje, é diretora de cinema, produtora e autora no Quênia, onde nasceu. Já recebeu diversos prêmios e indicações para os filmes que dirigiu, incluindo prêmios de Melhor Diretor, Melhor Roteiro e Melhor Filme em festivais como Africa Movie Academy Awards (Prêmio da Academia de Filmes Africanos).

Em 2018, teve seu filme *Rafiki* selecionado pelo Festival de Cannes. Apesar de o filme ter sido proibido no Quênia, foi a primeira produção queniana que alcançou o festival. O que é um marco incrível não só na carreira da diretora, mas do país como um todo.

ZÉ BRANDÃO

É sócio-fundador do Copa Studio, uma das maiores empresas de desenhos animados da América Latina, duas vezes indicada ao Emmy Kids International. É produtor, autor e diretor da série e do filme *Tromba trem*. O desenho já foi exibido em mais de 20 países, e o filme, que marca sua estreia como diretor de longa-metragem, foi lançado em 2022. Brandão já havia atuado em animações para o cinema: foi supervisor de animação de *Xuxinha e Guto contra os monstros do espaço* (2005), de Moacyr Góes, e diretor de animação de *Turma da Mônica em uma aventura no tempo* (2007), de Mauricio de Sousa, Rodrigo Gavas e André Passos, e de *Historietas assombradas – O filme* (2017), dirigido por Victor-Hugo Borges, também inspirado na série de TV de sucesso.

Na TV, Zé Brandão destaca-se como produtor executivo e roteirista da série *Irmão do Jorel*, de Juliano Enrico, campeã de audiência no Cartoon Network e vencedora de diversos prêmios internacionais, como o Quirino Awards e Prix Jeunesse Iberoamericano. Assina a produção executiva de outras três séries de animação: *Ico Bit Zip* (NatGeo Kids), *As microaventuras de Tito & Muda* (Discovery Kids) e *Tuiga* (ZooMoo). É coordenador do projeto Estúdio Escola de Animação, que oferece cursos de animação gratuitos no Rio de Janeiro.



***SINOPSE
E FICHA
TÉCNICA***



A FAMOSA INVASÃO DOS URSOS NA SICÍLIA

L

2019, Itália/França, 82 min.

Tudo começa quando Tonio, o filho do rei dos ursos, é capturado por caçadores nas montanhas da Sicília. Alegando o rigor de um inverno que ameaça matar de fome o seu povo, o rei decide invadir a planície habitada pelos homens. Com a ajuda de seu exército e de um mago, ele consegue obter a vitória e acaba por reencontrar Tonio. Porém, logo chega à conclusão de que o povo dos ursos não foi feito para viver no país dos homens.

Direção: Lorenzo Mattotti

Roteiro: Lorenzo Mattotti, Jean-Luc Fromental e Thomas Bidegain. Baseado no conto de Dino Buzzati.

Direção de arte: Lorenzo Mattotti

Produção: Valérie Schermann e Christophe Jankovic – Prima Linea Production

Empresas produtoras: France 3 Cinema, Pathé, Canal +, Ciné+, CNC, Media, Régions Île-de-France et Nouvelle-Aquitaine, Fondation Gan pour le Cinéma, Procirep, Angoa

Montagem: Sophie Reine e Nassim Gordji Tehrani

Som: René Aubry

Trilha sonora: René Aubry

Distribuidora: Bonfilm



HISTORIETAS ASSOMBRADAS



2017, São Paulo, 90 min.

Pepe é uma criança de 12 anos que vive com a avó, uma bruxa-empresária. Ao saber que foi adotado e que seus pais estão vivos, ele parte em uma aventura para encontrá-los. O menino atrai a atenção de Edmundo, um vilão biomecânico que precisa da energia de crianças para se tornar imortal, que rapta a avó de Pepe. O garoto e seus amigos precisam resgatá-la o quanto antes, ao mesmo tempo que Pepe busca solucionar o mistério do desaparecimento de seus pais.

Direção: Victor-Hugo Borges

Roteiro: Arthur Warren, Pedro Aguilera e Vitor Brandt

Direção de arte: Victor-Hugo Borges

Diretor de animação: Marcelo Chuvisco

Produzido por: Mayra Lucas e Paulo Boccato

Produção executiva: Mayra Lucas e Paulo Boccato

Produção: Glaz Entretenimento

Direção de produção: Vivian Amadio

Empresa produtora: Glaz Entretenimento

Montagem: Intigrespan

Edição de som e mixagem: Confraria de Sons e Charutos

Trilha sonora original: Julia Ghoulia e Corey Gorey

Música adicional e edição musical: Samuel Ferrari e Felipe Junqueira

Elenco: Charles Emmanuel, Nádia Carvalho, Iara Riça, Oberdan Jr., Luiz Sérgio e Hélio Ribeiro

Distribuidora: Vitrine Filmes



A ILHA DOS ILÚS



2022, Goiás, 85 min.

Pocó está pronto para nascer e viver o melhor dia da sua vida de cachorro! Porém, é enviado para uma família errada, que o obriga a voltar para a Ilha dos Ilús, local mítico onde todos os animais vivem antes de nascerem. Inconformado, Pocó quer conhecer sua verdadeira família, mesmo que, para isso, precise descobrir a todo custo uma passagem secreta, que somente Rinco, o líder do clã dos animais rejeitados, sabe encontrar. Sua melhor amiga Oli o ajuda nessa jornada, mesmo Pocó nem imaginando que ela é uma espiã da Gakra, uma réptil maligna que pretende invadir a ilha e sacudir com todo o reino animal.

Direção e roteiro: Paulo G. C. Miranda

Direção de arte: Ricardo de Podestá e Paulo G. C. Miranda

Produção executiva: Cesar Kiss e Ricardo de Podestá

Produção: Ricardo de Podestá e Paulo G. C. Miranda

Empresa produtora: Mandra Filmes

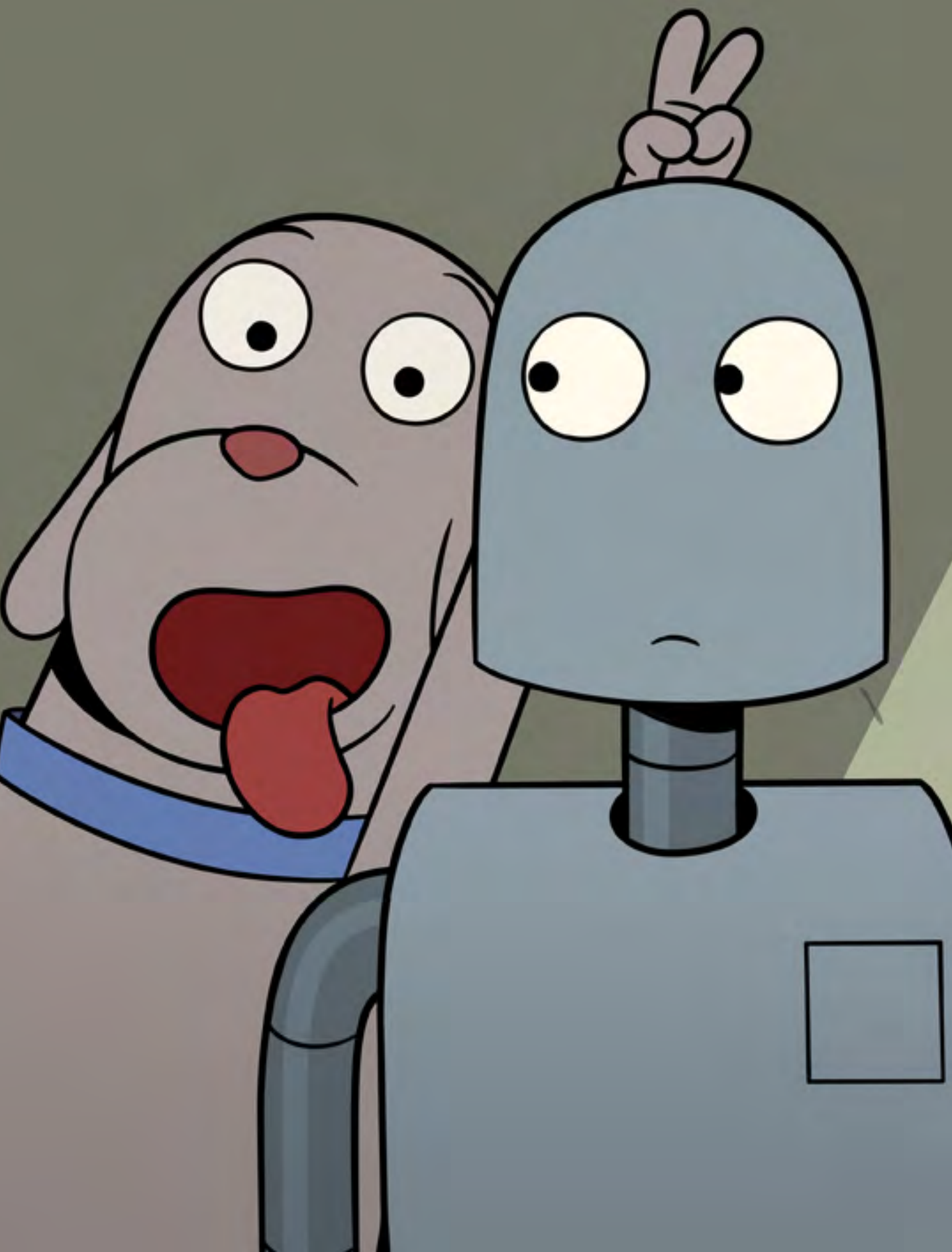
Montagem: Renan Oliveira e Paulo G. C. Miranda

Som: Guilherme Nogueira e Thiago Camargo

Trilha sonora: Thiago Camargo e Geovane Maia

Elenco de dublagem: Carloz Magno, Kelly Priscilla, MckeidyLisita, Grace Ribeiro, Ricardo de Podestá, Marcus Gouveia, Adriana Brito, Paulo Victor Graner, Paulo G. C. Miranda, Guilherme Nogueira, Ronaldo Machado, Eduardo Vieira, Isabela Veiga, Guilherme Caprino, Pedro Pitombo, Rodrigo Nuso, Diego D'Ascheri

Distribuidora: Elo Studios



MEU AMIGO ROBÔ

10

2023, Espanha, 102 min.

Dog mora em Manhattan e está cansado de ficar sozinho. Um dia, ele decide comprar um robô para ser seu companheiro. A amizade deles floresce, até que se tornem inseparáveis, ao ritmo de Nova York nos anos 1980. Em uma noite de verão, Dog, com muita tristeza, é obrigado a abandonar Robô na praia. Será que eles vão se encontrar novamente?

Direção e roteiro: Pablo Berger

Direção de arte: Jose Luis Ágreda

Produção executiva: Sandra Tapia Diaz

Produção: Ibon Cormenzana, Ignasi Estapé, Sandra Tapia, Ángel Durández e Pablo Berger

Direção de produção: Julián Larrauri

Empresa produtora: Arcadia Motion Pictures, Noodles Production e Les Films du Worso

Montagem: Fernando Franco

Som: Fabiola Ordoyo

Música: Alfonso de Vilallonga

Trilha sonora: Alfonso de Vilallonga

Distribuidora: Imovision



MEU AMIGÃOZÃO – O FILME

L

2022, Rio de Janeiro, 77 min.

Yuri Lili e Matt estão apavorados: seus pais vão mandá-los para uma colônia de férias cheia de crianças desconhecidas. Unem-se então a seus AmigõesZões Golias Nessa e Bongo e juntos fogem para um mundo de fantasia repleto de ambientes e criaturas incríveis. Todos se divertem até que conhecem Duvi Dudum, uma criatura divertida que aos poucos revela seu verdadeiro interesse: separar a turma de seus AmigõesZões. Agora, nossos pequenos heróis vão precisar enfrentar todos os seus medos para resgatar Golias Nessa e Bongo das garras de Duvi Dudum, com a ajuda de novos amigos que fizeram nessa aventura.

Direção: Andrés Lieban

Roteiro: Clive Endersby e Claudia Koogan Breitman

Direção de fotografia: Andrés Lieban e Alessandro Monnerat

Direção de arte: Mario Proença

Produção executiva: André Breitman

Produção: André Breitman e Andrés Lieban por 2DLab

Direção de produção: André Breitman

Empresa produtora: 2D Lab/Breakthrough Entertainment

Montagem: Andrés Lieban

Som: Marcelo Cyro

Edição sonora: Marcelo Cyro

Mixagem: Marcelo Cyro

Trilha sonora: Christiaan Oyens

Distribuidora: O2 Filmes e Rio Filmes



NAUEL E O LIVRO MÁGICO

10

2023, Chile/Brasil, 99 min.

Nahuel é um menino introvertido. Mesmo tendo muito medo do mar, ele passa seus dias ajudando o pai, um grande pescador, na pequena enseada de pescadores onde viveram toda a sua vida. A relação deles é fria e distante, pois Nahuel acredita que o pai está desapontado por ter um filho incapaz de ir para o mar, como ele. Um dia, Nahuel encontra um livro mágico que promete ser a solução para seu problema. Porém, o livro se torna objeto de desejo de um ambicioso feiticeiro, que, numa tentativa frustrada de se aproveitar dele, acaba capturando o pai do menino, separando-os em meio a uma terrível tempestade. Isso marca o início de uma fantástica aventura que levará Nahuel, por um arquipélago, às profundezas de seus próprios medos.

Direção: German Acuña

Roteiro: Juan Pablo Sepúlveda e Germán Acuña.

Versão brasileira: Sabrina Bogado

Direção de animação: Enrique Ocampo

Direção de arte: Constanza Adonis e Germán Acuña

Produção executiva: Germán Acuña, Patricio Escala, Sabrina Bogado, Livia Pagano, Sebastian Ruz e Milton Guerrero

Produção: Livia Pagano, Sebastian Ruz e Levante Filmes

Empresa produtora: Levante Filmes

Montagem: João Carlos Fragoso

Música: Cristóbal Carvajal (Kinshasa)

Trilha sonora: Fatima Morales, Cristobal Carvajal e Germán Acuña

Elenco: Cleydson Nascimento, Ciliane Vendruscolo, Nicole Sourient, João Gabriel Machado, Evandro Moraes, Stela Reinehr, Monica Placha, Mauro Zanatta, Marjori Von Jelita, Val Salles, Marcelo Ferrari, Flores, Juliana Vieira, Julio Cruz, Luiz Pazello, Helio Barbosa e Luciano Macci

Distribuidora: Imovision



PEQUENOS GUERREIROS

L

2021, Ceará, 74 min.

Cosme e Dona Maria, acompanhados do filho Benedito e dos sobrinhos Matheuzinho e Bruna, fazem uma viagem do litoral até a cidade de Barbalha, onde vão pagar uma promessa na Festa do Pau da Bandeira. A viagem é uma descoberta das paisagens, das histórias e das riquezas culturais do sertão. As três crianças vivem um processo de encantamento e afetividade e, depois da bonita aventura, Bruna, Matheuzinho e Benedito serão para sempre grandes amigos.

Direção: Bárbara Cariry

Roteiro: Bárbara Cariry e Rosemberg Cariry

Direção de fotografia: Petrus Cariry

Direção de arte: Sérgio Silveira

Produção executiva: Bárbara Cariry

Produção: Bárbara Cariry

Direção de produção: Teta Maia

Empresa produtora: Iluminura Filmes

Montagem: Bárbara Cariry e Petrus Cariry

Som direto: Yures Viana

Mixagem e desenho de som: Érico Paiva

Trilha sonora original: João Victor Barroso

Elenco: Georgina Castro, Bruno Goya, Juan Calado, Lara Ferreira e Daniel Almeida.

Figurino: Carol Azevedo

Distribuidora: Sereia Filmes



PRINCESA ADORMECIDA

10

2024, São Paulo, 81 min.

Rosa é uma típica adolescente que sonha com liberdade e independência enquanto seus três tios, que a criaram como uma filha, a superprotegem a todo custo e não a deixam fazer nada. Aos 15 anos, ela descobre que o mundo que achava real nada mais era que um sonho. Rosa é mais que uma simples jovem que vai à escola e se diverte com sua melhor amiga e troca mensagens com o seu crush. Um mistério do passado volta à tona e uma vilã vingativa coloca sua vida em perigo.

Princesa adormecida é a segunda adaptação para os cinemas da coleção de livros Princesas Modernas, de Paula Pimenta, após o sucesso de *Cinderela pop*.

Direção: Claudio Boeckel

Roteiro: Marcelo Saback

Direção de fotografia: Julio Costantin

Direção de arte: Claudio Nascimento

Produção executiva: Vanessa Jardim

Produção: Rodrigo Montenegro e Mara Lobão

Direção de produção: Renata Martins

Empresa produtora: Panorâmica

Montagem: PH Farias

Som: Gui Algarve, João Zula e Gabriel Azevedo

Trilha sonora: Daniel Lopes

Elenco: Pietra Quintela, Maisa, Guilherme Cabral, Livia Silva, Patrícia França, Juliana Knust, Leopoldo Rodriguez, Ju Colombo, Aramis Trindade, Claudio Mendes, René Stern e Paulo Américo.

Figurino: Carolina Louceiro

Distribuidora: Vitrine Filmes



TARSILINHA



2021, São Paulo, 93 min.

Tarsilinha descobre que a Lagarta roubou a memória de sua mãe e se lança em uma aventura para recuperá-la. Ela entra em um mundo fantástico, povoado por estranhos seres, onde precisará buscar aliados e enfrentar inimigos. Superada a crise e o susto iniciais, a guerreira em Tarsilinha desperta e as habilidades para se adaptar e usar seu julgamento vêm à tona. Ela conhece o Sapo, um mentor atrapalhado e cômico, que lhe dá as primeiras dicas sobre como se movimentar naquele lugar. A partir daí, a menina vai encontrando pistas pelo caminho, na forma das próprias lembranças roubadas, que a Lagarta vai deixando para trás.

Direção: Célia Catunda e Kiko Mistrorigo

Roteiro: Fernando Salem e Marcus Aurelius Pimenta

Direção de arte: Celia Catunda e Eduardo Nakamura

Produção executiva: Ricardo Rozzino

Produção: Fernando Salem e Marcus Aurelius Pimenta

Gerente de produção: Veronica Vieira

Empresa produtora: Pinguim Content

Montagem: Cristhiane Vasconcellos

Som: Pedro Lima

Trilha sonora: Zezinho Mutarelli, Zeca Baleiro

Elenco: Alice Barion, Marisa Orth, Ando Camargo, Skowa e Marcelo Tas

Distribuidora: H2O Films



TROMBA TREM



2021, Minas Gerais, 94 min.

Gajah, um elefante sem memória, é alçado ao status de celebridade do dia para a noite, e acaba se afastando de seus velhos companheiros de viagem no *Tromba trem*. O estrelato dura pouco, pois ele acaba se tornando o principal suspeito de misteriosos raptos. Desvendar o mistério só será possível com a ajuda dos amigos pré-fama: um grupo de obstinados cupins moradores de uma colônia e Duda, uma empolgada e inocente tamanduá vegetariana.

Direção: Zé Brandão

Roteiro: Debora Guimarães, Lucas Pelegrineti, Pedro M. Vieira e Zé Brandão

Direção de arte: Fabio Sanches

Design de personagens: Tassi Magalhães

Produção executiva: Vivian Amadio, Zé Brandão

Produção: Vivian Amadio e Zé Brandão

Direção de produção: Vivian Amadio e Zé Brandão

Empresa produtora: Amanda Bortolo

Montagem: Zé Brandão, Isa Raposa e Fernando Damaceno

Som e trilha sonora: Felipe Barros, Thiago Facina e Zé Brandão

Elenco: Roberto Rodrigues, Maíra Kestenberg, Elisa Lucinda, Marisa Orth, Luca de Castro, Hugo Souza, Beto Vandesteem e Caíto Mainier

Distribuidora: Vitrine Filmes



A VIAGEM DE ERNESTO E CELESTINE



2022, França, 80 min.

Ernest e Celestine estão viajando de volta ao país de Ernest para consertar seu violino quebrado. Esta terra exótica é o lar dos melhores músicos do planeta e a música enche constantemente o ar de alegria. Porém, ao chegarem, os dois heróis descobrem que todas as formas de música foram proibidas há muitos anos – e para eles, uma vida sem música é impensável. Junto com seus amigos e um misterioso fora da lei mascarado, Ernest e Celestine devem fazer o possível para trazer de volta a música e felicidade para a terra dos ursos.

Direção: Julien Chheng e Jean-Christophe Roger

Roteiro: Guillaume Mautalent, Sébastien Oursel, Jean Regnaud, Agnès Bidaud, Didier Brunner.
Baseado na obra de Gabrielle Vincent.

Direção de arte: Zaza e Zyk

Produção executiva: Thibaud Ruby

Produção: Didier Brunner, Damien Brunner e Stephan Roelants

Empresas produtoras: France 3 Cinéma, Les Armateurs, Studiocanal, Mélusine Productions e Folivari

Montagem: Nazim Meslem

Trilha sonora: Vincent Courtois

Vozes em francês de: Lambert Wilson, Pauline Brunner e Michel Lerousseau

Distribuidora: Bonfilm



BACURAU

16

2019, Pernambuco, 131 min.

Num futuro próximo, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começa a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável?

Direção e roteiro: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles

Direção de fotografia: Pedro Sotero

Direção de arte: Thales Junqueira

Produção executiva: Dora Amorim

Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt

Direção de produção: Cristina Alves e Dedete Parente

Empresa produtora: Cinemascópio Produções

Montagem: Eduardo Serrano

Som: Nicolas Hallet

Design de som e montagem de som: Ricardo Cutz

Mixagem: Cyril Holtz e Ricardo Cutz

Música original: Mateus Alves e Tomaz Alves Souza

Elenco: Sonia Braga, Michael Anderson, Bárbara Colen, Thomás Aquino, Silvero Pereira, Wilson Rabelo, Carlos Francisco, Karine Teles, Antonio Saboia, Rubens Santos, Luciana Souza, Eduarda Samara, Lia de Itamaracá, Jonny Mars, Alli Willow, James Turpin, Julia Marie Peterson, Charles Hodges, Chris Doubek, Brian Townes, Rodger Rogério, Jr. Black, Zoraide Coletto, Jamila Costa, Ingrid Trigueiro, Edilson Silva, Thardelly Lima, Buda Lira, Fabiola Liper, Marcio Fecher, Val Junior, Uirá dos Reis, Valmir do Coco, Suzy Lopes, Clebia Sousa e Danny Barbosa

Figurino: Rita Azevedo

Distribuidora: Vitrine Filmes



BIZARROS PEIXES DAS FOSSAS ABISSAIS

10

2023, Rio de Janeiro, 75 min.

Uma mulher com esdrúxulos superpoderes, uma tartaruga com transtorno obsessivo-compulsivo e uma nuvem com incontinência pluviométrica participam de uma insólita jornada até as profundezas do oceano.

Direção e roteiro: Marcelo Marão

Animação: Marcelo Marão, Rosaria e Fernando Mille

Direção de arte: Marcelo Marão

Produção executiva: Letícia Friedrich

Produtores: Letícia Friedrich e Marão

Empresa produtora: Marão Desenhos Animados

Edição e composição: Alessandro Monnerat e Yohana Lazarova

Pintura digital: Silvana Andrade

Desenho de som: Ana Luiza Pereira

Vozes: Natália Lage, Guilherme Briggs e Rodrigo Santoro

Distribuidora: Boulevard Filmes



CORRENDO ATRÁS

12

2018, Rio de Janeiro, 86 min.

Ventania (Aílton Graça) faz vários bicos para conseguir pagar as contas, mas a grana está cada vez mais curta. Decidido a mudar de vida, ele resolve se tornar empresário de jogador de futebol, e o primeiro passo é descobrir um novo craque. Para isso, vai precisar da ajuda de amigos que não querem nem vê-lo por perto, já que ele deve dinheiro a todo mundo. Até que Glanderson (Juan Paiva) cruza o seu caminho e logo mostra que pode ser a esperança de um grande sucesso.

Direção: Jeferson De

Roteiro: Helio de La Peña e Jeferson De

Direção de fotografia: Cristiano Conceição

Direção de arte: Marinês Mencia

Produção executiva: Kiki Garcia

Produção: Clélia Bessa e Raccord Produções

Produção e direção musical: BNegão

Direção de produção: Viviane Caetano Farias

Montagem: Jeferson De e Fernando Vidor

Som: Vanessa Gusmão

Trilha sonora: BNegão

Elenco: Aílton Graça, Juan Paiva, Juliana Alves, Tonico Pereira, Helio de La Peña, Lázaro Ramos, Rocco Pitanga, Lellêzinha, Dadá Coelho, Nicole Bahls, Gaspar, Teka Romualdo e Antonio Pitanga

Figurino: Luciana Buarque

Distribuidora: O2 Filmes



ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

10

2019, Pernambuco, 86 min.

A cidade de Toritama é um microcosmo do capitalismo implacável. A cada ano, mais de 20 milhões de jeans são produzidos em fábricas de fundo de quintal. Os locais trabalham sem parar, orgulhosos de serem os donos do seu próprio tempo. Durante o carnaval – o único momento de lazer do ano –, eles transgridem a lógica da acumulação de bens, vendem seus pertences sem arrependimentos e fogem para as praias em busca de uma felicidade efêmera. Quando chega a Quarta-feira de Cinzas, um novo ciclo de trabalho começa.

Direção e roteiro: Marcelo Gomes

Direção de fotografia: Pedro Andrade

Produção executiva: João Vieira Jr. e Ernesto Soto

Produção: João Vieira Jr., Nara Aragão

Direção de produção: Karina Nobre e Luna Gomides

Empresas produtora: Carnaval Filmes, Rec Produtores Associados e Misti Filmes.

Montagem: Karen Harley

Som: Pedro Moreira, João Lucas e Lucas Caminha

Trilha sonora: O Grivo

Personagens: Leonardo, Francielly, Canário e Velho do Ouro

Distribuidora: Vitrine Filmes



ESTRANHO CAMINHO

14

2023, Ceará, 83 min.

Um jovem cineasta que visita sua cidade natal é surpreendido pelo rápido avanço de uma pandemia e precisa encontrar seu pai, com quem não fala há mais de dez anos. Depois do primeiro encontro, coisas estranhas começam a acontecer.

Direção e roteiro: Guto Parente

Direção de fotografia: Lina Acácio

Direção de arte: Taís Augusto

Produção executiva: Ticiane Augusto Lima

Produção: Ticiane Augusto Lima

Direção de produção: Cesar Teixeira

Empresa produtora: Tardo Filmes

Montagem: Victor Costa Lopes, Guto Parente e Irmãos Augusto Lima

Som direto e edição de som: Lucas Coelho

Trilha sonora original: Uirá dos Reis e Fafa Nascimento

Mixagem: Paulo Gama

Elenco: Lucas Limeira, Carlos Francisco, Tarzia Firmino, Rita Cabaço, Renan Capivara e Ana Marlene

Figurino: Thaís de Campos

Distribuidora: Embaúba Filmes



A FELICIDADE DAS COISAS

12

2021, São Paulo, 87 min.

Paula sonha em construir uma piscina para os filhos na sua modesta casa de praia. Quando os planos se desfazem por conta de problemas financeiros, ela se vê cada vez mais sufocada pelo peso das responsabilidades.

Direção e roteiro: Thais Fujinaga

Direção de fotografia: André Luiz de Luiz

Direção de arte: Dicezar Leandro

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia e Lara Lima

Produção: Filmes de Plástico

Direção de produção: Issis Valenzuela

Empresa produtora: Filmes de Plástico

Montagem: Alexandre Taira

Som: Rubén Valdés, Vitor Moraes e Gustavo Nascimento

Trilha sonora original: Dudinha Lima

Elenco: Patricia Saravy, Magali Biff, Messias Barros Góis e Lavínia Castelari

Figurino: Fernanda Selva

Distribuidora: Embaúba Filmes



GREICE

14

2024, Brasil/Portugal, 110 min.

Após dois anos vivendo em Portugal, Greice se envolve em uma confusão na universidade onde estuda e é obrigada a voltar a Fortaleza. Enquanto tenta reorganizar sua vida de dentro de um hotel, ela tem a oportunidade de fazer as pazes com sua cidade natal, de se apaixonar, e de fazer novas vítimas de sua personalidade desvairada.

Direção e roteiro: Leonardo Mouramateus

Direção de fotografia: Leonardo Simões

Direção de arte: Tais Augusto e Manu Falcão

Produção executiva: Caroline Louise

Produção: Mayra Lucas, Paulo Serpa e Andy Malafaia

Direção de produção: Sérgio Baptista

Empresa produtora: Glaz Entretenimento

Montagem: Karen Akerman, edt.

Edição de som: Guilherme Farkas

Mixagem: Ariel Henrique

Trilha sonora: Fernando Pereira Lopes

Elenco: Amandyra Dipas, Mauro Soares, Luara Raio, Isabél Zuua, Luciana Souza, Faela Maya, Daniel Pizamiglio, Bruna Pessoa, Lucas Galvino, Sandra Hung e Anna Leticia Gomes

Figurino: Dayse Barreto

Distribuidora: Vitrine Filmes



A HORA DA ESTRELA

12

1985, São Paulo, 99 min.

Macabéa é uma jovem feia e órfã solta no mundo aos 19 anos. Analfabeta, ingênua e virgem, vem do Nordeste tentar a vida em São Paulo. O filme mostra a estória do encontro patético deste ser humano com as artimanhas da cidade grande.

Direção e roteiro: Suzana Amaral

Direção de fotografia: Edgar Moura

Direção de arte: Clóvis Bueno

Produção executiva: Assunção Hernandez

Produção: Raiz Produções Cinematográficas Ltda.

Direção de produção: Assunção Hernandez

Empresa produtora: Raiz Produções
Cinematográficas

Montagem: Idê Lacrete

Edição de som: José Luiz Sasso

Trilha sonora original: Marcus Vinicius

Elenco: Marcélia Cartaxo, Fernanda Montenegro,
Tamara Taxman, José Dumont, Umberto Magnani,
Sônia Guedes e Denoy de Oliveira

Figurino: Mauricio Kawamura e Clovis Bueno

Distribuidora: Vitrine Filmes



LOS SILENCIOS

12

2018, Brasil/Colômbia/França, 87 min.

Amparo (Marleyda Soto) e seus filhos Nuria e Fábio chegam a uma pequena ilha no meio da Amazônia, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, fugindo do conflito armado colombiano, onde o pai (Enrique Diaz) e a filha do casal desapareceram. Certo dia, ele reaparece na nova casa de palafitas. A família é assombrada por esse estranho segredo e descobre que a ilha é povoada por fantasmas.

Direção e roteiro: Beatriz Seigner

Direção de fotografia: Sofia Oggioni

Direção de arte: Marcela Gómez

Produção executiva: Leonardo Mecchi

Produção: Beatriz Seigner, Leonardo Mecchi, Thierry Lenouvel e Daniel Garcia

Direção de produção: Sidney Medina e Maria Fernanda Henao

Empresa produtora: Miríade Filmes e Enquadramento Produções

Montagem: Renata Maria

Som: Gustavo Nascimento

Trilha sonora: Nascuy Linares

Elenco: Marleyda Soto, Enrique Diaz, María Paula Tabares Peña, Adolfo Savinino, Astrid Fernanda López Martínez, Doña Albina, Yerson Castellanos, Heider Sanchez, Leidy Prieto Echeverry, Alida Pandurro e José Manuel Ortega

Figurino: Ana María Acosta

Distribuidora: Descoloniza Filmes e Vitrine Filmes



MAIS PESADO É O CÉU

16

2023, Ceará, 98 min.

Após acolher uma criança abandonada, Teresa conhece Antônio e os dois iniciam uma jornada pelas estradas. Para eles, o passado em comum está nas memórias de uma cidade submersa no fundo de uma represa. A vida é sonho, mas o futuro é a incerteza.

Direção: Petrus Cariry

Roteiro: Rosemberg Cariry, Firmino Holanda e Petrus Cariry

Direção de fotografia: Petrus Cariry

Direção de arte: Sérgio Silveira e Lana Benigno

Produção executiva: Bárbara Cariry

Produção: Bárbara Cariry

Direção de produção: Teta Maia e Priscila Lima

Empresa produtora: Iluminura Filmes

Montagem: Petrus Cariry e Firmino Holanda

Mixagem e desenho de som: Érico Paiva (Sapão)

Som: Danilo Carvalho

Trilha Musical: João Victor Barroso

Elenco: Matheus Nachtergaele, Ana Luiza Rios, Sílvia Buarque, Danny Barbosa, Marcos Duarte e Buda Lira

Figurino: Lana Benigno

Distribuidora: Sereia Filmes



NOT DEAD

10

2024, Salvador, 71 min.

Na terra do axé music, punks velhos resistem e vivem com autonomia.

Direção: Isaac Donato

Roteiro: Isaac Donato e Marília Cunha

Direção de fotografia: Hamilton Oliveira

Produção executiva: Marília Cunha

Produção: Marília Cunha e Isaac Donato

Direção de produção: Marília Cunha

Empresa produtora: Movie Ações
Audiovisuais (MAA)

Montagem: Frederico Benevides

Som: Ana Luiza Penna e Pedro Garcia

Mixagem e edição de som: Lucas Coelho

Trilha sonora: Levanta Véio, Pandemônio, Ato 5, Autópsia Social, Inocentes, Cólera e Robson Véio.

Elenco: Rai, Piolho, Moska, Neilton, Luciano Robô, Ed, Yzgoto, Tinho, Luciana e Robson Véio

Distribuidora: Movie Ações Audiovisuais (MAA)



UM DIA COM JERUSA

12

2021, Rio de Janeiro, 74 min.

Um dia com Jerusa conta o encontro entre a sensível Silvia, uma jovem pesquisadora de mercado que enfrenta as agruras do subemprego enquanto aguarda o resultado de um concurso público, e a graciosa Jerusa, uma senhora de 77 anos, testemunha ocular do cotidiano vivido no bairro do Bixiga, recheado de memórias ancestrais. No dia do aniversário de Jerusa, enquanto espera sua família para comemorar, o encontro entre suas memórias e a mediunidade de Silvia lhes proporciona transitar por tempos e realidades comuns às suas ancestralidades.

Direção e roteiro: Viviane Ferreira

Direção de fotografia: Lilis Soares

Direção de arte: Jamile Coelho

Produção executiva: Bruna Anjos e
Viviane Ferreira

Direção de produção: Issis Valenzuela

Empresa produtora: Odun Filmes

Montagem: Daniel Correia

Som: Tales Manfrinato

Trilha sonora: Allan Abbadia

Elenco: Léa Garcia e Débora Marçal

Figurino: Bea Gerolim

Distribuidora: Odun Filmes



PACARRETE

12

2019, Ceará, 97 min.

Pacarrete é uma é uma professora de dança aposentada, incomum, que vive em Russas, interior do Ceará. Na véspera da festa de 200 anos da cidade, ela decide fazer uma apresentação de dança, como presente, “para o povo”. Mas parece que ninguém se importa...

Direção: Allan Deberton

Roteiro: Allan Deberton, André Araújo, Samuel Brasileiro e Natália Maia

Direção de fotografia: Beto Martins

Direção de arte: Rodrigo Frota

Produção executiva: Allan Deberton e Ariadne Mazzetti

Produção: César Teixeira

Direção de produção: Clara Bastos

Empresa produtora: Deberton Filmes

Montagem: Joana Collier

Som direto: Márcio Câmara

Desenho de som: Rodrigo Ferrante e Cauê Custódio

Trilha sonora: Fred Silveira

Elenco: Marcélia Cartaxo, Zezita Matos, Soia Lira, João Miguel, Samya de Lavor, Débora Ingrid, Edneia Tutti Quinto e Rodger Rogério

Figurino: Chris Garrido

Distribuidora: Vitrine Filmes



TIA VIRGINIA

12

2023, Rio de Janeiro, 98 min.

Tia Virginia nunca se casou ou teve filhos. Convencida pelas irmãs, ela muda-se de cidade para cuidar dos pais. O filme se desenrola em um único dia, quando Virginia se prepara para receber as irmãs Vanda e Valquíria, que viajam para celebrar o Natal.

Direção e roteiro: Fabio Meira

Direção de fotografia: Leonardo Feliciano

Direção de arte: Ana Mara Abreu

Produção executiva: Camilo Cavalcanti

Produção: Janaina Diniz Guerra, Fabio Meira

Direção de produção: Chaiana Furtado e
Paulão Costa

Empresa produtora: Roseira Filmes e
coprodução Kinossaurus Filmes

Montagem: Karen Akerman, edt e
Virgínia Flores

Técnico de som: Marcos Manna

Trilha sonora original: Cesar Camargo Mariano

Elenco: Vera Holtz, Arlete Salles, Louise Cardoso,
Vera Valdez, Antonio Pitanga, Daniela Fontan,
Iuri Saraiva e Amanda Lyra

Figurino: Rô Nascimento

Distribuidora: Elo Studio



TRÊS VERÕES

12

2019, Brasil/França, 94 min.

A cada verão, entre o Natal e o Ano Novo, o casal Edgar e Marta recebe amigos e família na sua mansão incrível à beira-mar. Em 2015 tudo parece ir bem, mas em 2016 a mesma festa é cancelada. O que acontece com aqueles que gravitam em torno dos ricos e poderosos quando a vida deles desmorona? Pelo do olhar de uma empregada e de um velho patriarca, ambas vítimas do sonho neoliberal, vemos um retrato do Brasil contemporâneo.

Direção: Sandra Kogut

Roteiro: Sandra Kogut e Iana Cossoy Paro

Direção de fotografia: Ivo Lopes Araújo

Direção de arte: Marcos Pedroso e
Thales Junqueira

Produção executiva: Marcello Ludwig Maia

Produção: Marcello Ludwig Maia

Direção de produção: Flávia Rosa Borges

Empresa produtora: República Pureza Filmes

Montagem: Sergio Mekler edt e Luisa Marques

Som: Bruno Armelin

Edição de som: Tomás Alem e Bernardo Uzeda

Trilha sonora original: Berna Ceppas

Elenco: Regina Casé, Rogério Fróes, Otavio Müller, Gisele Fróes, Vilma Melo, Jessica Ellen, Carla Ribas, Edmilson Barros, Glicério do Rosário, Paulo Verlins, Charles Fricks e Luciano Vidigal

Figurino: Marina Franco

Distribuidora: Arthouse Distribuição



O

14

FRANCO

1994, Senegal/Suíça/França, 45 min.

Marigo, um músico sem dinheiro e de raciocínio rápido, sonha com seu instrumento, Cangoma, que a malvada proprietária do imóvel em que vive confiscou porque ele não podia pagar o aluguel. Então, ele compra um bilhete da loteria nacional, na esperança de eventualmente recuperar seu querido instrumento.

Direção e roteiro: Djibril Diop Mambéty

Direção de fotografia: Stéphan Oriach

Produção executiva: Silvia Voser

Produção: Silvia Voser

Direção de produção: Stephan Oriach

Empresa produtora: Waka Films

Montagem: Stéphan Oriach

Som: Alioune Mbow

Trilha sonora: Issa Cissokho, Dieye Ma, Moussa N'Diaye

Elenco: Dieye Ma Dieye, Aminata Fall, Demba Bâ

Distribuidora: Filmicca



GOLIAS

16

2021, França, 122 min.

France, professora de esportes durante o dia, trabalhadora à noite, é uma ativista contra o uso de pesticidas. Patrick, um obscuro e solitário advogado parisiense, é especialista em direito ambiental. Mathias, lobista brilhante e apressado, defende os interesses de um gigante agroquímico. Seguindo o ato radical de uma pessoa anônima, esses três destinos, que nunca deveriam ter se cruzado, se acotovelam, colidem e se inflamam.

Direção: Frédéric Tellier

Roteiro: Simon Moutaïou e Frédéric Tellier

Direção de fotografia: Renaud Chassaing

Produção: A Single Man Productions

Direção de produção: Marc Fontanel

Empresa produtora: A Single Man e Studiocanal em coprodução com France 3 Cinéma Gapbusters RTBF (Télévision Belge), Proximus Shelter Prod., Dum Dum Films, Labyrinthe Films e JM Films com a participação de France Télévisions, Canal+ e Ciné+

Montagem: Virginie Bruant

Som: Antoine Deflandre

Trilha sonora: Bertrand Blessing

Elenco: Gilles Lellouche, Pierre Niney, Emmanuelle Bercot, Laurent Stocker, Marie Gillain, Jacques Perrin e Yannick Renier

Figurino: Charlotte Betaille

Distribuidora: Bonfilm



HIENAS

14

1994, Senegal/Suíça, 110 min.

Um dos tesouros do cinema africano do mestre senegalês Djibril Diop Mambéty é uma alucinante adaptação cômica da peça *A visita da velha senhora*, do escritor Friedrich Dürrenmatt, que na imaginação de Mambéty segue uma agora rica mulher retornando à sua pobre cidade natal no deserto para propor um acordo à população: sua fortuna, em troca da morte do homem que anos antes a abandonou e a deixou com seu filho. De acordo com o título, *Hienas* é um filme de riso sinistro e uma sátira mordaz de um Senegal contemporâneo cujos sonhos pós-coloniais são confrontados com a erosão pelo materialismo ocidental.

Direção: Djibril Diop Mambéty

Roteiro: Friedrich Dürrenmatt e Djibril Diop Mambéty

Direção de fotografia: Matthias Kälin

Direção de arte: Wasis Diop

Produção executiva: Samba Félix Ndiaye

Produção: Pierre-Alain Meier e Alain Rozanes

Direção de produção: Pierre-Alain Meier

Empresa produtora: Thelma Film Ag e ADR Production

Montagem: Loredana Cristelli

Som: Christine Benoît, Jean-François Auger, Alioune Mbow e Maguette Salla

Trilha sonora: Wasis Diop

Elenco: Ami Diakhate, Mansour Diouf, Faly Gueye, Omar Ba e Djibril Diop Mambéty

Figurino: Oumou Sy

Distribuidora: Filmicca



MAMI WATA

14

2022, Nigéria, 107 min.

Mami Wata é uma divindade adorada pelos habitantes da remota vila de Iyi, na África ocidental. Mama Efe, sua representante, exerce autoridade espiritual na vila, até que a morte de uma criança perturba a paz da comunidade. O poder da divindade passa a ser questionado por aqueles com diferentes ideologias, e Prisca e Zinwe, filhas de Mama Efe, se unem para salvar sua aldeia e restaurar a glória de *Mami Wata* em Iyi.

A obra é o terceiro longa-metragem do talentoso realizador nigeriano C.J. “Fiery” Obasi. Este poderoso folclore do oeste africano recebeu o prêmio Especial do Júri no Festival de Sundance para a Direção de Fotografia, que é assinada brilhantemente pela brasileira Lílís Soares.

Direção e roteiro: C.J. “Fiery” Obasi

Direção de fotografia: Lílís Soares

Direção de arte: Oluseyi Ajode, Prince Obarasua, Chinagorom Ogbonna e Clinton Ovunda

Produção executiva: Francis Nebot, Abbas Nokhasteh, C.J. “Fiery” Obasi, Ododo Owodeha-Ashaka e Mautin Tairu

Produção: Oge Obasi

Direção de produção: Kelechi Udegbe e Hamad William

Empresa produtora: Arnold Setohou

Montagem: Nathan Delannoy

Som e trilha sonora: Sunday Adesugba, Samy Bardet, Adebayo Sodiq e Julie Tournecuillert

Elenco: Rita Edochie, Uzoamaka Aniunoh, Evelyne Ily, Emeka Amakeze e Kelechi Udegbe

Distribuidora: Filmicca



MONSTER

12

2023, Japão, 127 min.

Uma mãe solo amorosa, crianças e um professor atencioso levam uma vida pacífica em uma cidade suburbana do Japão. Um dia, uma briga começa na escola. Parece uma briga comum entre crianças, mas as versões divergem e, aos poucos, se cria um grande escândalo. Então, em uma manhã de tempestade, as crianças desaparecem.

Direção: Hirokazu Kore-eda

Roteiro: Sakamoto Yuji

Direção de fotografia: Ryûto Kondô

Direção de arte: Keiko Mitsumatsu

Produção executiva: Hisashi Usui

Produção: Minami Ichikawa, Ryo Ota, Kiyoshi Taguchi, Hajime Ushioda, Kenji Yamada e Tatsumi Yoda

Direção de produção: Genki Kawamura

Empresa produtora: Gaga Corporation

Montagem: Hirokazu Kore-eda

Som: Kana Miyazaki, Akihiko Okase e Kazuhiko Tomita

Música: Ryuichi Sakamoto

Elenco: Sakura Ando, Eita Nagayama, Soya Kurokawa, Hinata Hiiiragi, Mitsuki Takahata, Akihiro Kakuta, Shidô Nakamura e Yûko Tanaka

Figurino: Kazuko Kurosawa

Distribuidora: Imovision



A PEQUENA VENDEDORA DE SOL

10

1999, Senegal/França, 45 min.

Em Dacar, vender jornais na rua é uma tarefa exclusivamente feita por meninos. Certa manhã, Sili, uma jovem menina, decide desafiar essa regra exclusiva.

Direção e roteiro: Djibril Diop Mambéty

Direção de fotografia: Jacques Besse

Produção executiva: Silvia Voser

Produção: Silvia Voser

Direção de produção: Silvia Voser

Empresa produtora: Maag Daan e Waka Films

Montagem: Sarah Taouss-Matton

Som: Alioune M'Bow

Elenco: Lissa Balera, Aminata Fall, Moussa Baldé, Dieynaba Laam, Tayerou M'Baye, Martin N'Gom e Oumou Samb

Distribuidora: Filmicca



RAFIKI

14

2018, Quênia, 82 min.

Criadas para serem boas esposas e mães, Kena e Ziki anseiam por algo mais. Apesar da rivalidade política entre suas famílias, as garotas resistem e continuam sendo amigas próximas, apoiando-se mutuamente para perseguir seus sonhos em uma sociedade conservadora. Quando o amor floresce entre elas, as duas serão forçadas a escolher entre felicidade e segurança.

Direção: Wanuri Kahiu

Roteiro: Wanuri Kahiu e Jenna Bass

Direção de fotografia: Christopher Wessels

Direção de arte: Arya Laloo

Produção executiva: Tim Headington

Produção: Steven Markovitz

Direção de produção: Kate Mumbua

Montagem: Hessam Binesh

Som: Frederic Salles

Elenco: Samantha Mugatsia, Sheila Munyiva, Neville Misati e Nice Githinji

Figurino: Wambui Thimba

Distribuidora: Olhar Filmes



BLACK RIO! *BLACK POWER!*



2023, Rio de Janeiro, 70 min.

O filme revela o impacto dos bailes soul e do movimento Black Rio na música, na cultura e na luta por justiça racial no Brasil dos anos 1970.

Direção e roteiro: Emílio Domingos

Direção de fotografia: Leo Bittencourt,
Rita Albano (Dafb)

Produção executiva: Leticia Monte

Produção: Leticia Monte e Lula Buarque
de Hollanda

Direção de produção: Ligia Turl

Empresa produtora: Espiral

Coprodutoras: Osmose Filmes e RioFilme

Montagem: Yan Motta

Som direto: Fabio Carneiro Leão e
Toninho Muricy

Edição de som: Vinicius Leal e Daniel Vellutini

Mixagem de som: Jesse Marmo

Elenco: Dom Filó, Agenor Neto, Carlos Dafé,
Carlos Alberto Medeiros, Virgilane Dutra, Salvador
Gomes, DJ Nennén, Neia Souza, José Reinaldo
Marques, Rômulo Costa e Marquinhos de
Oswaldo Cruz

Distribuidora: Taturana Filmes



ELIS & TOM – *SÓ TINHA DE SER* *COM VOCÊ*

12

2022, Rio de Janeiro, 100 min.

Los Angeles, 1974. Tom Jobim, a encarnação da Bossa Nova, e Elis Regina, uma das cantoras mais populares do Brasil, se encontraram para gravar aquele que se tornaria um dos álbuns mais icônicos da história da música brasileira. Por meio de imagens raras e inéditas, *Elis & Tom* revela os conflitos e as alegrias de um momento único, numa viagem no tempo, revelando a intimidade do processo criativo e as personalidades extraordinárias destes fantásticos artistas.

Direção: Roberto de Oliveira e Jom Tob Azulay

Roteiro: Roberto de Oliveira e Nelson Motta

Direção de fotografia 1974: Fernando Duarte

Direção de fotografia 2020/2021: João Wainer

Produção executiva: Renata Leite

Produção: Diogo Pires Gonçalves

Direção de produção: Diogo Pires Gonçalves

Empresas produtora: Rinoceronte Entretenimento

Montagem: João Wainer

Supervisão geral de som: Tejo Damasceno

Edição e concepção de trilha sonora: Tejo Damasceno e Tami Belfer

Mixagem: Eduardo Hamerschlak e Israel Vieira

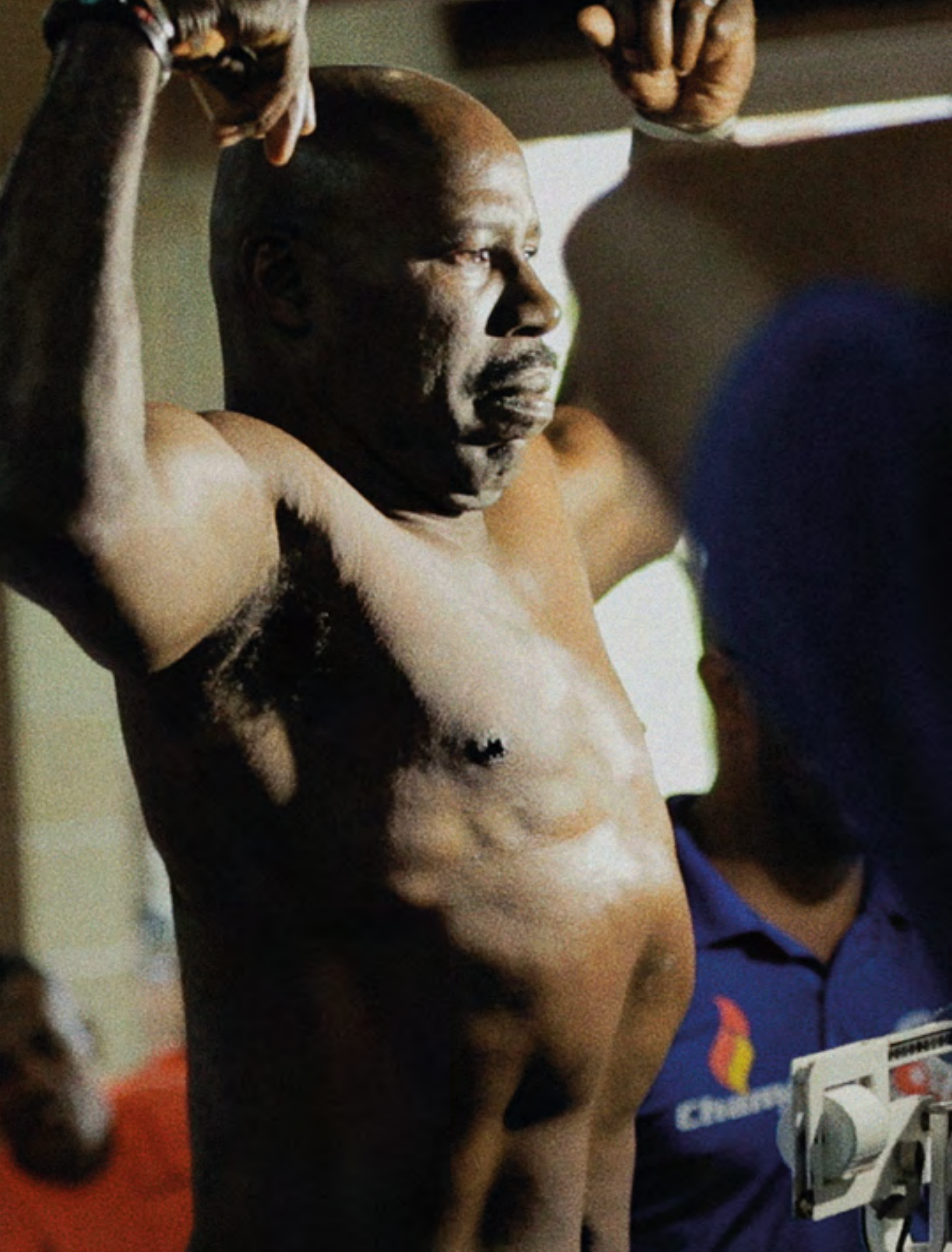
Edição de som: Luiz Felipe Lamussi e Israel Vieira

Trilha sonora: Elis Regina, Antônio Carlos Jobim

Elenco: Elis, Regina, Tom Jobim, Paulo Braga, João Marcelo Bôscoli, César Camargo Mariano, Roberto de Oliveira, Roberto Menescal, Nelson Motta, Frank Sinatra, entre outros.

Figurino: Documentário

Distribuidora: O2 Filmes



A LUTA DO SÉCULO

12

**2018, Bahia/Rio de Janeiro/São Paulo,
78 min.**

O documentário narra a trajetória dos pugilistas Reginaldo Holyfield e Luciano Todo Duro, que encontraram no boxe uma maneira de escapar da miséria e tornaram-se dois dos maiores ídolos do esporte nordestino. A rivalidade entre eles colocou em pé de guerra Bahia e Pernambuco nos anos 1990. Durante mais de 20 anos, os dois se odiaram tanto que não podiam dividir o mesmo espaço sem se agredir. Eles se enfrentaram seis vezes, com três vitórias para cada lado. Durante as filmagens, os inimigos, já com mais de 50 anos, resolveram se enfrentar pela última vez.

Direção: Sérgio Machado

Roteiro: Sérgio Machado e Eli Ramos

Direção de fotografia: Breno Cesar e
Jeronimo Soffer

Design Gráfico: Daniel Wildberger

Produção executiva: Eliane Ferreira

Produção: Diana Gurgel, Eliane Ferreira,
Tânia Rocha, Joana Mariani e Lázaro Ramos

Direção de produção: Chica Mendonça e
Fabíola Aquino

Empresas produtora: Lata Filmes, Mar Filmes,
Mar Grande Produções, Muiraquitã Filmes e Ondina
Filmes

Montagem: Hélio Vilela e Quito Ribeiro

Desenho de som: Beto Ferraz

Mixagem: André Tadeu

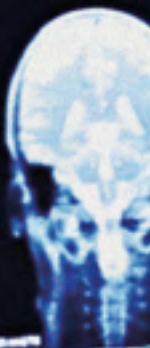
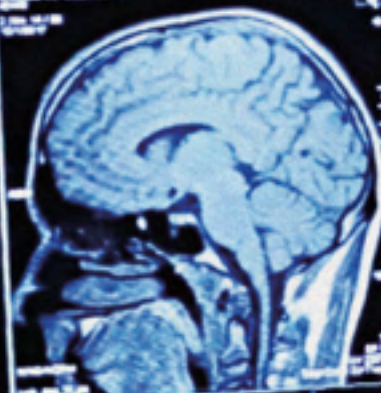
Som direto: Kleber Morais e Lucas Ramalho

Trilha sonora: Beto Villares

Distribuidora: Vitrine Filmes

Extens Applications Transfer Edit Queue Plottool View Image Tools Evaluation

ANATOMICAL ORIENTATION ...
1.00 10.00
10.00 10.00



DANIEL DE CASTRO GONCALVES

200808

LOCALIZADOR FASTE

1.00 10.00

1.00 10.00

1.00 10.00

1.00 10.00

1.00 10.00

1.00 10.00

MEU NOME É DANIEL

12

2018, Rio de Janeiro, 83 min.

Daniel Gonçalves nasceu com uma deficiência que nenhum médico foi capaz de diagnosticar. No documentário pessoal *Meu nome é Daniel*, o jovem cineasta residente no Rio de Janeiro traça o caminho de sua vida para tentar compreender sua condição. Por meio de imagens de arquivo da família e de cenas gravadas hoje em dia, vamos passear por momentos, histórias e reflexões de Daniel.

Direção: Daniel Gonçalves

Roteiro: Daniel Gonçalves, Vinicius Nascimento e Debora Guimarães

Direção de fotografia: Paulo Macedo

Produção executiva: Paulo Macedo, Fabrício Mota, Ricardo Valle, Leo Ribeiro, Sabrina Garcia e Vitor Leite

Produção: Daniel Gonçalves, Roberto Berliner e Rodrigo Letier

Direção de produção: Bia Medeiros e Tatiana Groff

Empresa produtora: SeuFilme Produções Audiovisuais e TvZero Cinema

Montagem: Vinicius Nascimento

Som direto: PC Azevedo e Rafael Bordalo

Edição de som: Bernardo Uzeda

Trilha sonora: Pedro Mibielli

Elenco: Daniel Gonçalves

Distribuidora: Olhar Filmes



MEU SANGUE FERVE POR VOCÊ

12

2023, São Paulo, 97 min.

Em 1979, Sidney Magal, um dos artistas mais populares e celebrados do país, segue a rotina de ensaios e compromissos em Salvador. Durante um programa de TV, conhece a deslumbrante Magali e é acometido por uma paixão inédita e avassaladora. Para conquistá-la, precisará vencer a resistência de Jean Pierre, seu empresário passional, além da desconfiança da família, amigos e da própria Magali. Embalado por grandes sucessos, o filme *Meu sangue ferve por você* narra os encontros e desencontros dessa explosão de amor que mudará para sempre a vida do casal Magal e Magali.

Direção: Paulo Machline

Roteiro: Roberto Vitorino, Homero Olivetto, Paulo Machline e Thiago Dottori

Direção de fotografia: Marcelo Durst, ABC

Direção de arte: Marinês Mêncio

Produção executiva: André Montenegro (UPEX) e Diane Maia

Produção: Diane Maia, Joana Mariani, Dan Klabin e Paulo Machline

Direção de produção: Duda Lima

Empresa produtora: Amaia e Mar Filmes

Montagem: Eduardo Pires de Vasconcelos

Edição de som: Miriam Biderman, ABC e Ricardo Reis

Mixagem: Toco Cerqueira

Trilha sonora original: LOUD+

Elenco: Filipe Bragança, Giovana Cordeiro, Caco Ciocler, Emanuelle Araújo, Sidney Santiago Kuanza, Sol Menezes, Pablo Moraes e Tânia Toko

Figurino: Masta Arianne

Distribuidora: Vitrine Filmes



MUSSUM, UM FILME DO CACILDIS

10

2019, Rio de Janeiro, 74 min.

Documentário que conta a trajetória do músico e comediante Mussum. Primeiro como vocalista do grupo Os Originais do Samba e depois no cinema e na TV como integrante de Os Trapalhões, grupo que revolucionou a forma de fazer humor na teledramaturgia brasileira. De maneira irreverente e com estética gráfica inovadora, o filme vai revelar ao grande público quem foi esse artista que brilhou por todas as áreas das artes brasileiras e que continua presente até hoje como um ícone pop nas redes sociais, em camisetas e em campanhas publicitárias.

Direção: Susanna Lira

Roteiro: Bruno Passeri e Michel Carvalho

Direção de fotografia: Jorge Bernardo

Direção de arte: Tais Gloria

Produção executiva: Livia Nunes

Produção: Modo Operante Produções

Empresa produtora: Modo Operante Produções

Montagem: Vinicius Nascimento

Som: Tito Gomes

Trilha sonora original: Pretinho da Serrinha

Narração: Lázaro Ramos

Distribuidora: Elo Studios



NOSSO SONHO

12

2023, Rio de Janeiro, 120 min.

Nosso sonho é uma cinebiografia de Claudinho e Buchecha, dupla de maior sucesso do funk melody nacional de todos os tempos e ícone máximo do gênero na música brasileira. A história de uma amizade que se transforma em força de superação e conquista. Um filme que mostra como o ritmo e a poesia da periferia conquistaram o Brasil. Uma história real repleta de fantasia. Um musical, emocionante e divertido, feito de drama e tragédias, mas também de humor, surpresas e redenção.

Direção: Eduardo Albergaria

Roteiro: Daniel Dias e Eduardo Albergaria

Direção de fotografia: João Atala

Direção de arte: Karen Araujo

Produção executiva: Tarcila Jacob e
Leonardo Edde

Produção: Leonardo Edde

Direção de produção: Renato Pimentel

Empresa produtora: Urca Filmes

Montagem: Eduardo Albergaria e Waldir Xavier

Som: Pedro Saldanha

Trilha sonora: Plínio Profeta

Elenco: Juan Paiva, Marcio Vito, Lucas “Koka”
Penteado, Isabela Garcia, Nando Cunha, Cecília Costa,
Tatiana Tibúrcio, Nego Ney, Lellê, Ceejay, Clara
Moneke, Ygor Carlos, Gustavo Coelho, Juliana Thiré,
Boca de O9, Paula Lucena, Antonio Pitanga, Anderson
Guimarães, Flavia Souza, Josie Antello, Reinaldo
Junior, Marcio Mariante, Julia Shimura, Léo Castro e
Giulie Oliveira.

Figurino: Alex Brollo

Distribuidora: Vitrine Filmes



OTHELO, O GRANDE

12

2023, Rio de Janeiro, 82 min.

Sebastião Bernardes de Souza Prata, o Grande Otelo, foi um dos maiores atores e comediantes do país. Órfão e neto de escravos, escapou da pobreza para forjar uma carreira que rompeu todas as barreiras imagináveis para um ator negro.

Direção e roteiro: Lucas H. Rossi

Produção executiva: Ailton Franco Jr.

Produção: Ailton Franco Jr.

Empresa produtora: Franco Filmes

Montagem: Willem Dias (AMC) e Lucas H. Rossi

Mixagem de som: Bernardo Adeodato e
Cristiano Scherer

Desenho de som: Waldir Xavier

Produção musical: Ori Musiclub

Distribuidora: Livre Filmes



O DIA QUE TE CONHECI

14

2023, Minas Gerais, 71 min.

Zeca todo dia tenta levantar-se cedinho para pegar o ônibus e chegar, uma hora e meia depois, na escola da cidade vizinha, onde trabalha com bibliotecário. Acordar cedo anda cada vez mais difícil, há algo que o impede de manter esse cotidiano. Um dia, Zeca conhece Luisa.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Ronaldo Dimer

Direção de arte: Esther az

Produção executiva: Marianne Macedo Martins e André Novais Oliveira

Produção: Thiago Macêdo Correia, André Novais Oliveira, Maurilio Martins e Gabriel Martins

Direção de produção: Jacson Dias

Empresa produtora: Filmes de Plástico

Montagem: André Novais Oliveira

Som: Priscila Nascimento

Desenho de som e mixagem: Tiago Bello

Elenco: Renato Novaes, Grace Passô, Stan Alba, Fabricio FBC e Kelly Crifer

Figurino: Esther az

Distribuidora: Filmes de Plástico



ELA VOLTA NA QUINTA

12

2014, Minas Gerais, 108 min.

Alguém partiu, alguém ficou.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Gabriel Martins

Direção de arte: Tati Boaventura

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia

Produção: Thiago Macêdo Correia

Direção de produção: Thiago Macêdo Correia

Empresas produtora: Filmes de Plástico

Montagem: Gabriel Martins

Edição de som: Fábio Baldo

Elenco: Maria José Novais Oliveira, Norberto Novais Oliveira, André Novais Oliveira, Renato Novais Oliveira, Élide Silpe, Carla Patrícia

Figurino: Tati Boaventura

Distribuidora: Vitrine Filmes



FANTASMAS

12

2010, Minas Gerais, 11 min.

O fantasma da ex.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Gabriel Martins

Produção executiva: Gabriel Martins, Maurílio Martins e André Novais Oliveira

Produção: Alessandra Veloso, Matheus Antunes, Thiago Taves, Mariana Souto, Gabriel Martins, Maurílio Martins e André Novais Oliveira

Empresa produtora: Filmes de Plástico

Montagem: Gabriel Martins

Som: André Novais Oliveira

Elenco: Gabriel Martins, Maurílio Martins e Gabriela Monteiro

Distribuidora: Filmes de Plástico



NOSSA MÃE ERA ATRIZ

10

2023, Minas Gerais, 26 min.

Maria José Novais Oliveira, uma senhora negra, moradora da periferia de Contagem, já nos seus 60 anos se tornou atriz de cinema, com uma carreira premiada no Brasil e internacionalmente. Este documentário rememora a imagem de uma mulher ímpar, que marcou o cinema brasileiro dos anos 2010.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira e Renato Novaes

Produção: André Novais Oliveira, Thiago Macêdo Correia, Gabriel Martins e Maurílio Martins

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia

Empresa produtora: Filmes de Plástico e Malute Filmes

Montagem: Higor Gomes e André Novais Oliveira

Depoimentos: Bárbara Colen, Grace Passô, Gláucia Vandeveld e Gilda Nômace

Distribuidora: Malute Filmes

RO



POUCO MAIS DE UM MÊS

12

2013, Minas Gerais, 23 min.

No começo é assim mesmo.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Gabriel Martins e
Bruno Risas

Direção de arte: Tati Boaventura

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia e André Novais
Oliveira

Produção: André Novais Oliveira,
Gabriel Martins, Maurilio Martins e
Thiago Macêdo Correia

Empresa produtora: Filmes de Plástico

Montagem: Gabriel Martins

Som: Bruno Vasconcelos

Elenco: André Novais Oliveira e Élide Silpe

Figurino: Tati Boaventura

Distribuidora: Filmes de Plástico



QUINTAL

14

2015, Minas Gerais, 20 min.

Mais um dia na vida de um casal de pessoas idosas da periferia.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Gabriel Martins

Direção de arte: Mariana Souto e Tati Boaventura

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia

Produção: André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurilio Martins e Thiago Macêdo Correia

Direção de produção: Luna Gomide

Montagem: Thiago Ricarte

Som direto: Maurilio Martins

Editor de som: Daniel Mascarenhas

Elenco: Maria José Novais Oliveira, Norberto Novais Oliveira, Ítalo Laureano, Miriam Franco, Marcos Dumont, Roberta Veiga, Geraldo Veloso e Nísio Teixeira

Figurino: Mariana Souto e Tati Boaventura

Distribuidora: Filmes de Plástico



TEMPORADA

12

2018, Minas Gerais, 113 min.

Juliana está se mudando de Itaúna, no interior do estado, para a periferia de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, para trabalhar no combate a endemias na região. Em seu novo trabalho, ela conhece pessoas e vive situações pouco usuais que começam a mudar sua vida. Ao mesmo tempo, ela enfrenta as dificuldades no relacionamento com o marido, que também está prestes a se mudar para a cidade grande.

Direção e roteiro: André Novais Oliveira

Direção de fotografia: Wilssa Esser

Direção de arte: Diogo Hayashi

Produção executiva: Thiago Macêdo Correia

Produção: André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurilio Martins, Thiago Macêdo Correia

Direção de produção: Marcella Jacques

Empresa produtora: Filmes de Plástico e World Sales Figa Film

Montagem: Gabriel Martins

Som: Tiago Bello, Marcos Lopes

Trilha sonora: Pedro Santiago

Figurino: Rimenna Procópio

Elenco: Grace Passô, Russo Apr, Rejane Faria, Hélio Ricardo, Juliana Abreu, Renato Novaes, Sinara Teles e Jade Souza

Distribuidora: Vitrine Filmes

**A vida
acontece
com o Sesc**



sesc.com.br